

UNIVERSIDADE SÃO JUDAS TADEU
Programa de Pós-Graduação Stricto-Sensu em Educação Física

**A CONTRIBUIÇÃO DOS COLÉGIOS PARTICULARES DA CIDADE DE SÃO PAULO
NA PROPAGAÇÃO DO *FOOT-BALL* ENTRE 1900 A 1930: UM ESTUDO DE CASO DO
COLÉGIO MARISTA ARQUIDIOCESANO**

OSMAR NOVAES FERREIRA JUNIOR

SÃO PAULO
2013

UNIVERSIDADE SÃO JUDAS TADEU
Programa de Pós-Graduação Stricto-Sensu em Educação Física

**A CONTRIBUIÇÃO DOS COLÉGIOS PARTICULARES DA CIDADE DE SÃO PAULO
NA PROPAGAÇÃO DO *FOOT-BALL* ENTRE 1900 A 1930: UM ESTUDO DE CASO DO
COLÉGIO MARISTA ARQUIDIOCESANO**

OSMAR NOVAES FERREIRA JUNIOR

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu / Mestrado em Educação Física da Universidade São Judas Tadeu, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Física, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Eliana de Toledo.

SÃO PAULO
2013

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Universidade São Judas Tadeu**

Bibliotecário: Ricardo de Lima - CRB 8/7464

F383c Ferreira Junior, Osmar Novaes
A contribuição dos colégios particulares da cidade de São Paulo na propagação do Foot-Ball entre 1900 a 1930 : um estudo de caso do colégio Marista Arquidiocesano / Osmar Novaes Ferreira Junior. - São Paulo, 2013.

149 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Eliana de Toledo.

Dissertação (mestrado) – Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2013.

1. Educação física escolar. 2. Futebol - História. 3. São Paulo. I.

Toledo, Eliana de . II. Universidade São Judas Tadeu, Programa de

OSMAR NOVAES FERREIRA JUNIOR

**A CONTRIBUIÇÃO DOS COLÉGIOS PARTICULARES DA CIDADE DE SÃO PAULO
NA PROPAGAÇÃO DO FOOT-BALL ENTRE 1900 A 1930: UM ESTUDO DE CASO DO
COLÉGIO MARISTA ARQUIDIOCESANO**

*Dissertação de Mestrado apresentada a USJT – Universidade São Judas Tadeu, como
requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Educação Física, sob a orientação da
Professora Doutora Eliana de Toledo.*

Banca examinadora

Titular – Prof. Dra. Eliana de Toledo (orientadora)
Universidade São Judas Tadeu – SP

Titular – Prof. Dr. Silvio Ricardo da Silva
Universidade Federal de Minas Gerais – MG

Titular – Prof. Dra. Graciele Massoli Rodrigues
Universidade São Judas Tadeu – SP

SÃO PAULO

2013

DEDICATÓRIA

À Deus, por agraciar-me com o dom da vida, e estar presente iluminando o meu caminho em todos os momentos.

À minha esposa **Rita**, uma mulher muito especial, que com sua sabedoria, paciência e sensibilidade contribuiu de forma imensurável para que este trabalho se concluísse, “Eu te amo”.

Aos meus filhos **Matheus** e **João Victor**, por entenderem que os momentos de minhas ausências “e não foram poucas”, o que me fortalecia e amenizava a saudade era saber que todo o esforço era em função de vocês. Mas tenho certeza que terão muito orgulho em saber que esse trabalho também pertence á vocês.

Aos meus pais, **Osmar** e **Nair** que desde o plano espiritual aceitaram me ter como “filho”, assumindo um compromisso de educar e contribuir na formação de uma pessoa íntegra e honesta, e principalmente incentivando em todos os momentos difíceis que a vida me apresentou e continuará a apresentar. Saibam que as suas palavras de conforto enriquecidas de sabedoria, paciência e amor, tornaram-me uma pessoa melhor nesse processo de evolução.

As minhas irmãs **Joyce** e **Elaine**, que a cada nova conquista da minha vida demonstrou um orgulho enorme em ter-me como uma referência em suas vidas.

A minha nova família **Martinez Camilo**, por serem compreensivos nos momentos de ausência dos nossos agradáveis encontros.

Aos meus amigos e irmãos de batalha, **Silvio, Daniel, João Paulo e Terrinha**, por estarem sempre prontos a me ouvirem, apoiando e aconselhando-me, realmente vocês são ímpares na minha vida.

A minha orientadora Professora Dra.**Eliana de Toledo**, por acreditar na realização desse sonho.

AGRADECIMENTOS

Ao professor Dr. Edivaldo Góis Junior, pelo convite ao ingresso no Mestrado, aceitando-me como seu orientando. “Edinho” meu amigo, mesmo que por motivos diversos não tenha podido estar na banca, saiba que esse trabalho também lhe pertence, muito obrigado.

À minha orientadora Dra. Eliana de Toledo, carinhosamente conhecida como “Licca”, por ter assumido o desafio e compromisso de dar continuidade ao trabalho, além do carinho e paciência nos nossos encontros durante as enriquecedoras orientações.

À grande amiga Cheila Bragadin, pelo carinho e zelo dispensado na realização da revisão ortográfica desse trabalho.

Aos meus coordenadores e professores do Curso de Educação Física da Universidade Nove de Julho, em especial ao professor Ms. Emerson Eduardo Ferreira pela contribuição na construção desse trabalho, valeu “Parceiro !!!!”.

Aos alunos do Curso de Educação Física da Universidade Nove de Julho (Uninove) e Faculdade Unidas de Suzano (Unisuz), pela torcida na obtenção desse título de Mestre.

À todos os colaboradores da pesquisa, especialmente a Sra. Raquel Quirino Pinãs e o Sr. Ricardo Tomasiello Pedro, responsáveis pelo acervo do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo.

Aos Professores do Curso de Pós Graduação do Programa de Mestrado em Educação Física da USJT que, não tenham dúvidas, colaboraram para a minha formação.

Aos Professores Dra. Graciele Massoli Rodrigues e Dr. Silvio Ricardo da Silva, membros da Banca pelas colaborações ao trabalho.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1	Encarte publicitário do Memorial do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo	31
Imagem 2	Marcelino Champagnat	34
Imagem 3	Guide des Écoles Cópia do único exemplar da 1ª Edição de 1853	37
Imagem 4	Guia das Escolas	38
Imagem 5	Grupo dos primeiros Irmãos Maristas que chegaram ao Brasil no dia 15 de Outubro de 1897	47
Imagem 6	Recreio dos Menores 1906. Colégio Diocesano	49
Imagem 7	Collegio Archidiocesado de S. Paulo – Fachada Principal – 1908	52
Imagem 8	Curso Preliminar – 1908	54
Imagem 9	Primeiro Anno Gymnasial– 1908	54
Imagem 10	Segundo Anno Gymnasial– 1908	54
Imagem 11	Terceiro Anno Gymnasial– 1908	54
Imagem 12	Quarto Anno Gymnasial– 1908	54
Imagem 13	Quinto e Sexto Anno Gymnasial– 1908	54
Imagem 14	Revista do Collegio - 1924	61
Imagem 15	Revista do Collegio - 1924	62
Imagem 16	Gymnastica Sueca – Menores 1918	63
Imagem 17	Festa Esportiva – Gymnastica esthetica - 1924	64
Imagem 18	Instrução Militar sob a Direção do DD. Tenente Brazílio Carneiro de Castro - 1908	68
Imagem 19	Distincto Officiaes do Batalhão Collegial prestando honras à Bandeira - 1917	69
Imagem 20	O Recreio dos Médios - 1914	70

Imagem 21	Nota do Passeio realizado pelos alunos do Gymnasio do Colégio S. Bento de São Paulo – 1905	89
Imagem 22	1º Team de <i>Foot-Ball</i> do Gymnasio do Colégio S. Bento – Vencedor da Taça do Campeonato de 1909	91
Imagem 23	Destemidos Jogadores do 1º <i>Club</i> “Progreso” Médios - 1908	93
Imagem 24	Nota na revista Échos sobre o Sports no Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo - 1912	94
Imagem 25	Jogadores do <i>Club</i> Infantil “Esperança” – Menores - 1910	95
Imagem 26	Jogadores do <i>Club</i> “Progreso” – Médios - 1910	96
Imagem 27	Jogadores da Liga Gymnasial – Maiores - 1910	96
Imagem 28	Relação dos <i>Teams</i> em 1912	98
Imagem 29	<i>Foot-Ball</i> – Equipe dos Maiores (os invencíveis) - 1930	99
Imagem 30	<i>Foot-Ball</i> – Grupo dos Menores - 1930	99
Imagem 31	Nota na Revista Échos de 1912 sobre as eleições para a diretoria do <i>Club</i> “Progreso”	100
Imagem 32	Nota na Revista Échos de 1912 sobre a liga do <i>Club</i> “Progreso”	103
Imagem 33	Nota na Revista Échos de 1912 sobre a liga do <i>Club</i> “Progreso”	104
Imagem 34	Registro de uma partida de futebol entre Santistas e Paulistas - 1913	106
Imagem 35	Vista Geral do Colégio e Pátios - 1931	111
Imagem 36	Chronica Sportiva da Revista Échos de 1916	112
Imagem 37	1º e 2º <i>Team</i> dos Menores do Colégio de 1917	114
Imagem 38	<i>Team</i> dos Maiores do Colégio de 1917	114
Imagem 39	<i>Team</i> dos Médios do Colégio de 1920	115
Imagem 40	Retrospecto Geral dos Jogos de Futebol do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo em 1922	115
Imagem 41	Jogadores da Liga Gymnasial do Colégio de 1901 – Maiores	118

Imagem 42	Conquista do campeonato de 1909 da Liga Gymnasial pelo Ginásio São Bento	119
Imagem 43	1º <i>Team de Foot-Ball</i> do Gymnasio – Vencedor da Taça do Campeonato de 1909	120
Imagem 44	Noticia sobre a Liga Gymnasial de <i>Foot-Ball</i> no jornal O Estado de São Paulo em 1910	121
Imagem 45	Noticia sobre a Liga Escolar no jornal O estado de São Paulo em 1906	123
Imagem 46	Noticia sobre a Liga Infantil no jornal O estado de São Paulo em 1905	124
Imagem 47	Noticia sobre a Liga Infantil no jornal O estado de São Paulo em 1914	125

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Colégios Particulares do Estado de São Paulo em 2011	26
Tabela 2	Número de colégios particulares cadastrados na Secretaria de Educação de São do Estado de Paulo no período entre 1900 a 1920 por Diretoria de Ensino	27
Tabela 3	Colégios particulares pertencentes à Diretoria de Ensino Central do Estado de São Paulo no período entre 1900 a 1920	28
Tabela 4	Colégios particulares que manifestaram interesse em participar da pesquisa	29
Tabela 5	Número de equipes de Futebol (por times) no Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo	108

SUMÁRIO

Capítulo 1	
Introdução	16
Capítulo 2	
Caminhos Metodológicos	22
2.1 Amostras dos Colégios Participantes	25
Capítulo 3	
A Origem dos Irmãos Maristas	32
3.1 Fundação do Instituto Marista	33
3.1.1 Marcelino Champagnat (1789-1840)	34
3.2 Guia das Escolas (<i>Guide des Écoles</i>)	37
3.2.1 Jogos e Ginástica nas aulas de Educação Física	39
3.3 A chegada dos primeiros Irmãos Maristas ao Brasil	46
3.4 A origem do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo	48
Capítulo 4	
O Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo e suas práticas corporais	56
4.1 Aspectos das práticas corporais no Brasil entre 1900 a 1930	57
4.2 A Ginástica	61
4.3 A Instrução Militar	66
4.4 O Recreio	70
Capítulo 5	
O <i>FootBall</i>	73
5.1 O <i>Association Foot-ball</i> e o ambiente escolar	74
5.2 O <i>Foot-ball</i> no Brasil	79
Capítulo 6	
O <i>Foot-Ball</i> no Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo	86
6.1 A Prática do Foot-ball nos Colégios Paulistas	88
5.2 A Liga Escolar de Foot-ball	118

Capítulo 7

Descobertas e novos caminhos para Reflexão 127

Referências 133

Apêndice 138

APÊNDICE A - Carta de apresentação da Pesquisa ao Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo 138

APÊNDICE B - Carta de apresentação da Pesquisa ao Colégio São Bento 139

APÊNDICE C - Solicitação de autorização para citação nominal na pesquisa – Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo 140

APÊNDICE D - Solicitação de autorização para citação nominal na pesquisa – Colégio São Bento 141

APÊNDICE E - Solicitação de autorização para citação nominal na pesquisa – Colégio Dante Alighieri 142

APÊNDICE F - Solicitação de autorização para citação nominal na pesquisa – Mackenzie Colégio Presbiteriano 143

Anexos 144

ANEXO A - Autorização da pesquisa no Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo 144

ANEXO B - Autorização da pesquisa no Colégio São Bento 145

ANEXO C - Autorização para citação nominal na pesquisa – Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo 146

ANEXO D - Autorização para citação nominal na pesquisa – Colégio São Bento 147

ANEXO E - Autorização para citação nominal na pesquisa – Colégio Dante Alighieri 148

ANEXO F - Autorização para citação nominal na pesquisa – Centro Histórico Mackenzie 149

RESUMO

Pesquisar sobre o futebol brasileiro a partir de uma perspectiva histórica nos possibilita entender como o mesmo se constituiu atualmente num esporte de visibilidade, praticado por brasileiros de diferentes faixas etárias, etnias e classes sociais, ou seja, uma manifestação que faz parte do cotidiano do brasileiro, direta ou indiretamente. São vastas as literaturas que abordam o contexto histórico do futebol brasileiro, apontando com densidade para os aspectos sociais, políticos e culturais do esporte, em contra partida são tímidas as literaturas que discorrem sobre a prática do *foot-ball* nos colégios elitizados de São Paulo entre 1900 a 1930. Já se sabe sobre a prática do *foot-ball* no colégio jesuítico São Luiz, fundado em 1861 em Itu. Neste contexto, objetiva-se neste trabalho verificar como o *foot-ball* se estabeleceu como prática no colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo, no período compreendido entre 1900 a 1930, identificando suas formas de práticas e organização dentro dos colégios, e fornecendo indícios para uma reflexão acerca da contribuição dos colégios particulares de São Paulo no processo de propagação do *foot-ball*. Trata-se de uma pesquisa histórica, com uma abordagem qualitativa alicerçada em fontes documentais (como os anuários escolares, fontes iconográficas, registros e o jornal de grande circulação “O Estado de São Paulo”) e que tem como referencial teórico Eric Hobsbawm e Terence Ranger. Durante o desenvolvimento do trabalho, foi abordado a relação entre *foot-ball* e a escola (em nível internacional e nacional), a chegada do Futebol em São Paulo, e indícios do surgimento e desenvolvimento do futebol no ambiente escolar (curricular ou extracurricular) no Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo no período da pesquisa já referendado. Assim, a pesquisa justifica-se devido os referenciais teóricos apresentarem certa tendência em olhar somente o papel clubístico como a mola propulsora para a divulgação do *foot-ball* no Brasil, desmistificando-a. Além de explicar e enaltecer a relevância do colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo (1900 a 1930), em conjunto com outros colégios e clubes para a massificação do esporte. Portanto, fundamentados por todos os registros contidos nesta pesquisa, fica-nos a certeza da inestimável colaboração do colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo assim como outros colégios particulares (que participavam dos campeonatos organizados pelas ligas escolares) para a propagação do Foot-Ball, no início do século XX, que conjuntamente com os clubes deram os passos iniciais e fundamentais para a massificação deste esporte (mesmo que num segundo momento isso possa ser mais creditado ao papel dos clubes). Ao mesmo tempo que fica-nos esta certeza, também nos habita o desejo de que outras pesquisas sejam realizadas com esta temática (especialmente utilizando-se os valiosos acervos dos colégios), abrindo assim novas perspectivas para a historiografia do futebol, para seu presente e futuro em nosso país.

Palavras-chave: Educação Física; História; Futebol.

ABSTRACT

Research on Brazilian foot-ball from a historical perspective enables us to understand how it is currently constituted visibility of a sport practiced by Brazilians of different ages, ethnicities and social classes, i.e. an expression that is part of daily Brazilian directly or indirectly. There are vast literatures that discuss the historical context of Brazilian foot-ball, with density pointing to the social, political and cultural aspects of the sport. On the contrary, there is little content in literatures who talk about foot-ball practice in the elite schools of São Paulo from 1900 to 1930. The practice of foot-ball is known in the St. Louis Jesuit college, founded in 1861 in Itu. In this context, the objective of this research was to verify how the foot-ball practice has established as the Marist College Archdiocesan of São Paulo, in the period from 1900 to 1930, identifying their practices and forms of organization within the school, and providing evidence for a reflection on the contribution of schools in the process of spread of foot-ball. It is a historical research with a qualitative approach rooted in documentary sources (such as school yearbooks, iconographic sources, records and major newspaper "O Estado de São Paulo) with Eric Hobsbawn and Terence Ranger as a theoretical reference. During the development of this paper, the following will be addressed: the relationship between foot-ball and school (in international and national level), the arrival of Football in Sao Paulo, and traces of the emergence and development of foot-ball in the school environment (curricular or extracurricular) at Marist College Marist Archdiocesan of São Paulo during the period of study already referenced. Thus, the research is justified by presenting the theoretical tendency to look only at the role of foot-ball clubs as the driving force for the dissemination of foot-ball in Brazil, demystifying it. This is besides explaining and extolling the importance of Marist College Archdiocesan of São Paulo (1900-1930), together with other schools and clubs for the massification of sport. Therefore, based on all records contained in this research, it is us the certainty of inestimable collaboration of Marist College Archdiocese of São Paulo as well as other private schools (who participated in the championships organized by school leagues) to the spread of Foot-Ball, in early twentieth century, which together with the clubs gave the initial steps and fundamental to the mass of the sport (even if at a later stage it can be credited to the role of clubs). At the same time it gets us this certainty, also dwells in the hope that further research be conducted with this issue (especially using the valuable collections of the colleges), thus opening new perspectives for the history of football, for their present and future in our country.

Keywords: Physical Education, History, Foot-ball.

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO

Investigar o futebol¹ neste trabalho significa continuar uma trajetória marcada por múltiplas e diferentes experiências em fases distintas da minha vida. Na infância, ao acompanhar o responsável por minha paixão pelo futebol, e grande incentivador dos meus primeiros chutes, “meu pai”; na segunda infância uma trajetória motivada pelas aulas de Educação Física Escolar e pelas aulas da escolinha de esportes do SESI; até a adolescência nos treinamentos de Futebol de Campo (União de Mogi das Cruzes, Sport Clube Corinthians Paulista e ADC Hoechst), e Futsal (ADC Hoechst). Experiências essas que me levaram a Universidade de Mogi das Cruzes para frequentar o curso de Educação Física, que por sua vez, me proporcionou o contato com novas formas de praticar, ensinar e, principalmente, de pensar o futebol, motivando-me a seguir a carreira de professor dessa área ao concluir a graduação em 2000.

Minhas inquietações e a busca por conhecimentos científicos sobre o futebol emergiram no momento que comecei a lecionar no Ensino Superior do Curso de Educação Física, sedento em contribuir de forma significativa na formação dos meus alunos, principalmente por se tratar de um esporte que culturalmente, de forma direta ou indireta é assunto frequente em nossa sociedade, principalmente pela representatividade atribuída ao esporte pelos diversos meios de comunicação.

Longas foram as conversas com os colegas de profissão no intuito de compartilhar informações que delineassem o processo pedagógico do futebol no curso.

As indagações sobre o futebol me motivaram a direcionar o olhar para a pesquisa histórica, buscando compreender como se deu o início do futebol no Brasil, identificando quais foram os personagens e as instituições envolvidas na massificação do esporte, e conhecer sua representatividade social no período de chegada ao país. A partir desse momento entendi que como professor de ensino superior, as respostas poderiam ser

¹ Será adotado o termo futebol para referir se ao futebol de campo, regulamentado e praticado na contemporaneidade.

respondidas por meio de muita leitura, produção científica e densos debates (principalmente com profissionais que estudam e refletem a temática do futebol).

Portanto, em 2010 aceitei o convite do Professor Dr. Edvaldo Góis Junior para participar do Grupo de estudo em História na Universidade São Judas Tadeu (USJT), e após vários encontros, discussões e reflexões não tive mais dúvidas de que com a ajuda dos colegas do grupo, nascia o projeto de pesquisa histórica na área do futebol.

Durante o processo de revisão das literaturas de cunho acadêmico e popular, que abordam a temática do futebol, notou-se uma convergência por partes dos autores pesquisados ao apontarem que: a partir da mobilização dos clubes o esporte tornou-se conhecido, e, conseqüentemente se deu início ao processo de popularização deste esporte. Entretanto, em 1933, ocorreu a profissionalização do futebol, sendo esse momento a mola propulsora para a massificação² do esporte no Brasil.

Indiscutivelmente esse momento foi importante para o futebol, pois a partir da profissionalização se deu “[...] o momento em que o futebol conquista definitivamente o grande público” (CALDAS, 1990, p.44), tendo como efeito o desencadeamento em definitivo da democratização do esporte, elevando o futebol a um patamar de interesse da sociedade, aumentando o número de espectadores e torcidas nos jogos além da notoriedade que a mídia impressa passou a dedicar em seus editais sobre o futebol.

A profissionalização foi uma fase do processo de desenvolvimento do esporte, que foi antecedida pela fase do amadorismo onde o *foot-ball*³ era praticado nos clubes elitizados que se mobilizaram e fundaram as primeiras Ligas amadoras que foram responsáveis pela organização dos primeiros campeonatos.

² O termo massificação foi adotado nessa pesquisa para referir-se a adoção do *Foot-ball* como prática ou como entretenimento por um grande número de pessoas, independente da classe social, faixa etária, etnia etc.

³ Termo em inglês que era utilizado no século XIX até meados de XX, tanto no exterior como no Brasil, para referir-se à modalidade que atualmente denominados de Futebol. Por respeito ao período histórico estudado, manteremos a terminologia em Inglês quando nos referimos a este período (preservando assim a terminologia original)..

Essas fases são enaltecidas nas literaturas revisadas e são tratadas com muita densidade pelos autores, entretanto, não se encontrou a mesma densidade e profundidade por parte dos mesmos quando abordavam a fase em que o *Foot-Ball* esteve presente no contexto escolar, especialmente na fase amadora até 1930. Atualmente ainda são escassas as literaturas que abordam essa fase e este contexto de prática, que compreende não só a chegada do *Foot-Ball* no Brasil como também a sua crescente manifestação dentro dos muros escolares no início do século XIX.

Ao encontro destas descobertas, também vieram os meus questionamentos acerca da participação de outras instituições, além dos clubes que contribuíram na massificação do esporte, pois parecia no mínimo suspeito, que os clubes fossem os únicos responsáveis por esse processo. Assim como também parecia suspeito a não ocorrência de manifestações anteriores que possibilitaram ou proporcionaram ou até mesmo que foram co-responsáveis pela profissionalização do *Foot-Ball*.

Imerso nesta problemática, essa pesquisa objetiva investigar e analisar a contribuição do colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo para a propagação do *Foot-Ball* nesta cidade, no período compreendido entre 1900 a 1930, abrindo espaço para novos pensares acerca da contribuição das escolas (especialmente as particulares) para o desenvolvimento e conseqüentemente a massificação do *Foot-Ball*.

Dito de outro modo, essa pesquisa tem como objetivo analisar como o *Foot-Ball* se estabeleceu como prática no colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo no referido período, identificando suas formas de práticas e organização dentro da escola, e fornecendo indícios para uma reflexão mais ampliada acerca da colaboração das escolas no processo de massificação do *Foot-Ball*.

O recorte histórico de 1900 a 1930 foi escolhido, pois se refere ao momento em que o *Foot-Ball* já era praticado amadoristicamente nos clubes paulistas e por conta da

influência inglesa, em alguns colégios (CALDAS, 1990; SANTOS NETO, 2002; LUCENA, 2001; PEREIRA, 2000; ROSENFELD, 2007). Merece destaque que por ser um esporte recém-chegado do exterior, nessa época todos os materiais necessários ao seu desenvolvimento precisavam ser importados da Inglaterra, o que contribuiu para que sua prática limitasse-se praticamente a alguns clubes e colégios elitizados da cidade. Mas como poderemos observar nesta pesquisa, não foi somente este fator que influenciou esta prática nestes locais.

Neste contexto, a pesquisa se justifica devido os referenciais teóricos apresentarem certa tendência em olhar somente o papel clubístico como a mola propulsora para a massificação do *Foot-Ball* no Brasil, não mais apontando outras possibilidades históricas. Neste sentido, essa pesquisa colabora com a área, pois também pretende desmistificar o que vem sido apresentado na literatura em larga escala, acerca do papel fundamental ou quase que exclusivo dos clubes na propagação, e consequente massificação, do *Foot-Ball* no referido período. E outra justificativa para este trabalho reside na análise do acervo histórico do colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo (1900 a 1930), que assim como outros colégios de todo o Brasil, possuem documentos que vem a contribuir para a história da Educação e do Esporte, e que precisam ser enaltecidos, descobertos e pesquisados. Espera-se com isso que os estudos da área da história passem a ter a mesma representatividade e impacto social que o *Foot-Ball*, e que eles possam ajudar a compreender melhor este fenômeno em nosso país.

Para atingir esses objetivos, a pesquisa foi dividida em 5 capítulos (além deste, a introdução). O segundo capítulo descreve o tipo e a abordagem da pesquisa, os caminhos percorridos até chegarmos à amostra e detalhes sobre este processo, abrindo caminhos também para outras pesquisas. Já o terceiro capítulo descreve a origem dos

Irmãos Maristas, suas premissas pedagógicas (especialmente no que se refere às práticas corporais nas aulas de Educação Física), a chegada dos Maristas no Brasil e a origem do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo. O quarto capítulo aborda algumas nuances acerca das práticas corporais adotadas no Brasil entre 1900 a 1930 e as práticas adotadas no Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo, buscando compreender as normativas em relação às aulas de Educação Física da época, assim como compreender qual era a concepção de escola e de esporte nesse período. Na sequência, o quinto capítulo apresenta um panorama sobre o *Association Foot-Ball* e o ambiente escolar na Inglaterra e a sua influência no ambiente escolar no Brasil dialogando com autores como: Eric Hobsbawn e Terence Ranger, que buscaram decifrar a fascinante questão da invenção de tradição e costumes na historiografia do futebol. E para encerrar o trabalho o último capítulo apresenta o Futebol no Colégio Marista de São Paulo a partir das fontes históricas advindas do acervo do colégio, como ocorriam as práticas do *Foot-Ball*, os meios de veiculação internos, a formação e participação das equipes do colégio em campeonatos internos e externos, e a contribuição dessa prática para a propagação do *Foot-ball* em São Paulo.

CAPÍTULO 2

CAMINHOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo será possível apresentar todo o processo da pesquisa histórica, passo a passo, mostrando como ela foi sendo constituída, evidenciando-se as buscas, as escolhas, os encontros e desencontros, em prol de uma pesquisa coesa, que respeitasse as fontes históricas e o rigor acadêmico exigido em nível de mestrado. A apresentação deste processo ainda colabora para a mostra de documentos (conhecimentos) que foram produzidos pela própria pesquisa, sendo, portanto, inéditos, e de muita relevância para esta pesquisa, assim como para outras que versem sobre esta temática.

Em relação ao posicionamento metodológico, essa pesquisa teve uma abordagem qualitativa, na qual se assume a relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números (SILVIA e MENEZES, 2001). Do ponto de vista desta abordagem, o ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave, tendo o processo e o seu significado como os focos principais desta abordagem.

Essa pesquisa foi realizada por meio de uma pesquisa histórica, trabalhando com eventos que já ocorreram, enfatizando, organizações, instituições e pessoas (THOMAS et al., 2007). A pesquisa histórica fundamenta-se também em fontes documentais e orais, sendo que para esta pesquisa será utilizada a fonte documental, considerada como o material consultado que é interno à organização. Segundo Gil (2010) os materiais mais utilizados nas pesquisas classificam-se como:

1. documentos institucionais, mantidos em arquivos de empresas, órgãos públicos e outras organizações;
2. documentos pessoais, como cartas e diários;
3. material elaborado para fins de divulgação, como folders, catálogos e convites;
4. documentos jurídicos, como certidões, escrituras, testamentos e inventários;
5. Documentos iconográficos. Como fotografias, quadros e imagens; e
6. registros estatísticos.

Para Hobsbawn (1998, p.32) o valor da investigação histórica sobre “o que de fato aconteceu” para a solução deste ou daquele problema específico do presente e do futuro é inquestionável. Todo estudo histórico, portanto, implica numa seleção minuciosa da infinidade de atividades humanas no passado e daquilo que afetou aquela atividade, reforçando assim a afirmativa do autor.

Deste modo, esse estudo buscou resgatar na instituição pesquisada, fontes documentais primárias como os anuários escolares, fontes iconográficas, relatórios, registros das aulas de Educação Física, e eventos escolares envolvendo a prática do *Foot-Ball* no Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo. Fontes secundárias, que se caracterizam pelas fontes bibliográficas e também documentais, também serão utilizadas e darão suporte às nossas interpretações acerca da chegada do *Foot-Ball* no Brasil, e de sua prática nos colégios da cidade de São Paulo.

Para a análise dos acervos está sendo utilizado como referencial teórico os princípios e estudos proposto por Eric Hobsbawn, especialmente as obras “Sobre História” e “A invenção das Tradições”. Na primeira obra o autor aponta as responsabilidades que o historiador possui pelos fatos históricos em geral e pela crítica do abuso político-ideológico da história em particular.

É muito importante que os historiadores se lembrem de sua responsabilidade, que é acima de tudo, a de se isentar das paixões de identidade política – mesmo se também as sentirmos. Afinal de contas, também somos seres humanos (HOBSEBAWN,1998, p.20).

A segunda obra, *A invenção das tradições* dos autores Hobsbawn e Ranger, discutem a possibilidade de muitas tradições serem inventadas em diversas realidades, a partir de uma análise de seus respectivos contextos históricos. Por “tradição inventada”, os autores descrevem:

[...] entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado (HOBBSAWN E RANGER, 1997, p. 9).

O termo “tradição inventada” é utilizado num sentido amplo, porém definido, incluindo tanto as tradições realmente inventadas, quanto aquelas que surgiram de maneira mais difícil de se localizar, num período limitado e determinado de tempo. Muitas vezes práticas de poucos anos se estabelecem com grande rapidez. Para deixar claro este conceito, utilizamos como exemplo as tradições ou costumes das práticas esportivas nas escolas Inglesas no século XIV, que influenciaram as práticas esportivas nas escolas brasileiras no início do século XX (foco do nosso estudo).

Portanto, ao buscarmos os referenciais de Hobsbawn, demonstramos nossa preocupação ao pensarmos na forma na qual iremos contextualizar os aspectos históricos que cerceiam o objeto de estudo.

2.1 Amostra dos Colégios Participantes

A ideia por detrás da abordagem qualitativa é selecionar propositalmente participantes ou locais (ou documentos ou materiais gráficos) mais indicados para ajudar o pesquisador a entender o problema e a questão de pesquisa (CRESWELL, 2007; THOMAS, 2007).

Inicialmente foi realizada uma busca eletrônica ao site da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo (<http://www.escola.edunet.sp.gov.br>), com o objetivo prévio de se levantar o número de Colégios Particulares do Estado de São Paulo, cujo resultado está apresentado na Tabela 1.

Ressalta-se que a escolha pelos colégios particulares justifica-se pelo já exposto anteriormente acerca da dificuldade de acesso aos materiais e regras do *Foot-Ball*, na

época, o que era facilitado em espaços mais elitizados (como escolas particulares, clubes etc), que possuíam recursos financeiros, humanos e logísticos para viabilizar esta prática.

TABELA 1 - Colégios Particulares do Estado de São Paulo em 2011

Total de colégios particulares do Estado de São Paulo	9464
---	------

Fonte: Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, disponível em <http://www.escola.edunet.sp.gov.br>, acesso em 05/11/2011.

Devido ao número expressivo de escolas apresentadas no levantamento inicial e levando-se em consideração a viabilidade do estudo, se fez necessário estruturar outras etapas metodológicas.

1ª etapa: Estratificação dos Colégios Particulares do Estado de São Paulo no período de 1900 a 1920

A partir do levantamento inicial, foi encaminhado um e-mail no dia 07/11/2011, para a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo no endereço: infoeducacao@educacao.sp.gov.br, informando o objetivo da pesquisa e a necessidade de receber as informações sintetizadas sobre quais eram os colégios particulares fundados no período da pesquisa, a quais diretorias de ensino pertenciam e a data de fundação dos mesmos.

No dia 10/11/2011, houve o retorno por e-mail, do Centro de Informações Educacionais – CIE, da Secretaria de Educação, com as informações solicitadas. Os dados encontrados referem-se a escolas particulares em funcionamento, de acordo com autorização e registro no Sistema de Cadastro de Escolas da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, compreendidos no período entre 1900 a 1920, conforme Tabela 2.

TABELA 2 - Número de colégios particulares cadastrados na Secretaria de Educação do Estado de São Paulo no período entre 1900 a 1920 por Diretoria de Ensino

Nº Colégios	Diretoria de Ensino
02	Santos
01	Guaratinguetá
01	Sorocaba
02	Jundiaí
01	Bragança Paulista
01	Limeira
01	Pirassununga
01	Campinas – Leste
01	Jaboticabal
01	Birigui
06	Centro
02	Centro Sul
02	Centro Oeste
01	Leste 1
23	Total

Fonte: Informações recebidas via e-mail em 10/11/2011 pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, Estado.

Tanto esta tabela, como a de número 3, serão apresentadas por considerarmos que se constituem em documentos históricos construídos pela pesquisa, e, por conseguinte, uma produção de conhecimento por ela oportunizada, que pode vir a ser consultada por outros pesquisadores.

2ª etapa: Seleção dos Colégios pertencentes à Diretoria Centro, Oeste e Sul.

Esta etapa consistiu-se na seleção dos colégios pertencentes à região central do Estado de São Paulo, no período entre 1900 a 1920, conforme Tabela 3.

Essa seleção foi norteada a partir dos indícios que a literatura nos aponta, ou seja, desde a chegada do *Foot-Ball* no Brasil em 1894: “a prática do esporte na capital de São Paulo era restrito a classe social elitizada” (CALDAS, 1990, p.24).

TABELA 3 - Colégios particulares pertencentes à Diretoria de Ensino Central do Estado de São Paulo no período entre 1900 a 1920.

Colégios	Diretoria	Data de Fundação
Bone Consilii Instituto Educação ⁴	Centro	01/05/1903
Batista Brasileiro Colégio ³	Centro	10/01/1902
Casa Pia São Vicente de Paulo Externato ⁵	Centro	18/09/1887
Santana Colégio EIFM ³	Centro	18/12/1892
Mackenzie Colégio Presbiteriano ⁶	Centro	1870
São Bento Colégio	Centro	21/03/1903
Colégio Diocesano ⁷	Centro Sul	1858
Arquidiocesano de São Paulo Colégio Marista		17/02/1908
Nossa Senhora da Glória Colégio Marista ⁸	Centro Sul	11/02/1902
Dante Alighieri Colégio	Centro Oeste	17/02/1913
Porto Seguro Visconde Colégio ³	Centro Oeste	07/01/1879
Total de Colégios	11	

Fonte: Informações recebidas via e-mail em 10/11/2011 pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, Estado.

⁴ Foi enviado o e-mail informando o objetivo da pesquisa em Nov/2011, mas por algum motivo de comunicação ou circunstancial da instituição não houve o retorno.

⁵ A Casa Pia São Vicente de Paulo Externato realizava no período já referendado trabalhos de promoção e assistência social, por meio de visitas domiciliares a pobres e carentes, portanto o tipo de atividade desenvolvida pela instituição não atende aos critérios necessários para a pesquisa.

⁶ Não foi possível identificar o dia e mês de fundação do colégio, pois a fonte consultada só menciona o ano de fundação. Disponível em: < <http://ead.mackenzie.br/emacksp/> >, acessado em: 18. Abr.2013.

⁷ O Seminário Episcopal de São Paulo foi o primeiro da capital fundado em 06/11/1856 pela Igreja Católica. Dois anos depois é aberto em anexo ao Seminário um colégio para leigos o Colégio Diocesano em 1858. Em 17/02/1908 os Maristas assumiram oficialmente o Colégio Diocesano.

⁸ Por pertencer a mesma rede Marista e compartilharem da mesma filosofia em relação ao esporte, centralizamos nossos estudos somente no Arquidiocesano.

3ª etapa: Contato e agendamento de visita

Depois de selecionados os 11 colégios, conforme Tabela 3, foram iniciados os contatos via endereço eletrônico e telefônico a cada um deles, objetivando-se a identificação do responsável pelo acervo histórico e o agendamento de uma visita para a apresentação da pesquisa.

TABELA 4 - Colégios particulares que manifestaram interesse em participar da pesquisa.

Colégio	Responsável pelo Acervo Histórico^{9 10}
Arquidiocesano de São Paulo Colégio Marista	Sra. Raquel Quirino Pinãs / Sr. Ricardo Tomasiello Pedro
Ginásio de São Bento	Sr. Antonio Cesar Garcia Ir. João Baptista
Dante Alighieri Colégio	Sr. Rubens Massao Taira / Sr. Marcelo Figueiredo de Meneses
Mackenzie Colégio Presbiteriano - Centro Histórico	Sra. Helen Yara Alimeyer Sra. Ingrid Ribeiro da Silva

Conforme a Tabela 4, somente 4 colégios, dos 11 selecionados, manifestaram o interesse em participar da pesquisa.

A partir desse posicionamento foi agendada a visita junto à cada instituição, para que pudesse ser apresentado os objetivos da pesquisa, assim como, para mostrar a relevância do estudo para a área científica, enaltecendo-se a importância da participação

⁹ Tanto o pesquisador, como o programa de Pós Graduação em Educação Física da USJT agradecem a todos os profissionais responsáveis pelos Acervos Históricos dos colégios, pela disponibilidade em contribuir com essa pesquisa.

¹⁰ Estes profissionais autorizaram a apresentação de seus nomes na tabela.

desses colégios tradicionais para a mesma. Os responsáveis pelos acervos históricos foram informados sobre os critérios de inclusão que os colégios precisavam atender para que houvesse a viabilização da pesquisa, que eram basicamente dois:

- O primeiro faz menção à organização do acervo, ou seja, os colégios deveriam possuir seus acervos organizados, proporcionando maior viabilidade da pesquisa, pois é de suma importância para o pesquisador, possibilitando encontrar as fontes com facilidade e com seus dados mais fidedignos:

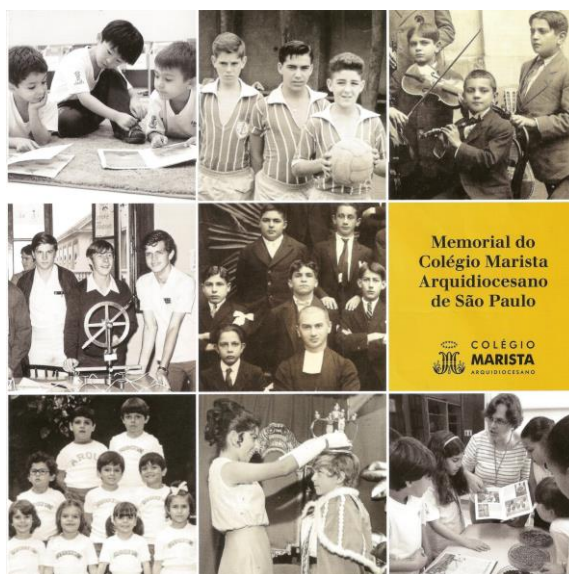
- O segundo refere-se à necessidade de se viabilizar o acesso ao acervo, assim como, aos documentos necessários para a pesquisa. Esse critério complementa o anterior, pois o acervo pode estar organizado, mas não disponível (totalmente ou parcialmente) ao pesquisador, o que compromete sobremaneira a pesquisa.

Duas instituições atenderam aos critérios de inclusão. Porém, em decisão conjunta com a orientadora, optamos em focar o objeto de estudo no colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo, entendendo que as fontes iconográficas, documentos e registros encontrados foram os que mais contribuíam para a pesquisa, constituindo-se também num acervo de grande volume de registros. As informações obtidas nos demais colégios irão aparecer ao longo da pesquisa, porém não serão tratados com tanta densidade.

Merece menção o empenho dos profissionais responsáveis pelos acervos consultados. São profissionais que não estão preocupados somente em manter a integridade das fontes, mas funcionários comprometidos com a história da instituição, e principalmente em tornar acessível à comunidade científica e à comunidade em geral fontes tão enriquecedoras e de valores inestimáveis. Essas instituições investem em seus centros de memórias, apresentam uma infraestrutura com ambientes climatizados, salas individualizadas e com a orientação de profissionais altamente capacitados e até mesmo

com a produção de um encarte publicitário para a divulgação do acervo, como pode ser observado abaixo:

Imagem 1: Encarte publicitário do Memorial do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo



Fonte: Acervo do Memorial do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo

No caso do colégio que foi o objeto do estudo, os responsáveis pelo centro de memória são a Sra. Raquel Quirino Pinãs, formada em História, e o Sr. Ricardo Tomasiello Pedro, formado em Biblioteconomia, sendo ambos mestrandos do Programa de Pós-graduação em Educação: História, Política, Sociedade da PUC- São Paulo. A experiência e conhecimento técnico desses profissionais foram de extrema relevância para a desenvoltura da pesquisa, assim como, das análises, tornando os encontros momentos de aprendizado e de busca conjunta pelo conhecimento.

CAPÍTULO 3

A ORIGEM DOS IRMÃOS MARISTAS

Este capítulo irá apresentar dados sobre a origem do Instituto Marista na França, a ideologia de seu fundador (Marcelino Champgnat) para o contexto educacional e as suas diretrizes pedagógicas, inclusive aquelas registradas num documento pilar para o pensamento pedagógico e educativo dos Irmãos Maristas: o Guia das Escolas (*Guide des Écoles*), de 1853.

Também será abordado o processo de constituição e a fundação do Colégio Marista Arquidiocesano em São Paulo, desde a chegada dos Irmãos Maristas no Brasil, apresentando-se as orientações do colégio para as práticas dos jogos e da ginástica nas aulas de Educação Física (que estavam pautadas no Guia das Escolas).

3.1 Fundação do Instituto Marista

Atualmente os Maristas¹¹ se encontram em mais de 79 países no mundo, atuando nos cinco continentes e atende mais de 5.000 crianças e jovens, sempre com o propósito de oferecer uma educação cultural aos seus alunos permeados pelos princípios cristãos.

Esses princípios constituíram o alicerce que permitiu aos Irmãos Maristas desbravarem outros continentes inspirados nos ideais de Marcelino Champagnat (IRMÃO ADORÁTOR, 2005).

Assim, neste capítulo será apresentada uma síntese sobre a história deste grande personagem e sua obra educacional, no intuito de compreender a sua importância na

¹¹ No Brasil, os Maristas estão em 24 estados e no Distrito Federal. São um total de mais de 26 mil Irmãos, Leigos, Leigas e colaboradores que beneficiam cerca de 350 mil pessoas em 103 cidades brasileiras. A missão Marista se dá por meio das seguintes unidades: 59 colégios, 6 instituições de ensino superior, 5 editoras, 69 unidades sociais, 8 hospitais e 3 veículos de comunicação. A presença Marista no mundo está organizada por meio de unidades administrativas, denominadas Províncias e Distritos. Todas elas dispõem de órgãos próprios de animação e governo. O Irmão Superior Geral e seu Conselho representam a unidade do Instituto e dispõem de meios e serviços para realizar, por sua vez, a animação e o governo do Instituto (<http://www.grupomarista.org.br/institucional-maristas-no-brasil/D4>).

França revolucionária e sua influência na história da educação brasileira (no caso dos Maristas no Brasil).

3.1.1 Marcelino Champagnat (1789-1840)

Marcelin Joseph Benoit Champagnat (Marcelino Champagnat) nasceu em 20 de maio de 1789 no povoado de Rosey, pertencente ao distrito de Marlhès, localizada ao sul da França (FURET, 1999).

Imagem 2: Marcelino Champagnat



Fonte: Disponível em: <http://www.google.com.br/imgres>. Acesso em 20 set 2012

De acordo com Marista (2000, p.18):

Um lugar onde reinavam o atraso e a ignorância, de pobreza cultural dramática. A maioria dos jovens e adultos eram praticamente analfabetos. Durante a sua infância, contudo, havia um movimento de mudança. Os ideais de progresso social e de solidariedade, oriundos da Revolução Francesa, tomavam conta do país, causando impacto mesmo nos lugares isolados e distantes.

A sua formação intelectual parece ter sido deficitária pela ausência de mestres e espaços específicos para o acesso e desenvolvimento do conhecimento. Mesmo assim, na sua infância recebeu a influência de seu pai, um homem empreendedor, inteligente e trabalhador, que contribui para sua formação como um futuro cidadão. E sua mãe e tia

serviram de modelos e guias para fortalecer os seus primeiros passos como cristão, no aprofundamento da sua fé, da sua vida de oração e no despertar da sua devoção (FURET, 1999; NUNES, 2006).

Marcelino Champagnat recusou voltar a frequentar a escola local, após testemunhar a atitude violenta do professor contra um aluno no primeiro dia de aula, voltando assim a dedicar-se às suas tarefas na propriedade da família (MARISTA, 2000; NUNES, 2006).

Marcelino Champagnat frequentou o seminário menor em *Verrières* e o seminário maior de Santo Irineu em *Lyon*, no período entre 1805 a 1813. E depois de sua ordenação sacerdotal, em 1816, foi nomeado vigário de La Valla (França) um vilarejo situado na zona montanhosa do *Mont Pilat*, com uma população de 2.000 habitantes distribuídas entre os vales profundos dessa região (NUNES, 2006). Ele se impressionou com o isolamento e a pobreza cultural do povo dessa região rural montanhosa, contrapondo ao momento Revolucionário, político-social em que atravessava toda a França.

Para Marista (2000, p.20):

Em todo o país, emergia uma sociedade burguesa, liberal e comprometida com os seus interesses, preocupada em criar uma elite capaz de fornecer lideranças militares, políticas e econômicas. Mesmo na Igreja, havia pouco interesse pelo cuidado pastoral das crianças e dos jovens do campo. Além disso, o magistério estava de tal modo desprestigiado e mal remunerado, que atraía apenas candidatos cuja competência e caráter deixavam muito a desejar.

Outro fato fez com que Marcelino Champagnat não tivesse mais dúvidas sobre sua convicção na vida religiosa, ocorreu no mesmo ano (1816) ao atender a Jean Baptist Montagne de 17 anos, que momento antes de falecer apresentou total ignorância intelectual e de fé. Este fato foi definitivo para a concretização de sua promessa a Nossa Senhora *Fourvière*, "de fundar o Instituto dos Pequenos Irmãos de Maria, dedicado à

instrução das crianças pobres do meio rural, especialmente as mais abandonadas” (NUNES, 2006, p.48).

Em 2 de janeiro de 1817, Marcelino Champagnat, então com 28 anos, Jean Marie Granjon (Irmão João Maria) com 23, e Jean Baptist Audras (Irmão Luís) com 14 anos e meio, instalaram-se numa pequena casa comprada e “começaram a viver em comunidade, lançando assim os fundamentos dos Irmãos Maristas” (MARTINS, 1989, p.60).

Para Marcelino Champagnat a educação era um meio de concretizar a sua missão: “Tornar Jesus Cristo conhecido e amado”; e sendo devoto a Nossa Senhora, escolheu como lema do instituto “ Tudo a Jesus por Maria, tudo a Maria para Jesus” (op. cit., p.61).

Como vimos os primeiros Irmãos Maristas motivados pelo seu idealizador, estiveram inseridos no contexto educacional da França no período referendado.

Marcelino Champagnat sempre se mostrou cuidadoso com a formação pedagógica de seus Irmãos, assim, sempre foi em busca de capacitá-los. Para que isso ocorresse, ele oferecia condições para que os Irmãos se diplomassem mediante aos cursos de férias, além de encorajá-los nos períodos de preparação dos exames.

Nunes (2006, p.53) descreve que:

O período reservado para a formação permanente e atualização era o mês de férias. Os Irmãos partiam das experiências vividas na escola no ano anterior para elaborar as estratégias para o ano letivo. Participam do retiro e das conferências, cujo objetivo era estimular o estudo e a atualização permanentes; versavam sobre um programa, com preparação prévia, incluindo exposições, debates e correções de trabalhos.

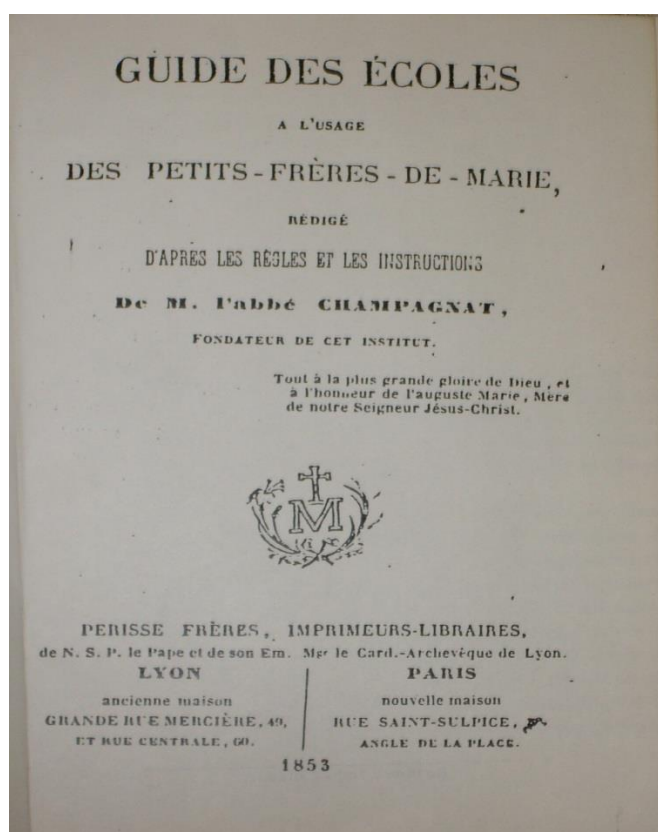
Marcelino Champagnat enaltecia também a importância da boa vontade e da arte de corrigir tanto para o Irmão formador, quanto aos Irmãos formandos. Ele faleceu em 6

de junho de 1840, ao lado de seus discípulos, que empenharam-se em se formar para a vida religiosa e o exercício da docência.

Para garantir a continuidade das orientações de seu fundador, após a sua morte, foi organizado, em 1853 o “*Guide des Écoles*”, conhecido no Brasil como o Guia das Escolas.

3.2 Guia das Escolas (*Guide des Écoles*)

Imagem 3: *Guide des Écoles*. Cópia do único exemplar da 1ª Edição de 1853.



Fonte: Acervo do Memorial do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo

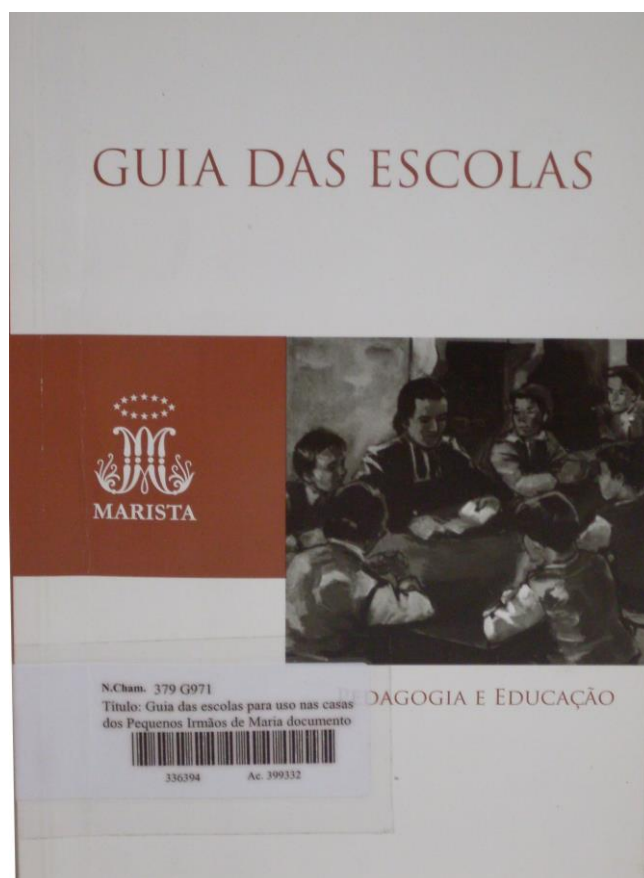
O Guia das Escolas é o primeiro documento oficial impresso que descreve o pensamento pedagógico e educativo dos Irmãos Maristas. A sua edição original apareceu em 1853. O texto foi fruto dos trabalhos dos Irmãos Maristas, redigidos de acordo com as

instruções de Marcelino Champagnat. Na língua francesa, o “*Guide des Écoles*” foi reeditado seis vezes; a sua última edição é de 1942.

A edição portuguesa do Guia das Escolas é a tradução da 4ª edição francesa, publicada pela *Desclée & Cie*, de Paris, no ano de 1942 (FURET e COLABORADORES, 2009, p.14).

Esse guia foi concebido não como tratado teórico da educação, mas como manual prático que visava promover a unidade metodológica, manter a qualidade do ensino e, ao mesmo tempo, complementar a falta de formação mais prolongada dos Irmãos destinados à tarefa escolar.

Imagem 4: Guia das Escolas – Tradução da 4ª edição francesa de 1942



Fonte: Acervo do Memorial do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo

O documento foi fundamental na formação pedagógica e na orientação das práticas educativas de gerações a gerações de Irmãos, tanto na França como no exterior. Tornou-se fundamental para o processo formativo dos primeiros Irmãos e continua sendo suporte nas ações didáticas e pedagógicas do Instituto Marista.

As orientações sobre as práticas educativas também contemplaram a Educação Física, portanto, debruçar-se sobre o capítulo do Guia das escolas sobre esta área, tornou-se imprescindível para a reflexão sobre o olhar dos Irmãos Maristas para a prática dos Jogos e da Ginástica dentro do Instituto, assim como de outras práticas corporais (como futuramente o *Foot-ball*).

3.2.1 Jogos e Ginástica nas aulas de Educação Física

Para entender as orientações que norteavam a prática dos jogos e da ginástica nas aulas de Educação Física, no interior do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo, no período entre 1900 a 1930, pareceu pertinente consultar o Capítulo 2 – Educação Física, da versão traduzida da 4ª edição francesa de 1942.

Os Irmãos Maristas, não se preocupavam somente com a educação religiosa e cultural dos seus alunos, mas demonstravam conhecimento quanto à importância de estimular a prática dos jogos e a ginástica nas aulas de Educação Física. Sem dúvida, uma influência do momento revolucionário francês, que dentre tantas nuances, estimulava e regulamentava a prática da atividade física por meio da ginástica francesa, na perspectiva higiênica do corpo e da sociedade (SOARES, 1994 e 1998).

Para os Irmãos Maristas, segundo Furet e Colaboradores (2009,p.28)

A saúde é o primeiro de todos os bens naturais. A Educação Física não deve, pois ser negligenciada. Aliás, ela se ocupa do corpo, não para lisonjear os sentidos ou favorecer a natureza nas suas más tendências; porém, muito pelo contrário, visa dar-lhe o vigor necessário ao bom cumprimento dos deveres. A Educação Física é especialmente encargo dos pais, mas os seus cuidados nesse assunto tão importante deve ser partilhado com aqueles a quem eles confiam os seus filhos, mormente nos internatos. Ademais, os mestres, com seu aconselhamento e orientação, podem exercer influência considerável na saúde dos alunos. Na escola, a Educação Física consiste, primeiramente, numa série de medidas higiênicas, no referente ao arejamento, à limpeza, à postura etc.; em segundo lugar, em exercícios corporais, como jogos e ginástica.

A Educação Física era fundamental para os Irmãos Maristas, principalmente para a promoção da saúde, e entendiam que a responsabilidade dos pais era de influenciar seus filhos com relação à necessidade de adotarem prioritariamente hábitos higiênicos, sendo os exercícios parte destes hábitos.

Mas havia uma função importante da escola neste processo:

A Educação Física preconizada pelo pensamento médico-higienista era aquela estruturada em bases fisiológicas e anatômicas, as únicas consideradas “científicas”. A partir, portanto, de um entendimento anátomo-fisiológico do movimento humano, os médicos colocavam o estudo da higiene elementar como complemento preparatório da Educação Física tornando-a, particularmente na escola, um procedimento higiênico a ser adotado naquela instituição e incorporado como hábito para toda a vida. (SOARES, 1994, p.47)

Segundo Góis Junior e Simões (2011), democratizar a educação e a saúde eram as metas da nova filosofia de governo no século XVIII e XIX na França, ocorrendo com isso a valorização de cada cidadão, com vistas à constituição de uma nação mais imponente e rica.

Para que isso se tornasse viável, o governo entendia que a escola e a família seriam os pilares fundamentais para controlar e promover novos hábitos salutarres. Ideal esse que pode ter influenciado as diretrizes da 1ª edição do Guia das Escolas em 1853 para o desenvolvimento das atividades físicas na instituição Marista.

Neste mesmo guia orientava-se que as salas de aula deveriam ser arejadas, pois o ar puro fortificava a saúde, enquanto o ar viciado enfraquecia. Quanto à postura dos alunos, as carteiras deveriam propiciar uma postura adequada durante os estudos aos mesmos (FURET e COLABORADORES, 2009, p.29).

Segundo estes mesmos autores, no que refere-se aos jogos, os Irmãos Maristas acreditavam que estes fariam os músculos entrarem em ação, ativando a circulação sanguínea e relaxando o sistema nervoso, além de desenvolver qualidades corporais como a destreza e agilidade e certas qualidades da alma como a coragem, a lealdade, dentre outras.

Interessante notar que este documento, elaborado nos meados do século XIX, influenciou de fato a concepção dos Irmãos Maristas com relação à importância e os benefícios da Educação Física, desde edição até o final deste mesmo século, conforme apresentado abaixo pela Comissão Interprovincial de Educação Marista¹²-entre 1995 a 1998:

Coerentes com o nosso ideal de proporcionar uma educação verdadeiramente integral, incluímos nas experiências de aprendizagem dos nossos educandos a Educação Física, da saúde e do meio ambiente. Estimulamos as atividades esportivas como meio para desenvolver as suas habilidades físicas e a sua coordenação motora, a formação da personalidade, o espírito de equipe, a disciplina pessoal, o reconhecimento das suas próprias limitações, a capacidade de aceitar o fracasso e o desejo de obter êxito (MARISTA, 2000, p.35).

Nota-se que a Educação Física envolvia os Jogos e a Ginástica como meios de promoção da saúde. Diretrizes seguidas a partir do Guia das Escolas como parte de uma educação integral dos alunos, que, deveriam ser encorajados a participar, dos jogos, desde que os mesmos não oferecessem tanto perigo, e que os contatos fossem honestos e oportunizassem muito movimento.

¹² Comissão Internacional foi eleita pelo Conselho Geral do Instituto, sendo composta por Irmãos Maristas e leigos com o intuito de orientar a missão educativa do Instituto Marista.

Compete aos Irmãos vigilantes a organização dos jogos, pelo menos nos principais recreios, a fim de que todas as crianças aproveitem as vantagens do jogo, sobretudo nos internatos e estabelecimento com muitos alunos. Com efeito, podem-se distinguir dois tipos de jogos: aqueles em que as crianças brincam individualmente ou se agrupam três ou quatro ou um pouco mais, com aros, bolinhas de gude, piões etc. Há jogos que demandam equipes e campos, como o futebol, jogo das barras etc. A ação do vigilante é, muitas vezes necessária para organizar estes jogos, manter o entusiasmo, desembargar os litígios (FURET, 2009, p.32).

Com relação aos jogos em equipe, observa-se a presença no recreio do colégio de características de um jogo com a bola nos pés, típica de um jogo de *Foot-Ball* e o detalhamento das condições para que houvesse a prática do jogo com as equipes, como o campo e a bolas de *Foot-Ball*. Indícios estes não suficientes para identificarmos que “o jogo de *Foot-Ball*” era praticado nos ambientes escolares Maristas, uma vez que sua versão regulamentada surgiu somente em 1863, na Inglaterra, como será visto nos próximos capítulos.

A mesma importância foi dada à Ginástica, entretanto, faz-se necessário delimitar nesse momento a reflexão e o direcionamento ao jogo de futebol, que é o objeto principal deste estudo.

O cenário apresentado pelos Irmãos Maristas, sempre cautelosos com a educação cultural, religiosa e a valorização dos jogos e da ginástica na escola para contribuir com a promoção da saúde, além de utilizá-los como o meio de transmitir juízos de valores e padrões de comportamento, vão ao encontro do cenário descrito por Nöbert Elias e Eric Dunning (1992), em sua obra intitulada “A busca da excitação”, onde os autores realizam uma leitura sobre a influência dos desportos nas sociedades europeias, interferindo na mudança de cultura e comportamento da sociedade.

Para estes autores:

Sem dúvida que a industrialização e a urbanização desempenharam um papel no desenvolvimento e na difusão das formas de ocupação de um tempo livre com as características de *desportos*¹³, mas também é possível que tanto a industrialização como a desportivação, tenham sido sintomáticas de uma transformação mais profunda das sociedades europeias, que exigia dos seus membros individuais uma maior regularidade e diferenciação de comportamentos (ELIAS E DUNNING, 1992, p.225).

Para Betti, (1991); Elias e Dunning (1992) e Scaglia (2005), a Inglaterra foi pioneira em aceitar e utilizar o esporte¹⁴ como meio de educação. Para os ingleses, com o processo de industrialização, era preciso desenvolver nos alunos a capacidade de governar outros e de controlar a si próprio, características que estão inseridas no contexto do jogo, sendo potencializadas na Educação Física.

Incutir a capacidade de liderança, o autocontrole e a liberdade dentro dos princípios morais, foram os motivos que levaram os jogos para o interior das escolas.

Os pedagogos ingleses tornaram objetivos dominantes das reformadas escolas públicas os elevados padrões de conduta, comportamento cavalheiresco e força física, indo ao encontro dos conceitos humanísticos idealizados pelos Gregos, precedidos pelo cristianismo e o código cavalheiresco conforme ressaltado por Mason (1980, p.186):

Reagindo contra a filosofia e os frutos da revolução industrial, os homens se voltaram para Grécia antiga para a ajuda no desenvolvimento de uma forma fundamentada de vida e um ideal a que podia aspirar. Lá, eles redescobriram o humanismo - o que corresponde, em parte, com os preceitos do cristianismo e do código cavalheiresco - *“uma mente sã num corpo sadio”*, que colocou grandes valores no preceito. Grandemente influenciado pelos clássicos ideais e valores do neo-humanismo, os defensores da reforma social e educacional defenderam um retorno aos primeiros princípios, sublinhando o valor do desenvolvimento moral, intelectual e físico equilibrado.

¹³ Desportos – termo para formas específicas de recreação nas quais o esforço físico desempenhava o principal papel.

¹⁴ *Sport* - Termo genérico inglês para especificar passatempos Ingleses como futebol, corridas de cavalos, luta, boxe, tênis, casa a raposa, remo, críquete e atletismo, etc., que foi adotado e divulgado por muitos países entre 1850 e 1950.

Entretanto, Betti (1991) e Scaglia (2005) discordam alegando que a justificativa apresentada pelos pedagogos não condiz com os motivos que os levaram a adotar os jogos nas escolas. Para os autores, os pedagogos ingleses começaram a perceber nos jogos outras características, ou seja, um recurso para incutir juízos de valor e de comportamentos, para sanar problemas com os filhos da nova aristocracia inglesa. Logo era preciso ocupá-los, diminuindo o tempo livre, perspectivando discipliná-los a partir da necessidade de seguir as regras incontestáveis dos jogos.

Thomas Arnold foi reitor do Colégio de *Rugby* (1828-42), tendo como objetivo produzir uma classe dominante impregnada de valores e princípios cristãos. Junto à educação intelectual e religiosa, ele deu um lugar de destaque também à Educação Física, incrementando os jogos ao ar livre que, segundo ele, tinham um valor particular na formação dos jovens como:

Enrobustecer e fazer o corpo adquirir um bom equilíbrio orgânico, e ao mesmo tempo aquietar e frear os sentidos; criar o senso de responsabilidade pessoal, respeitando seus companheiros e as regras dos jogos e por fim assumindo a organização a direção e organização de jogos, os jovens se preparam para dirigir as atividades práticas tendo como perspectiva futura a inserção na classe de dirigentes ou de ricos burgueses (MASON, 1980, p.11).

O Sacerdote Thomas Arnold, foi considerado como uma referência no desenvolvimento moral, intelectual e físico adotados nas reformadas escolas públicas inglesas, por ter promovido o desenvolvimento do esporte na escola e na sociedade inglesa.

Segundo Mallea (1975) para atingir esses objetivos expostos por Mason (1980) as atividades esportivas passaram a ser supervisionadas e regulamentadas, sendo que antes os meninos em seus momentos de lazer ficavam livremente sobre o campo, e depois deste processo deveriam participar de jogos de equipes, regidas por regras e

códigos uniformes de conduta e comportamento, fazendo com que as atividades esportivas como o futebol fossem institucionalizadas.

Elias e Dunning (1992) consideram indiscutível a importância das escolas inglesas no surgimento do esporte moderno. Entretanto, destacam as relações de poder expressas nessa passagem de prática informal de jogos populares para a sua alocação nas escolas de elite, sob o *status* de *sport*, com o sentido e função de diferenciação social.

Para isso foi necessário e intencional o estabelecimento de regras, de forma a reduzir o confronto físico, equiparar as condições de disputa e possibilitar a competição justa, reforçando modos, comportamento e valores adequados aos jovens membros de uma elite burguesa emergente. O esporte em especial o futebol foi tido pelas autoridades escolares como um meio potencialmente rico e valioso de formação de caráter, porém não se pode desconsiderar os aspectos socioeconômicos que desencadearam a nova reforma escolar, assim como, as bases intelectuais e culturais a respeito do esporte.

Nota-se que a expansão industrial na metade do século XVIII e o crescimento das cidades fizeram com que os velhos costumes e tradições¹⁵ fossem perdendo espaço, dando lugar a outras foram se constituindo, algumas delas vinculadas às práticas

¹⁵ Costume e tradição são termos utilizados sempre quando se faz menção a algo que é repetido ao longo dos tempos dentro de uma sociedade dita “tradicional”. No entanto, o grande equívoco no emprego desses termos é acreditar que estes são sinônimos. E para que não seja cometido nenhum equívoco durante o andamento desse estudo, principalmente nas análises dos referenciais teóricos, se fez necessário um breve aporte teórico que dê sustentação as reflexões realizadas. Na obra intitulada “A invenção das tradições” de Hobsbawn e Ranger (1997) apresentam com muita propriedade os termos costume e tradição, assim como esses termos estão imbricados no cotidiano das sociedades investigadas na obra.

De acordo com estes autores:

A “tradição” neste sentido deve ser nitidamente diferenciada do “costume”, vigente nas sociedades ditas “tradicionais”. O objetivo e a características das “tradições”, inclusive das inventadas, é a invariabilidade. O passado real ou forjado a que elas se referem impõem práticas fixas (normalmente formalizadas); tais como a repetição. O “costume”, nas sociedades tradicionais tem a dupla função de motor e volante. Não impede as inovações e pode mudar até certo ponto, embora evidentemente seja tolhido pela exigência de que deve parecer compatível ou idêntico ao precedente. O “costume” não pode se dar ao luxo de ser invariável, porque a vida não é assim nem mesmo nas sociedades tradicionais (HOBSBAWN e RANGER, op.cit. p.10).

esportivas entre a população urbana, cujas origens eram em grande parte rural (envolvendo acordos sobre regras dos padrões sociais).

Portanto, ousamos afirmar que devido às similaridades sócio-econômicas e culturais ocorridas na Inglaterra e na França no século XVIII, como foi apresentado durante o desenvolvimento do texto, existe a possibilidade dos franceses em especial os Irmãos Maristas, terem sido influenciados pelos costumes ingleses, também ao adotarem os jogos como meio de promover valores agregados à educação.

Evidências como a influência religiosa na iniciação e aprovação dos jogos ao ar livre, onde o futebol fazia parte do contexto, tendo como incentivador o Sacerdote Thomas Arnold, pessoa ligada aos princípios religiosos. A preocupação com o corpo buscando fortalecê-lo, sem estimular os sentidos indesejáveis e proibidos pela religião, eram propósitos muito parecidos com os que foram apresentados no Guia das Escolas.

3.3 A chegada dos primeiros Irmãos Maristas no Brasil

Os Irmãos Maristas Andrônico, Luis Anastácio, Afonso Estevão, Basílio, Aloísio e João Alexandre chegaram ao Rio de Janeiro no dia 15 de Outubro de 1897, porém só desembarcaram no dia 16 de outubro de 1897.

Imagem 5: Grupo dos primeiros Irmãos Maristas que chegaram ao Brasil



Fonte: Irmão Adorátor e Organizadores. **Vinte anos de Brasil**. 2005, p.20. Acervo do Memorial do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo

Por ecoar em nossa terra brasileira o domínio do conhecimento voltado para a pedagogia da educação cultural e religiosa detidos pelos irmãos Maristas, os primeiros indícios foram que dois bispos do Brasil pleitearam a honra de terem sido os primeiros a chamarem os Irmãos Maristas. Foram eles: Dom Silvério Gomes Pimenta, bispo de Mariana, Minas Gerais e Dom Eduardo Duarte, bispo de Uberaba (IRMÃO ADORÁTOR, 2005). Porém:

Na Circular com data de 25 de dezembro de 1896, que Dom Silvério Gomes Pimenta, indo a Roma, se deteve na nossa casa Generalícia e, com muita insistência, solicitou irmãos para a sua Diocese. Em Roma, Sua Excelência teve a sorte de obter o apoio de sua Eminência o Cardeal Rampolla. O ilustre protetor, em sete de março de 1896 escreveu ao Reverendo Irmão Teofânico, recomendando o pedido de Dom Silvério Gomes Pimenta. Opinião de tão alto só podia ser bem recebida, como vinda do próprio Deus. Seis irmãos foram escolhidos [...]. Embarcaram no dia 25 de setembro no transatlântico Provence. Congonhas do Campo seria o berço dos Irmãos Maristas no Brasil. Ufana-se, com razão, de ter visto nascer Dom Silvério, bispo de Mariana, santo e sábio pastor (op.cit., p.21).

Após desembarcarem os Irmãos foram recebidos pelo Pe. Cândido Veloso, enviado pelo bispo de Mariana, acompanhado de um cicerone que falava muito bem francês, apesar dos Irmãos Andrônico e Luis Anastácio, terem feito um pequeno estágio em Lisboa para aprender um pouco da língua, antes da viagem ao Brasil. Devido a este estágio, estes irmãos foram respectivamente nomeados diretor e vice-diretor da nova obra marista. Eles seguiram viagem a Congonhas do Campo, onde em 19/10/1897 deram início ao apostolado, assumindo o principal colégio da cidade, o Colégio do Bom Jesus, que passou a funcionar em regime de internato e externato.

3.4 A origem do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo

Neste período a cidade de São Paulo passava por um processo de mudanças no contexto sócio-político-econômico, conforme aponta Nunes (2006, p.112):

Houve o acréscimo do número de habitantes, de casas comerciais, de pequenas indústrias e larga expansão de profissionais liberais. As transformações urbanísticas provocaram algumas melhorias sanitárias na cidade como água encanada, esgotos subterrâneos e serviços de luz elétrica, que, entretanto não atingiram as camadas mais pobres da população. A imigração foi outra mudança socioeconômica, juntamente com a industrialização e a urbanização [...].

Nesta realidade, em 1856 o bispo de São Paulo D. Antônio Joaquim de Mello (1852-1861)¹⁶, apelou aos padres capuchinhos de Sabóia – religiosos franceses famosos pelo conservadorismo e rigor intelectual - a fundarem um Seminário Episcopal (LIMA E COLABORADORES, 2007).

O colégio apresentava excelente estrutura física, além da localização privilegiada próxima a estação da luz como descrevem Lima e Colaboradores (2007, p.2):

¹⁶ Período de vigência da atuação como Bispo.

O recanto é poético, com pátios espaçosos, povoados de árvores frondosas e uma profusão de arbustos e canteiros floridos. Muros de taipa largos e robustos asseguram o recolhimento necessário ao lugar que serve ao estudo e à oração. O endereço também é privilegiado: a Avenida Tiradentes, no bairro da Luz, região central da cidade de São Paulo, bem próxima da estação ferroviária.

Em 1858 foi instalado o Colégio Diocesano que, ao lado do Seminário, se destinava a receber alunos não aspirantes ao sacerdócio.

Nesse período a cidade de São Paulo estava longe de ser o centro rico e agitado em que se transformou no final do século XIX, embora com uma população de 30 mil habitantes (NUNES, 2006). Porém, não se via o mesmo avanço refletido na sociedade em relação à educação como relatam Lima e Colaboradores (2007, p. 2-3):

As escolas também eram poucas e, em sua maioria, bastante acanhadas. Criada em 1846, a única Escola Normal funcionava em bases precárias. Trinta anos mais tarde, as escolas primárias não somavam 30 estabelecimentos em todo o município, muitos dos quais não passavam das chamadas “casas de escolas” – cômodos improvisados nas residências dos professores. O ensino secundário particular, por sua vez, estava circunscrito a seis escolas, entre elas o Colégio Diocesano – [...] “a única novidade que surgiu no cenário do ensino secundário da capital paulista até 1870”.

Imagem 6: Recreio dos Menores 1906. Colégio Diocesano



Fonte: Grifo Projetos Históricos e Editoriais

Durante duas décadas, Seminário e Colégio foram dirigidos pelos capuchinhos de Sabóia religiosos franceses e professores zelosos, porém, o desafio maior para a direção da instituição era manter um corpo docente homogêneo de padres professores que servissem ao Seminário e ao Colégio simultaneamente.

Com isso, se fez necessário recorrer a professores leigos, e por mais que demonstrassem capacidade e competência nas disciplinas lecionadas, esses professores não conseguiam contribuir na disciplina geral. Os diocesanos demonstravam preocupação com a disciplina geral, pois acreditavam que se ela for confiada a mãos inábeis, o mal-estar se fará sentir sem tardança (IRMÃO ADORÁTOR, 2005).

O Colégio Diocesano já era visto pela sociedade como uma instituição séria e competente, mas a cada ano que passava conciliar o Seminário e o Colégio tornava-se uma tarefa difícil para a administração Diocesana.

Para solucionar este problema em 1904 o Bispo D. José de Camargo após assumir a diocese, decidiu separar o Seminário do Colégio, além de expressar a vontade de que os Irmãos Maristas se encaregassem da vigilância do Colégio, que ingressaria em nova fase e nova via. Mas as forças Maristas ainda eram poucas numerosas no Brasil e não sobravam braços para suas escolas e obras (LIMA e COLABORADORES, 2007).

De acordo com o Irmão Adorátor (2005, p.487), a divisão dos aspirantes a sacerdócio e os alunos do Colégio ocorreram da seguinte maneira:

O seminário menor foi transferido para Pirapora, confiando aos padres premonstratenses. O seminário maior ficou sob a direção dos padres diocesanos. Estes conservaram também a direção do Colégio separado.

Os autores acima relatam que a decisão foi sábia, já que as duas instituições “se contrariavam e se prejudicavam”.

Nesse mesmo período o Colégio Diocesano teve uma conquista importante, a sua equiparação¹⁷ ao Colégio Nacional. Com esta conquista houve a valorização da instituição, chegando a ter mais de duzentos internos (todos do sexo masculino). Por outro lado, as dificuldades em gerenciar um colégio interno aumentaram para a Diocese, sendo o motivo principal, a falta de professores para cumprir a tarefa de alfabetização a contento.

Sendo assim, o D. Duarte Leopoldo e Silva (1907-1938), sucessor do Bispo D. José de Carmargo Barros, antes de assumir o cargo de Bispo, se empenhou em resolver o que considerava uma *“fonte de aborrecimentos para a Diocese”*, convencendo os Irmãos Maristas a assumirem mais esse desafio.

De acordo com Lima e Colaboradores (2007, p.7), D. Duarte se posicionou da seguinte maneira: “Ou os senhores assumem o Colégio ou sou obrigado a fechá-lo, lançando assim 200 jovens na rua”.

Enfático, D. Duarte apresentou argumentos definitivos para os educadores maristas, que finalmente concordaram em tomar para si o encargo, após consulta e decisão favorável dada pelo conjunto dos Irmãos, pelos Superiores Maristas e pelo Conselho Provincial.

Em 17 de fevereiro de 1908, os Irmãos Maristas assumiram oficialmente o Colégio Diocesano. Devido à elevação da Diocese de São Paulo a Arquidiocese, modificou-se também o nome do colégio, que passou a ser chamado de Colégio Arquidiocesano de São Paulo.

Era o início de um novo ciclo na história da instituição e na trajetória dos Irmãos Maristas em terras paulistas.

¹⁷ A equiparação constituía o instrumento pelo qual a União reconhecia oficialmente um estabelecimento de ensino secundário. O Colégio D. Pedro II, criado em 1837, no Rio de Janeiro, era considerado modelo para a organização das escolas equiparadas, que como tal estavam aptas a examinar e diplomar seus alunos.

Imagem 7: Collegio Archidiocesano de S. Paulo – Fachada Principal - 1908



Fonte: Échos do Collegio Archidiocesano de São Paulo, Revista Periódica, nº 1, 1908-1909, p.05. Acervo do Memorial do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo¹⁸

Os dezessetes Irmãos Maristas, sendo 1 diretor e 16 professores, pareciam conscientes dos desafios que os aguardavam. "Eram 196 alunos acostumados ao regime educacional anterior, que iriam receber os seus novos Mestres, uma situação que vai ao encontro do que geralmente acontece, e um Colégio com enorme tradição em São Paulo" (IRMÃO ADORÁTOR, 2005, p. 487).

O primeiro ano do Colégio Arquidiocesano na gestão dos Irmãos Maristas foi um período de adaptação ao novo regime que se impunha aos alunos que continuaram na instituição após a mudança de direção: "1908 foi o ano de aclimação, caracterizado por fremidos de impaciência sob o regime novo que se impunha" (ibidem, p.499).

O novo regime que o Irmão Adorátor (2005) se refere, é o novo método de estudo. Os alunos estavam acostumados ao regime anterior, com as aulas discursivas, que consistiam em falar com os alunos sobre a lição do dia. Já no novo regime, os Irmãos

¹⁸ Échos era uma revista periódica interna do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo que relatava todos os acontecimentos ocorridos no ano letivo

Maristas acreditavam que a instrução deveria ocorrer por meio da repetição, além de possibilitar que os alunos conseguissem esclarecer as suas dúvidas, pois o contato com os professores seriam prolongados, além de obterem os esclarecimentos quantas vezes se fizessem necessárias. O novo regime ia ao encontro dos interesses dos alunos, entretanto não favorecia a preguiça.

No Échos (1911, p.3-4) foram retirados alguns trechos que relatam a Organização do Colégio, contribuindo no entendimento na nova proposta do curso:

Objetco e Fim

Esta casa da educação, sob alto patrocínio e a fiscalização immediata da autoridade Archidiocesana, tem por fim ministrar á mocidade uma solida educação moldada nos princípios catholicos, e a instrução fundamental necessária para qualquer carreira intelectual superior.

Educação religiosa e moral

O Collegio é administrado na parte religiosa por um Padre capellão da escolha directa do Exmo. E Revmo. Snr. Arcebispo de S. Paulo. Todos os alumnos internos cumprem seus deveres religiosos no Collegio; os mais jovens são especialmente preparados com todo o cuidado possível para a primeira communhão. O ensino religioso e moral dá-se em todos os cursos, pela forma mais apropriada ao adiantamento dos alumnos.

Educação Intellectual

Existem dois cursos: o preliminar, recebendo alumnos de oito a doze annos, e o secundário, de onze a dezesete annos.

Admissão e matricula

São admittidos alumnos internos desde a idade de oito annos, e semi-internos desde a mesma idade. Para o curso secundário não se acceitam alumnos novos maiores de quatorze annos, e para o curso preliminar maiores de doze annos.

Educação physica

A par de uma alimentação substancial e abundante, os alumnos têm todas as accomodações necessárias a uma bôa hygiene: banhos frios ou quentes, jogos ao ar livre, exercícos de gymnastica, sports de varias espécies.

A gymnastica sueca é obrigatória para todos os alumnos, dispondo o Collegio de todos os aparelhos para este fim. A instrução militar é ministrada aos alumnos maiores de 16 annos que se matricularem na Escola do Soldado.

Com uma proposta pedagógica delineada, as imagens abaixo nos fornecem uma ideia do novo desafio dos Irmãos Maristas ao assumirem a direção do colégio em 1908.

Imagem 8: Curso Preliminar



Imagem 9: Primeiro Anno Gymnasial



Fonte: Échos do Collegio Archidiocesano de São Paulo, Revista Periódica, nº 1, 1908-1909, p.18. Acervo do Memorial do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo

Imagem 10: Segundo Anno Gymnasial



Imagem 11: Terceiro Anno Gymnasial



Fonte: Échos do Collegio Archidiocesano de São Paulo, Revista Periódica, nº1, 1908-1909, p.23. Acervo do Memorial do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo

Imagem 12: Quarto Anno Gymnasial



Imagem 13: Quinto e Sexto Anno Gymnasial



Fonte: Échos do Collegio Archidiocesano de São Paulo, Revista Periódica, nº1, 1908-1909, p.24. Acervo do Memorial do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo

Fica explícito que a Organização do colégio de acordo com os trechos apresentados do Échos de 1911 vai ao encontro das diretrizes do Guia das Escolas. A educação pautada na religião e na moral, a importância da Educação Física manifestada por meio da ginástica e dos jogos.

Pode-se dizer que o tripé: religião, educação e Educação Física (esta última manifestada por meio dos jogos e pela ginástica) faz parte da “tradição” da proposta pedagógica dos Irmãos Maristas, provavelmente pode ter sido esse o motivo que gerou certo desconforto por parte dos alunos antigos que permaneceram no colégio. Dito de outra maneira, os alunos estavam adaptados a um sistema de ensino menos rígido do que o novo sistema dos Irmãos Maristas.

Hobsbawn e Ranger (1997) apontam a invariabilidade como uma característica da “tradição”, seja ela inventa ou não. Assim, o documento norteador da proposta pedagógica da Instituição Marista, o “Guia das Escolas”, era um documento criado em 1853 e subsidiava o ensino nas Instituições Maristas na França e no Brasil, portanto também no colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo, em 1908.

Almejando da compreensão de como ocorriam as práticas corporais no Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo, a partir de 1908, foi necessário se debruçar no na revista periódica *Échos* (no período compreendido entre 1908 a 1930) dados que as obras de Irmão Adorátor (2005), Lima e Colaboradores (2007) e Nunes (2006), que realizaram pesquisas voltadas a Instituição Marista, não abordavam detalhes acerca deste tema.

CAPÍTULO 4

O Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo e as suas práticas corporais

Neste capítulo iremos tratar das práticas corporais existentes no Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo, no período entre 1900 a 1930.

Para compreendermos a existência dessas práticas corporais no colégio, se fez necessário discorrer um panorama sobre as atividades físicas e esportivas práticas no Brasil no já período referendado. Portanto no subcapítulo 4.1 iremos descrever o panorama das práticas corporais no Brasil, buscando identificar nas literaturas consultadas indícios sobre as normativas da educação física no período.

Nos subcapítulos subsequentes iremos descrever as práticas corporais existentes no Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo, encontradas nos documentos internos do Acervo do Memorial do colégio.

4.1 Aspectos das práticas corporais no Brasil entre 1900 a 1930

Não tenho a pretensão neste momento de descrever ou reescrever toda a trajetória das atividades físicas, práticas corporais, a ginástica e por fim a educação física no Brasil no início do século XIX, pois esses temas já foram abordados com muita densidade nas obras de autores renomados como Inezil Penna Marinho¹⁹, Manoel José Gomes Tubino²⁰, Pedro Angelo Pagni²¹, Mauro Betti²² entre outros.

O contexto histórico da Educação Física no Brasil, no início do século XX nos revela múltiplas facetas como:

- a influência das diferentes escolas ginásticas européias como as suecas, francesas e alemãs, sejam elas nos ambientes escolares ou mesmo nas instituições militares;

¹⁹ Obra – História da educação física no Brasil.

²⁰ Obra – O esporte no Brasil do período colonial aos nossos dias.

²¹ Obra – A prescrição dos exercícios físicos e do esporte no Brasil (1850-1920): cuidados com o corpo, educação física e formação moral.

²² Obra – Educação Física e Sociedade.

- as mudanças socioculturais ocorridas em São Paulo devido ao processo de industrialização que o país estava enfrentando no início do século XX;
- a grande concentração de riquezas impulsionava o desenvolvimento urbano, havendo assim a necessidade de modernizar, moralizar e higienizar a nação brasileira.

Para Barsottini (2011, p.52):

Ainda neste período, que compreende o final do século XIX e início do século XX chegava ao Brasil, mediante as necessidades, um novo ideal cujo eixo era a preocupação com a saúde da população, coletiva e individual. Suas propostas residiam na defesa da saúde e educação e no ensino de novos hábitos higiênicos [...].

Esse movimento tem uma ideia central que é a de valorizar a população como um bem, como capital, como recurso principal da nação. Essa valorização atendia principalmente as famílias nobres e as escolas particulares como descreve Pagni (1997, p.59):

Juntamente com a prescrição de hábitos de higiene e de asseio corporal, os exercícios físicos eram prescritos para os indivíduos provenientes das famílias mais ricas e dos meios mais cultos que tinham acesso aos serviços prestados pelos médicos. Entre os exercícios físicos prescritos, a ginástica e as caminhadas ao ar livre foram as principais atividades indicadas pelos médicos às novas gerações e tinham como finalidade exercitar os corpos e, ao mesmo tempo, ocupar os pensamentos das crianças e dos jovens durante o seu tempo de ócio. Essas atividades, juntamente com os banhos também prescrito pelos médicos, já haviam sido adotadas em alguns colégios durante esse período.

O autor faz menção à figura do médico como um dos responsáveis pela prescrição de atividade física, e principalmente responsável em direcionar as atividades físicas que deveriam ser praticadas, como a ginástica e a caminhada, essa orientação aplicava-se a família e estendia-se para os colégios, provavelmente os particulares que atendiam a uma classe elitizada da época.

Essa mudança comportamental da sociedade brasileira, e em específico na sociedade paulistana em manterem os hábitos higiênicos, e cultivar o hábito da prática dos exercícios físicos no início do século XX, foi influenciada pelos países europeus em ascensão como a Inglaterra e a França.

Góis Junior e Lovisolo (2005, p.323), descrevem com muita riqueza e densidade os écos desse movimento conhecido como “Movimento Higienista” no Brasil, segundo os autores:

No Brasil, o movimento teve papel semelhante no início da industrialização. Porém havia um aspecto especialmente preocupante para os higienistas brasileiros, [...], qual seja, a formação do povo envolvendo o papel das raças e sua miscigenação, daí decorrendo a presença eugênica no movimento, que tinha como preocupação a higiene da raça, utilizada como sinônimo de eugenia no Brasil.

Para os autores acima, existiam provavelmente outros interesses sociais, influenciados pelos médicos, que além de incutir nas classes sociais elitizadas os hábitos higiênicos, também pretendiam manter a higiene de raça, ou dito de outra maneira, a eugenia.

Observa-se que essa preocupação com os hábitos higiênicos e a prática da atividade física não vinha somente das instituições médicas. As instituições militares entendiam que a saúde da sociedade e os indivíduos engajados na carreira militar deveriam prover-se de ótimas condições como apontam Archanjo e Simões (2010, p.6):

No Brasil, as instituições Médicas e Militares vão se apropriar da área e ditar as regras de uso, indicação e benefícios da Educação Física, passando a mesma a ter ora um caráter higienista, ora militarista, de acordo com as necessidades políticas de sua utilização.

O cenário das práticas corporais no início do século XX, destacado até o momento nos permite refletir, e principalmente compreender quais eram os interesses políticos que

apoiavam a determinadas práticas nos ambientes escolares como a ginástica e a instrução militar.

As instituições médicas e militares acreditavam que a Educação Física poderia promover essa educação geral, ou seja, incutir os hábitos de higiene, conceitos patrióticos e a prática de atividade física. Esse delineamento que teve início no século XX, deveria ser estendido por meio de várias instituições para a maioria da sociedade elitizada, sendo a escola uma das instituições responsáveis por essa disseminação.

Pagni (1997) acredita que para essas instituições a Educação Física seria fundamental na solução dos problemas relacionados a saúde individual e coletiva, além de contribuir na formação do caráter e da identidade do “homem brasileiro”.

Fica evidenciado mesmo que de maneira linear e cabe assumir que de certa forma, “um pouco reducionista” a síntese sobre as práticas corporais no Brasil, no início do século XX, realizadas até o momento, que contribuíram e forneceram um aporte, sobre a concepção de “Educação Física”, na forma de Ginástica e os seus objetivos terminais enquanto disciplina nos colégios da época.

Os autores citados acima corroboram em afirmar que inicialmente a Ginástica tinha como tarefa, incutir hábitos higiênicos nas crianças além de tornarem seus corpos “belos, fortes e saudáveis”, atendendo também aos interesses das instituições militares. Uma influência evidente do movimento ginástico europeu, como aponta Soares (1994, p.65):

Apresentando algumas particularidades a partir do país de origem, essas escolas (de ginástica – grifo nosso), de um modo geral possuem finalidades semelhantes: regenerar a raça (não nos esqueçamos do grande número de mortes e de doenças); promover a saúde (sem alterar as condições de vida); desenvolver a vontade, a coragem, a força, a energia de viver (para servir à pátria nas guerras e na indústria) e , finalmente, desenvolver a moral (que nada mais é do que uma intervenção nas tradições e nos costumes dos povos).

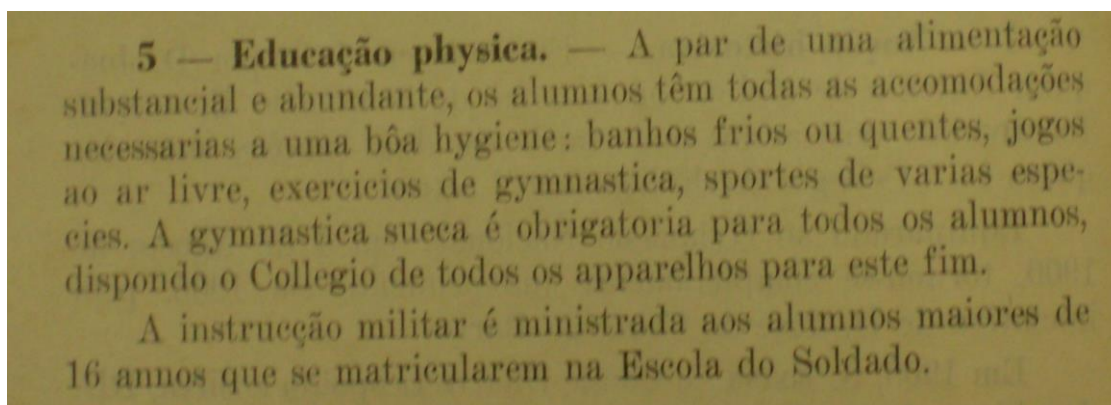
Essa concepção quanto a importância da escola para atingir aos interesses políticos e sociais da época vai ao encontro dos registros encontrados no Acervo do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo.

No subcapítulo 3.2 serão apresentados os registros sobre a prática da Ginástica encontrados no acervo do Colégio Maristas Arquidiocesano de São Paulo.

4.2 A Ginástica

O manual que descreve as disposições gerais do Curso oferecido pelo colégio, podemos observar na página 4 no tópico 5 que são citadas as disciplinas de Ginástica assim como a Instrução Militar conforme a imagem 14.

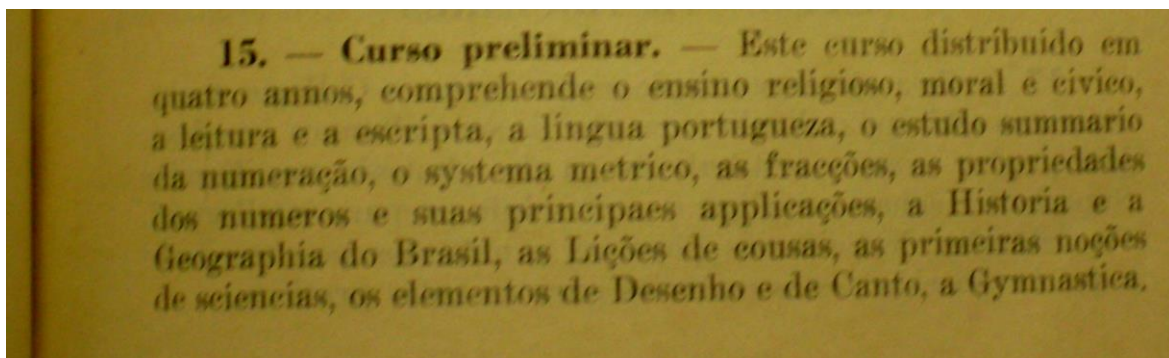
Imagem 14: Revista do Collegio - 1924 ²³



Fonte: Échos do Collegio Archidiocesano de São Paulo, Revista Periódica, nº16, 1924, p.57. Acervo do Memorial do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo

²³ O texto do Échos reforça o pensamento higienista que era adotado pelos Irmãos Marista. Oferecer condições e estrutura para que os hábitos higiênicos fossem incutidos na rotina diária dos alunos era primordial. Por conta disso adotaram como estratégia o estímulo para as práticas dos jogos ao ar livre exercícios de ginástica e alguns *sports* de várias espécies como o *Foot-Ball*. Ao longo do Échos visualizaram-se evidências da prática de jogos como o Basquete e Vôlei e Basquete, pois o Colégio dispunha de uma quadra com tabelas de basquete e redes de vôlei (ver imagem 35).

Imagem 15: Revista do Collegio - 1924



Fonte: Échos do Collegio Archidiocesano de São Paulo, Revista Periódica, nº16, 1924, p.57. Acervo do Memorial do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo

Observa-se novamente a Ginástica como conteúdo no programa do colégio, conforme apresentado na imagem 15, entretanto, no mesmo documento não foi encontrado como componente do programa a Instrução militar.

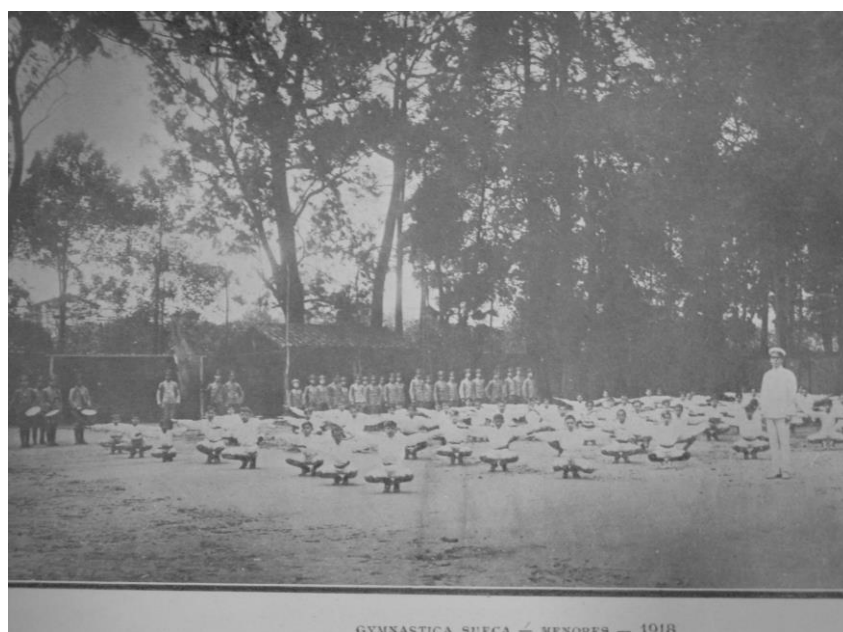
A ginástica era obrigatória na aula de Educação Física nos colégios brasileiros desde 1851, conforme a Lei de nº 630 que a incluiu no currículo escolar. Porém, o grande marco citado nos textos sobre a história da Educação Física no Brasil, foi o pronunciamento na Câmara de Deputados Federais em 1882 realizado por Ruy Barbosa, então Ministro da Fazenda, defendendo o projeto nº 224 para o desenvolvimento das práticas de Educação Física nas escolas brasileiras em padrão similar ao dos principais países europeus (TUBINO, 1996, p.19).

No colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo, a ginástica tinha como objetivo desenvolver harmoniosamente as forças musculares, contribuindo na melhora da postura corporal, prejudicada devido ao longo tempo que o aluno ficava sentado durante as aulas, além de melhorar as capacidades físicas como força, flexibilidade e agilidade (LIMA e COLABORADORES, 2007). Para os Irmãos Maristas o objetivo da ginástica não era formar atletas, e muito menos acrobatas como relatado no Guia das Escolas:

A ginástica é exercício racional e metódico de tripla finalidade: higiênica, estética e econômica: higiênica porque fortifica a saúde; estética porque previne deformações corporais; econômica, porque ensina a reduzir ao mínimo o esforço muscular. Além do mais a ginástica favorece indiretamente o trabalho de espírito (FURET e COLABORADORES, 2009, p.33)

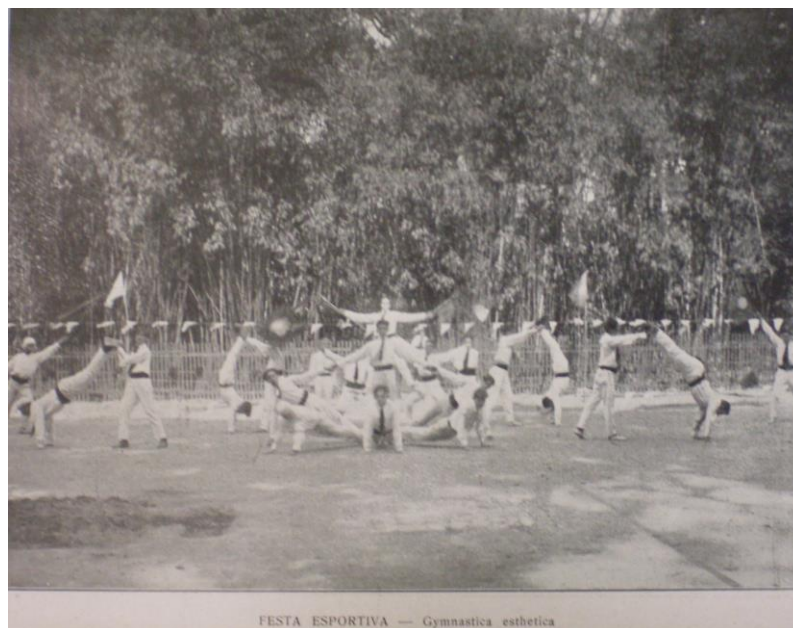
A ginástica era praticada ao ar livre no colégio, por alunos de diferentes faixas etárias, como é possível verificar pelas imagens abaixo:

Imagem 16: Gymnastica Sueca – Menores 1918



Fonte: Échos do Collegio Archidiocesano de São Paulo, Revista Periódica, nº10, 1918, p.52. Acervo do Memorial do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo

Imagem 17: Festa Esportiva – Gymnastica esthetica - 1924



Fonte: Échos do Collegio Archidiocesano de São Paulo, Revista Periódica, nº16, 1924, p.48. Acervo do Memorial do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo

A ginástica era praticada nas aulas de Educação Física, conforme evidencia a Imagem 16, onde os menores são tutoriados pelo monitor. E também faziam parte dos eventos festivos do colégio, evidenciado pela Imagem 17, nos quais os alunos realizavam apresentações.

Os Irmãos Maristas entendiam que a ginástica oferecia algumas vantagens em relação aos jogos, pois nos jogos, os “alunos mimados” permaneciam inativos ao invés de jogar, e já na ginástica, havia uma obrigatoriedade do exercício benéfico, que aos poucos, lhes fariam adquirir mais vigor. Não havia a necessidade de possuir aparelhos caros ou complicados para realizar a ginástica, pois os exercícios elementares como movimentos de braços, pernas, ou, caminhadas e saltos, desenvolviam de maneira satisfatória, as forças musculares sendo suficientes para imprimir agilidade de maleabilidade (FURET e COLABORADORES, 2009).

Existia toda uma preocupação por parte dos Irmãos Marista em relação a organização e o desenvolvimento da aula conforme descreve Furet e Colaboradores (2009, p.33):

É preciso servir-se de exercícios criteriosamente escolhidos para alcançar os diversos objetivos da ginástica, isto é, melhorar as grandes funções da vida, como a respiração e a circulação, dando ao organismo flexibilidade e leveza, endurecendo-o para superar o cansaço. O professor terá em conta a idade e as forças dos alunos, alternando, de acordo com a necessidade, os exercícios lentos e moderados com aqueles mais vivos e animados. Na execução, o mestre trata de alcançar a precisão dos esforços musculares, a amplitude dos movimentos e certa cadência nos esforços exigidos do organismo.

Para os autores acima, a cadência dos exercícios, ou dizendo de outra forma, a velocidade e ritmo de execução, estava relacionada à faixa etária dos alunos associada ao nível de esforço físico aos quais esses alunos deveriam ser submetidos, visando-se sempre a melhora das funções cardiorrespiratórias.

Mesmo com a riqueza dos registros apresentados até o momento sobre a ideologia e importância dada pelos Irmãos Maristas para a prática da Ginástica nas aulas de Educação Física, não foi possível encontrar no acervo, mais informações sobre os critérios de avaliação, planos de aulas ou qualquer outra forma de identificar a dinâmica desenvolvida no processo pedagógico, uma vez que a mesma fazia parte do currículo do colégio.

Os dados apresentados até o momento nos permite compreender a importância da Ginástica como prática corporal no ambiente escolar para os Irmãos Maristas, além de ir ao encontro dos interesses das instituições médicas na propagação dos hábitos higiênicos no contexto escolar e social. Sendo assim, pode-se hipotetizar que a Ginástica e os Exercícios Militares, contribuíram para a introdução das práticas militares e conseqüentemente os chamados “Batalhões Infantis” (SOUZA, 2000, p.108). Portanto, no subcapítulo 4.3 Instrução Militar, buscaremos mostrar indícios de como a Instrução Militar

se estabeleceu como uma prática regular no ambiente escolar, e no Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo.

4.3 A Instrução Militar

A Ginástica como disciplina foi estabelecida nos programas escolares, pois ajudava a tonificar e melhorar a constituição física dos alunos, associada às ações de higiênicas como difundiam as instituições médicas.

Para Souza (1998, p.179):

Juntamente com a ginástica foi introduzida a rubrica “exercícios militares” numa clara demonstração dos vínculos entre a escola popular e o desígnio da sociedade republicana. Objetivo: fazer do aluno um futuro “guarda nacional” um defensor da pátria.

Assim, as práticas dos exercícios militares contribuíram para a geração dos Batalhões Infantis nos ambientes escolares.

Em 1904, eles foram regulamentados pelo regimento interno dos Grupos Escolares e Escolas-Modelo (Decreto 1.212, de 27/4/1904), concebidos como meio de estímulo aos alunos, de forma que os postos fossem distribuídos para aqueles que melhor se distinguiram por seu comportamento, aplicação e garbo militar. Nos batalhões dever-se-ia aplicar o regime militar como meio profícuo de disciplina (SOUZA, 2000, p.5)

Os Batalhões Escolares, por meio de seus desfiles, de seus combates simulados, de suas roupas, de sua ordem, de sua postura e armamento, tinham por finalidade a alegoria da República: o respeito às hierarquias, o controle e a educação das massas, ou seja, possuíam uma função pragmática e de propaganda (BORGES, 2008, p.10).

Existia grande interesse por parte das Instituições Militares quanto ao estabelecimento das instruções militares no ambiente escolar, tendo como um dos

objetivos finais incutir valores morais e principalmente disciplinadores, como aponta Souza (2000).

Porém, Borges (2008), apresenta um olhar diferenciado para o mesmo fenômeno, ou seja, para ele o estabelecimento das instruções militares no colégio tinham propósitos políticos, ou seja, incutir valores hierárquicos, controlar e educar as massas dentro do regime militar eram metas que faziam parte dos interesses da nova República.

Uma vez tendo o apoio do regime republicano que se estabelecia neste período, a regulamentação sobre a introdução da Instrução Militar nos programas escolares ocorreu efetivamente em 1905 pelo regime interno dos Grupos Escolares e Escolas-Modelo (Decreto 1.212, de 27/4/1904).

Souza (2000, p.5) descreve com mais detalhes o funcionamento dos Batalhões escolares:

Os batalhões, simulacros de corporações militares, recebiam treinamento fora do horário regulamentar das aulas e utilizavam um aparato condizente com o ritual cívico a que se prestavam: além do fardamento, espingardas de madeira, cinturões, baionetas, tambores e cornetas. Cada batalhão possuía um estandarte e recebia o nome de um herói nacional ou de uma personagem política eminente. À semelhança das organizações militares, os batalhões infantis, reunindo pequenos soldados, simbolizavam uma das finalidades primordiais da escola pública: a celebração cívica.

A descrição realizada pela autora acima, nos permite entender porque a Instrução Militar não constituía em disciplina regular no programa escolar, pois a prática da mesma era realizada fora do horário regulamentar das aulas, ou seja, se tratada de uma atividade extracurricular, apesar de ser uma prática regulamentada nos programas escolares.

Em 6 de janeiro de 1908 com a promulgação da lei nº 1860, art. 98 “ do alistamento e do sorteio militar” tornou-se obrigatória a instrução militar para os alunos maiores de 16 anos (BORGES, 2008).

Buscando atender a este dispositivo legal, o Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo, oferecia aos seus alunos maiores de 16 anos a possibilidade de matricular-se na Escola do Soldado existente na Instituição. Esses alunos recebiam todas as informações necessárias referentes à Instrução Miliar como: instruções de tiro, armamentos, marchas e etc, e todos estes conhecimentos adquiridos eram avaliados por meio de provas práticas.

Essas instruções eram passadas por oficiais do exército como o Tenente Brazilio Carneiro e Castro. Segundo o Échos (1908-1909, p.32):

Segundo os regulamentos a instrução militar foi ministrada aos alunos, de modo superior pelo distinto Tenente Brazilio Carneiro e Castro. Todos gostaram muito e rivalizaram de boa vontade na aprendizagem da arte de defender a pátria.

Imagem 18: Instrução Militar sob a Direção do DD. Tenente Brazilio Carneiro de Castro - 1908



Fonte: Échos do Collegio Archidiocesano de São Paulo, Revista Periódica, nº1, 1908-1909, p.31. Acervo do Memorial do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo

Nota-se que esta instrução militar era uma das práticas corporais possíveis aos alunos, e que era uma prática do colégio, não necessariamente promovida pelo colégio. Ou seja, esta prática não era ofertada de forma regular nas aulas de Educação Física, tão pouco lecionada pelos Irmãos professores, e sim por militares.

Imagem 19: Distintos Officiaes do Batalhão Collegial prestando honras à Bandeira- 1917



Fonte: Échos do Collegio Archidiocesano de São Paulo, Revista Periódica, nº9, 1917, p.44. Acervo do Memorial do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo

Numa primeira análise, cujas fontes ainda são incipientes, percebe-se a orientação do colégio para a formação da vocação religiosa e científica/cultural dos alunos, mas também uma vocação para o nacionalismo.

Para Souza (2000, p.14), a sociedade da época, via com apreço a demonstração de patriotismo dada por esses alunos ao desfilarem pelas ruas da cidade. Como descreve a autora “... um corpo unido e harmônico, como deveria ser a pátria e a nova ordem”.

Portanto, o fato é que dentro de uma instituição Marista, havia neste momento histórico o ensino das práticas, e dos valores, militares aos jovens da elite paulistana.

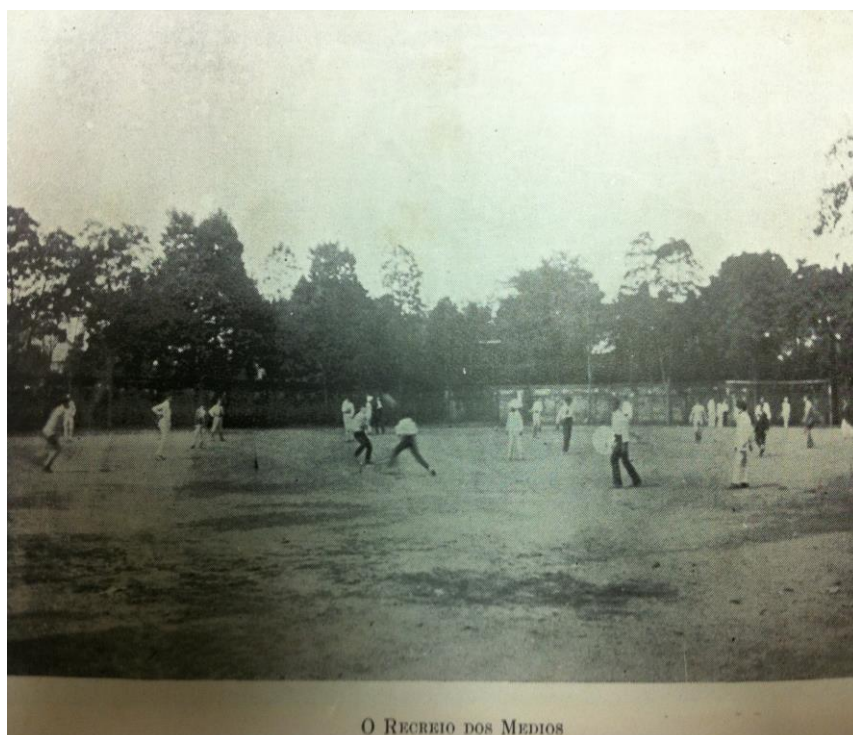
Podemos perceber que no Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo, a Ginástica e a Instrução Militar eram tidas como as práticas corporais regulares. Entretanto, ao consultarmos os Échos, notamos que outras práticas corporais ocorriam no colégio, mesmo que de forma esporádica. Portanto, no subcapítulo a seguir, iremos relatar as práticas existentes no colégio durante o recreio.

4.4 O recreio

Apresentações de peças teatrais e músicas eruditas, a realização dos jogos e brincadeiras durante os recreios faziam parte das atividades desenvolvidas no colégio, “sempre com o objetivo de amenizar a monotonia que era inevitável para os alunos internos” (FURET e COLABORADORES, 2009, p.34).

Embora este fosse, em princípio, um momento de maior liberdade de movimento e de escolha das práticas, cujos interesses são diversos pelos alunos, havia pela própria estrutura do colégio uma pré-disposição para a prática de alguns jogos e brincadeiras. A composição e disposição dos espaços e a oferta de alguns materiais deflagram esta hipótese, como pode ser analisado na próxima imagem.

Imagem 20: O Recreio dos Médios - 1914



Fonte: Échos do Collegio Archidiocesano de São Paulo, Revista Periódica, nº6, 1914, p.34. Acervo do Memorial do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo

A imagem acima nos remete a dimensão do espaço que era reservado para o recreio dos alunos médios, e nota-se que este era amplo e muito arborizado onde as sombras das árvores conservavam com o frescor do ambiente, propiciando um contexto agradável para a prática de exercícios.

Apesar da imagem não permitir definir o jogo que os alunos estavam praticando, notam-se ao fundo as metas de gol, a distinção dos uniformes, alguns alunos de uniforme claro e outros alunos com camisa clara e calça escura, alguns indícios típicos do *Foot-Ball*. Portanto, pode-se afirmar que em 1914, conforme registrado na Revista *Échos*, já existia fortes indícios sobre a prática do *Foot-Ball*.

Há outros indícios que sinalizam a presença desta prática, antes desta data, como a menção na Revista *Échos* acerca dos acidentes que eram ocasionados nestes momentos do recreio (ou no colégio de maneira geral).

A maior parte dos tratamentos que houve, provieram de accidentes provocados pelos excessos cometidos num jogo perigosíssimo, bem que muito voga: o *Foot-ball* (ÉCHOS, 1910, p.37)

O entendimento da dinâmica do jogo de *Foot-Ball* por parte dos Irmãos Maristas, os permitia identificar os riscos da prática desse jogo, isso porque talvez os contatos físicos fossem comuns.

Mesmo o *Foot-Ball*, apresentando o risco de acidente cometido pelo excesso durante os jogos, ele recebia o incentivo da prática pelos Irmãos Maristas por ser um *sport* que encontrava-se em evidência, principalmente na sociedade elitista da época. Mas como o *Foot-Ball* poderia ter chegado às escolas Maristas?

A resposta pode vir de uma similaridade entre o modelo de escola Europeu e o Brasileiro, que também já é sinalizado numa das passagens da revista *Échos*, acerca da higiene dos alunos após o Recreio.

A camisa ensopa-se, de muito correr; mas depois vae-se trocar. Todos adoram o recreio. Suspiram pela libertação de um bem que perderam. [...] Nem 'philosophos' ou 'sabichões' queremos ver ali, a empunhar livros sizudos ou a discorrer gravemente sobre a alta do café, pedrinhas de feijão e de arroz, ou sobre a doçura da vida na fazenda. Não senhor, não póde. **Vejam-se os ingleses e os povos fortes: praticam o sport. Jogos, corridas, movimento, isto sim** (ÉCHOS, 1912, p. 22 – grifo nosso).

E é sobre este assunto que se debruça o próximo capítulo.

CAPÍTULO 5

O Foot-Ball

Neste capítulo iremos abordar sobre o *Foot-Ball*, tanto na sua concepção inglesa como no Brasil, considerando-se que era também uma das práticas corporais existentes no Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo, no período entre 1900 a 1930.

Assim, o primeiro subcapítulo apresenta um panorama sobre a origem e a regulamentação do *Foot-Ball* na Inglaterra²⁴, apontando algumas justificativas que levaram o *Foot-Ball* a ser praticado nos ambientes escolares ingleses. Já no subcapítulo 5.2 haverá um olhar geral sobre o panorama da chegada do *Foot-Ball* no Brasil, buscando identificar nas literaturas consultadas indícios sobre as primeiras práticas desse esporte nos ambientes escolares brasileiros (tema da pesquisa).

5.1 O *Association Foot-Ball* e o ambiente escolar

Ao descrever sobre a origem do futebol regulamentado, as literaturas que abordam essa temática são enfáticas ao atribuírem aos ingleses a criação do jogo conhecido como *Association Foot-Ball* no final de 1863, em Londres (ROSENFELD, 1974; CALDAS, 1990; MURRAY, 2000; PEREIRA, 2000). Faz-se necessário para a nossa pesquisa, ampliar o olhar buscando compreender qual o papel das escolas inglesas na organização e sistematização desta prática no século XIX. E para entender um pouco mais sobre o futebol na escola, iremos primeiramente abordar o *Association Foot-Ball*, e o contexto de sua constituição.

O avanço rápido da revolução industrial permeada pelos novos princípios de uniformização do processo e competitividade, ou seja, os novos “costumes” provavelmente influenciaram para que a organização dos esportes na Inglaterra começasse muito antes do que na maioria dos outros países (ELIAS e DUNNING, 1992).

²⁴ País de origem do *Foot-Ball* regulamentado.

Gallati (2010), ressalta que nesse período e ao longo do século XIX, o esporte se fortaleceu junto à aristocracia que ia estabelecendo critérios, normas e formas de praticar o esporte, fazendo com que a classe burguesa, que era detentora dos recursos financeiros e do poder, observasse no esporte um símbolo de ascensão social, equiparando-a aos nobres das classes mais altas. E nas escolas e nas universidades, os esportes faziam parte do currículo, fazendo com que a juventude britânica o cultuasse de maneira integral.

De acordo com Murray (2000) o futebol regulamentado não surgiu dos internatos ingleses, porém foram seus *old boys* (ex-alunos) que deram o impulso para a elaboração dos primeiros regulamentos nacionais.

Durante o período escolar esses alunos praticavam o jogo de futebol no interior de suas escolas, como estas instituições escolares não jogavam entre si, cada uma delas adotava as suas próprias regras, e elas dependiam de onde os jogos ou os recreios eram realizados (MILLS, 2005; MURRAY, 2000).

Na escola de *Rugby* onde lecionava Thomas Arnold, os alunos jogavam uma forma de futebol que permitia agarrar o adversário e correr com a bola na mão. Já na escola de *Harrow*, cujos praticantes estavam entre os pioneiros da *Association Foot-Ball* as equipes eram compostas por onze jogadores de cada lado e a bola era somente chutada. Os jogos praticados por esses estudantes eram baseados na tradição de cada escola (MURRAY, 2000).

Expressando os valores desejados, pelo grupo ou pela pessoa que as constituíam, as regras esportivas eram rígidas, mas ainda variavam muito de um colégio para o outro, o que se evidenciava nas Universidades, quando jovens de diferentes partes do País se encontravam. Nestes encontros se desenvolviam várias atividades, dentre elas o hábito da prática esportiva, sendo apresentadas diferentes formas de se jogar. E para que fosse

possível o desenvolvimento dos jogos entre eles, as regras precisariam ser ajustadas, despertando a necessidade de padronização das formas de prática, como destaca Scaglia (2005, p.19):

Se os filhos da elite inglesa aprendiam jogos na escola e cada escola tinha regras particulares e jogos próprios, significativas apenas ao pequeno grupo de estudantes, logo posso deduzir que quando esses chegavam às universidades – reunindo-se com alunos de várias outras escolas e localidades –, para que pudessem continuar a jogar seus jogos era preciso combinar novamente as regras. Frutos dessa necessidade é que entrevejo mais uma condição favorável ao surgimento dos esportes [...].

Dessa forma cada escola construía a sua identidade por meio de sua tradição, seja ela no âmbito educacional ou esportivo, sendo esses alguns dos elementos que as diferenciavam. Porém, quando esses ex-alunos de diversas escolas passavam a frequentar universidades, os conflitos emergiam, inclusive no momento de jogar futebol, onde a essência da cultura do jogo era diferenciada e por muitas vezes sua prática causava confusão.

Mills (2005) relata uma situação ocorrida entre as equipes dos *Old Etonians* (localizada na aldeia de Eton, perto de Windsor) e dos *Old Rugbians*, confronto que em geral resultava numa balbúrdia generalizada.

Com essa atitude de manter-se a tradição do futebol praticado nas escolas, com as suas particularidades nas universidades e para pôr um ponto final a tanta confusão durante estes encontros, os alunos da Universidade de *Cambridge* em 1863 publicaram suas próprias regras. A partir dessa iniciativa, outras instituições como *Oxford*, *Etonians*, também tentaram criar suas próprias regras e padronizar o futebol (MILLS, 2005).

O interesse gerado por essas instituições em regulamentar e padronizar o jogo de futebol fez com que o Sr. Ebenezer Cobb um advogado de profissão e muito prolífico nos esportes, fundador em 1862 do *Barnes Football Club* (clube de futebol amador),

solicitasse uma reunião com os representantes desses times, no intuito de formar uma associação com o objetivo definido de estabelecer um único código de regras para o futebol.

E assim o fizeram, Murray (2000, p.22) relata que “esse evento histórico com ex-alunos de diversos internatos particulares, representantes de clubes, realizado na *Freemason*, uma taverna londrina, **em 26 de outubro de 1863**, foi o primeiro de cinco encontros subsequentes”.

Murray (2000) e Mills (2005) ressaltam que a controvérsia consistia com relação no toque de mão e no jogo violento entre os clubes participantes dessa reunião. Os representantes de *Blackheath* (influenciado pela tradição do *Rugby School*) desejavam manter a violência, especialmente nas formas de contato (entre os jogadores e com a bola), alegando que sua abolição ameaçava a “virilidade” essencial do futebol (como um esporte tipicamente masculino). Porém, os outros clubes foram contra esta proposta, restringindo as poucas situações em que o toque de mão seria permitido, tendo sido instituído as primeiras 14 regras do Futebol regulamentado.

Na condição de pesquisador, o olhar para esse fato histórico acerca da regulamentação do futebol não deve ser tão reducionista, fazendo-se necessário trazer algumas análises acerca deste processo, dentro do recorte da pesquisa.

Para Toledo (2000) e Scaglia (2005) as regras faziam parte de um processo crescente de adestramento corporal, social e moral, um fenômeno regulador das atividades lúdicas, ocorrido nas sociedades europeias, que fundiu-se com os mecanismos mais abrangentes de processos similares, políticos, econômicos e sociais, de longa duração, que alteraram significativamente as sensibilidades dos domínios da sociedade.

Talvez as histórias sociais dos esportes das classes altas e médias ainda estejam para ser escritas, como bem apontam Hobsbawn e Ranger (1997). Mesmo assim estes ressaltam a importância do esporte como prática social, pois, por meio dele, as últimas três décadas do século XIX assinalaram uma transformação decisiva na difusão de velhos esportes, na invenção de novos e na institucionalização da maioria, em escala nacional e internacional. Tal institucionalização consistiu numa vitrina de exposição para o esporte, além de a institucionalização ter constituído um mecanismo de reunião de pessoas de status social equivalente, embora sem vínculos orgânicos sociais ou econômicos.

Desta forma, a universidade, esfera máxima do sistema educacional, ajudou na conformação de uma das características mais evidentes do esporte moderno: a universalização da regra. Esses ex-alunos dos internatos ingleses não deram ao mundo somente as regras do futebol como também fomentaram o espírito de um esporte não maculado pela recompensa material.

Nesta breve abordagem da constituição do *Foot-Ball* na sociedade inglesa, fica evidente o importante papel das instituições de ensino para a constituição de sua regulamentação e para a sua propagação. E embora haja maiores créditos para as universidades neste processo, também há de se ressaltar a importância das escolas, que sem dúvida, estimulavam e mantinham a prática e os torneios de futebol, reforçando naquele momento histórico o caráter elitista deste esporte (pois estas escolas eram particulares) e tornando-o cada vez mais conhecido e cultuado pela sociedade (expandindo-se para além do ensino universitário).

Conscientes também da influência europeia no Brasil no início do século XX, tentamos identificar as formas de constituição e prática do futebol no nosso país.

5.2 O *Foot-Ball* no Brasil

Inúmeros são os autores que já abordaram as possíveis origens do *Foot-Ball* e a sua história no Brasil, em 1894, por meio de Charles Miller, em São Paulo e em 1896, por meio Oscar Cox, no Rio de Janeiro (CALDAS, 1990; DA SILVA, 2006; FANZINI, 2009; FRISSELLI e MANTOVANI, 1999; MAGALHÃES, 2010; MÁXIMO, 1999; MAZZONI, 1950; MILLS, 2005; MURRAY, 2000; PEREIRA, 2000; RIBEIRO, 2000; ROSENFELD, 1974; SHIRTS, 1982; SOARES e LOVISOLO, 2003; TRIGO, 2005).

Atualmente, estudos na área da História têm buscado compreender como eram desenvolvidas as práticas esportivas nos ambientes escolares religiosos (ARCHANJO e SIMÕES, 2010; BORGES, 2008; DALLABRIDA e MARTINI, 2008); dentre as práticas o futebol (SANTOS NETO, 2002).

Todos apresentam ao menos algo em comum em suas discussões quanto aos objetivos das práticas esportivas no ambiente religioso, pois para eles, o esporte adotado como método de educação contribui para controlar o ímpeto dos jovens e fixar valores como: religiosidade, retidão de caráter, boa conduta, além de contribuir para a promoção da saúde. Objetivos esses já observados e descritos por Thomas Arnold na Inglaterra, em 1828, conforme já abordado no capítulo 5.1.

Santos Neto (2002), um dos autores pioneiros em investigar o futebol no ambiente escolar religioso, principalmente em sua obra intitulada “Visão do jogo - primórdios do futebol no Brasil”, trouxe à tona fontes que propiciaram uma releitura na historiografia deste esporte no que refere-se à sua chegada de forma regulamentada no Brasil.

Descreve o autor que, no estado de São Paulo, uma das escolas que mais se destacou na introdução de novas práticas esportivas foi o Colégio Jesuítico São Luiz, fundado em 1861, em Itu. Seus alunos vinham da elite paulistana e brasileira. No período

compreendido de 1880 a 1890, dentre as práticas esportivas que os meninos e rapazes eram submetidos estava o futebol. Relata também que apesar dos padres e alunos jogarem juntos, até 1887 eles não praticavam o futebol regulamentado da *Association Foot-ball*. Ou seja, eles não jogavam o futebol com dois times e a existência de um conjunto de regras que foram estabelecidas no contexto inglês; mas sim um jogo chamado “bate bolão”, onde a bola era golpeada com os pés contra a parede.

Então, em 1894, teve início o mandato de um novo reitor, o padre Luís Yabar, um conhecedor da história e das regras do *Foot-Ball*, pois já o vira sendo jogado em vários colégios da Europa, além de ser um admirador entusiástico do trabalho de Thomas Arnold (SANTOS NETO, 2002).

A partir daí, o futebol deixou de ser uma brincadeira de chutes na parede e se aproximou do jogo que conhecemos. Com esses novos dados revelados, Santos Neto não teve a pretensão de ofuscar os méritos dados a Charles Miller pelas obras historiográficas existentes, mas sim, buscar desvelar os motivos que levaram a sociedade da época a o elegerem como o introdutor do futebol no Brasil.

Para Pereira (2000, p.23):

Ao eleger como marcos iniciais do futebol no Brasil figuras como Charles Muller e Oscar Cox, memorialistas e historiadores participaram do processo de criação de uma memória do futebol brasileiro que, no fundo, nada tinha de original: vindo nos seus primeiros tempos um perfil aristocrático e elitista, fizeram da história particular do jogo o reflexo de uma história mais ampla criada para os primeiros tempos da jovem República, que lhe atribui uma marca oligárquica e excludente.

Em 2007, o pesquisador Sérgio Settani Giglio realizou um estudo sobre essa temática, em sua dissertação intitulada: “Futebol: mitos, ídolos e heróis”, trazendo mais uma reflexão sobre a invenção de mitos no futebol. Giglio (2007, p.62) descreve os motivos que, no seu entendimento, tornaram Charles Miller o “mito” por ter introduzido o futebol no Brasil:

O futebol foi mais uma entre as muitas coisas apropriadas daquilo que vinha de fora e que encontrou força dentro da elite, principalmente em seus clubes. Elite capaz de inventar tradições. Charles Miller tinha algumas características que fizeram dele uma pessoa apropriada para tal feito. Nascido em São Paulo, filho de um escocês com uma brasileira, fora criado boa parte de sua vida na Inglaterra. Ao retornar ainda jovem do exterior, trouxe alguns objetos referentes à prática do futebol, como as sempre mencionadas duas bolas, além das regras, do uniforme de times ingleses e uma chuteira. Ora, possuía algo que muitos aqui no Brasil jamais obtiveram, o status de ter vindo de fora, de uma sociedade considerada avançada.

Pereira (2000), Capraro (2002) e Giglio (2007) creditam à sociedade elitista e burguesa a atribuição a Charles Miller, como o introdutor do futebol no Brasil, já que as primeiras investidas no esporte proporcionado por ele ocorreram no São Paulo Athletic Club (SPAC), um clube de frequentadores que em sua grande maioria era composta por ingleses pertencentes à elite da sociedade paulista.

Em nossa visão, seria muito mais épico e interessante politicamente creditar os méritos para um personagem de influência europeia, membro fundador de um clube, pertencente à elite e a uma nova capital brasileira em busca de ascensão nacional, do que, a um grupo de humildes padres e também professores, sem status social, pertencentes a um colégio cristão e que viviam numa cidade sem expressão do interior paulista. E também como historiadores nos perguntamos acerca da ciência de diferentes clubes, escolas e instâncias públicas acerca do desenvolvimento desta prática no colégio em Itu, dado algumas diferenças de regras e às precárias formas de comunicação e encontro destas amostras. Assim como também temos a certeza de que a história clássica procura por mitos e heróis.

Assim, com esses novos dados apresentados acima, acredita-se que os méritos sobre a introdução e massificação do futebol no Brasil, não pertence somente a uma única pessoa, mas a outras pessoas e instituições, que até o momento têm sido pouco estudadas por historiadores, como os colégios particulares da época. No entanto, não

deixamos de valorizar o grande mérito de Charles Miller de, ter levado o esporte para dentro dos clubes frequentados pela elite paulistana, e a partir desse momento outros clubes elitizados de São Paulo como o Clube Atlético Paulistano, o *Sport Club* Germânia (Atual Clube Pinheiros), dentre outros, que mobilizaram-se para fundar e participar das Ligas Amadoras de Futebol, que foram responsáveis pela organização dos primeiros campeonatos estaduais de futebol, deixando assim um legado para o que é hoje a Federação Paulista de Futebol.

O *Foot-Ball*, encontrava-se num processo de expansão, que gradativamente desperta os interesses dos clubes elitizados e da sociedade paulistana enquanto entretenimento e evento social.

O esporte, como produto social pode ser comparado a microcosmo em que o grau de envolvimento direto e indireto de seus atores e espectadores, as formas de comportamento padronizado e a interação social em quase todas as sociedades, são dificilmente ultrapassados por qualquer arranjo social (BUENO, 2008, p.49).

Elias e Dunning (1992); Hobsbawn e Ranger (1997) corroboram ao afirmar que o esporte moderno é considerado o fenômeno social de maior crescimento, maior rapidez em sua expansão e uma das mais importantes práticas sociais do século XX.

O *Association Foot-Ball*, desde a sua origem nos colégios públicos ingleses até ser concretizado como esporte por ex-alunos dos colégios que se encontravam nas Universidades foi criado por um grupo seletivo pertencente a classe alta ou “nova burguesa”.

Para Hobsbawn e Ranger (1997) o esporte moderno, nele incluído o futebol, foi utilizado como uma forma de identificação de classe. Esta afirmação dos autores nos remete a fazer uma leitura do que ocorreu no Brasil a partir de meados do século XIX, principalmente com a população que vivia nos centros urbanos como São Paulo.

Segundo Pereira (2000, p.19) esse processo se deu por duas vias principais:

A sua expansão junto com o capital e a tecnologia britânica, presentes de forma intensa no continente, que se concretizava na presença de trabalhadores especializados ingleses e na grande influência que a cultura bretã passava a ter sobre eles, e as experiências que jovens estudantes de famílias abastadas teriam com o jogo nos países europeus nos quais iam estudar.

Para Lucena (2001, p.138):

Isso marca o início da assimilação de um estilo de vida que requer uma postura centrada na direção de um comportamento mais uniforme e comedida. Sentido de uma individualização característica das mudanças que eram gestadas no contexto da sociedade brasileira e que se mostra tanto no tipo de vestimenta masculina e feminina “usa-se muito veludo e tons de cinza e preto” no estilo literário e na prática de passatempos esportivizados.

Com a chegada da estrada de ferro, os bancos e a Companhia de Gás, houve uma transformação nos hábitos da sociedade elitista paulistana. Provavelmente não poderia ser diferente uma vez que a inundação por ondas de culturas de origens diversas como os Ingleses, Franceses, Italianos, Japoneses e etc, associado a um processo de industrialização emergente, fizeram com que surgissem muitas ações variadas como a mania de loterias, dos clubes elegantes ou esportivos, dos “*five-o-clock tea*”, das regatas, o desenvolvimento do *Foot-Ball* como jogo quase nacional com características inglesas.

A cidade de São Paulo passava por severas transformações, almejando se tornar um polo político e financeiro do país, se constituindo, inclusive, numa cidade que também tinha sua influência europeia e seu glamour, assim como ocorrido com a então capital do país, o Rio de Janeiro. O alinhamento com as tendências internacionais marcava a cidade como um novo “lugar” do país, que era sinônimo de distinção social, sucesso e vanguarda.

Entretanto, Lucena (2001) nos alerta que esse processo que toma impulso, entre os brasileiros, e no caso em específico da sociedade paulista, não deve ser aqui confundido como uma ideia de progresso como simples evolução. Até porque, esse

processo se baseia também em padrões de comportamento, que num certo momento são cada vez mais expandidos para os vários e diferentes segmentos sociais, como os clubes esportivos e os colégios particulares, assim como acontecia nos países europeus.

A busca da identidade de classe, conforme pontuado por Hobsbawn e Ranger (1997), na sociedade brasileira e paulistana explica porque boa parte da trajetória inicial do futebol no Brasil possuiu um caráter elitista.

Os ingleses precursores desse esporte em nosso país faziam parte da elite da sociedade, e além deles, somente os brasileiros de alto poder aquisitivo tinham acesso à prática do futebol, dado que o material necessário para o jogo era importado e muito caro (CALDAS, 1990; RIBEIRO, 2012).

Portanto, só é possível desconstruir esse mito fundador do futebol brasileiro quando se entende que a consolidação e crescimento deste esporte é o resultado de um longo processo no qual os multiplicadores coletivamente possuem um papel fundamental, isto é, as pessoas (e as instituições) envolvidas com a sua prática e divulgação, foram as que te fato disseminaram o futebol pelo Brasil (GIGLIO, 2007). Entendemos como multiplicadores, os clubes, os times de várzea, os times de operários e as instituições de ensino (escolas e universidades), vistos como importantes peças de uma engrenagem que resultou na introdução e popularização do futebol no Brasil.

Independente do lugar de contato e prática do futebol, para Reis (1998, p.30) “[...] eram quase sempre estudantes, brancos, bem-nascidos. Seriam mais tarde profissionais liberais”.

Ao ser descrito pela autora o perfil dos jogadores, nota-se que se tratava de pessoas intelectualizadas, ou seja, mais cultas (cultura erudita), pessoas formadoras de opinião, cujo as ações e práticas impactavam em seu entorno, tornando-se referência.

O próximo capítulo nos dará subsídios para ampliar e aprofundar este debate, trazendo fontes históricas que nos permitirão visualizar com mais clareza a constituição e a organização da prática do *Foot-Ball* nas escolas elitizadas paulistanas, especialmente no Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo.

CAPÍTULO 6

O *Foot-Ball* no Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo

Neste capítulo, apresentaremos as fontes que foram encontradas nos acervos dos colégios que se disponibilizaram para a pesquisa, especialmente no Colégio Arquidiocesano de São Paulo e no acervo digital do jornal *O Estado de São Paulo*²⁵ sobre a prática do *Foot-Ball* nos ambientes escolares e não escolares, no período de 1900 a 1930.

Essas fontes dos acervos dos colégios fazem parte dos documentos remanescentes que foram preservados pelas instituições de ensino.

Apesar de tornarem-se fontes incontestáveis e valiosas, por registrarem as memórias dos colégios e todos os acontecimentos institucionais do ano letivo, em alguns momentos essas fontes não subsidiavam a contento os detalhes das informações que uma pesquisa histórica demanda indo ao encontro de nossos anseios. Podemos dar como exemplo a busca por informações acerca do desenvolvimento das aulas de *Foot-Ball* (conteúdos, métodos de ensino, regras, tempo despendido pela atividade etc.), que foram procuradas em diferentes tipos de documentos do acervo como os exemplares da revista *Échos* (1908-1930), nos registros do Processo de Equiparação do Colégio de 1933 etc. Talvez, por esse motivo, alguns questionamentos que esta pesquisa poderia sanar, como: Quem treinava esses times? Quais eram as formas de organização dos times? Existia algum registro do planejamento das rotinas de treinamento desses times? entre outras; estarão em suspenso para futuras pesquisas.

Entretanto, outras fontes foram encontradas, surpreendendo aos pesquisadores, que registram os espaços para a prática do jogo de *Foot-Ball* e os *Teams* do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo (e de outros colégios), notas sobre os jogos

²⁵ Foi recorrido ao Acervo Digital do Jornal *O Estado de São Paulo*, por possuírem um banco de dados sobre os registros históricos relacionados a temática do *Foot-Ball* que atendiam ao recorte histórico dessa pesquisa. Os documentos encontrados contribuíram para às nossas interpretações acerca da prática do *Foot-Ball* nos colégios da cidade de São Paulo.

realizados dos campeonatos internos e externos que o colégio participava e suas formas de disputa e premiação, e as incríveis matérias sobre as Ligas Escolares de *Foot-Ball*.

6.1 A Prática do *Foot-Ball* nos Colégios Paulistas

O *Foot-Ball* já era praticado em alguns colégios paulistas no início do século XX, tanto no âmbito do lazer nos recreios, como no Anglo-Brasileiro, na cidade de São Paulo (CALDAS, 1990, p.23) e no Colégio Jesuítico São Luiz, na cidade de Itu (SANTOS NETO, (2002, p.22).

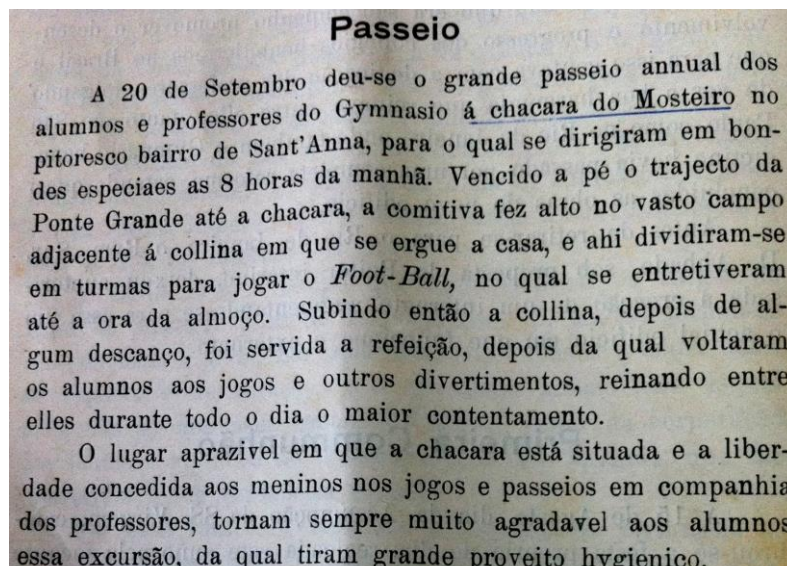
Sua presença também pode ser identificada neste mesmo período, ao encontrarmos evidências acerca da ocorrência de jogos de *Foot-Ball* na Liga Gymnasial (ANNUÁRIO²⁶, 1905, p.16).

Conforme já anunciado nos aspectos metodológicos, alguns colégios de São Paulo disponibilizaram parte dos seus respectivos acervos para a apreciação do pesquisador, embora não tivessem sido selecionados como foco desta pesquisa. E a justificativa por esta escolha em consulta-los foi confirmada, pois esta apreciação foi muito relevante para compor o trabalho, no sentido de nos fornecer não só mais fontes históricas acerca da prática do *Foot-Ball* nas escolas paulistanas no início do século, assim como, nos mostrar uma rede de possibilidades de relações entre os acervos, e nos fornecer mais indícios acerca da temática geral desta pesquisa que versa sobre o papel das escolas na propagação do *Foot-Ball*.

No acervo do Colégio São Bento²⁷ de São Paulo com data de fundação de 1903, encontramos dados interessantes acerca da prática do *Foot-Ball*, no Annuário do Gymnasio em 1905, conforme destacamos abaixo.

²⁶ Annuário era uma revista periódica interna do Colégio São Bento de São Paulo que relatava todos os acontecimentos ocorridos no ano letivo

Imagem 21: Nota do Passeio realizado pelos alunos do Gymnasio do Colégio São Bento de São Paulo - 1905



Fonte: Anuario do Gymnasio de S. Bento em S. Paulo, 1º Anno, 1905, p. 16. Acervo do Ginásio de São Bento de São Paulo

No Colégio São Bento, a prática do *Foot-Ball* era realizada na chácara do Mosteiro, onde professores e alunos desfrutavam desse momento de lazer. O anuário de 1905 aponta que os alunos desprendiam uma quantidade de tempo significativa do passeio desfrutando desta prática, o que nos faz pensar que o *Foot-Ball* era um esporte já conhecido, praticado no interior da escola e desejado pelos alunos. Nesta parte do anuário também fica evidente que outras práticas (“jogos e outros divertimentos”) eram vivenciadas pelos alunos além deste esporte, mas ele que é referendado com destaque, na matéria numa concepção de educação higienista.

Com o aparente incentivo pela prática do *Foot-Ball* nesse colégio, em pouco tempo os resultados começaram a aparecer. Em 1909 a equipe do colégio conquistou o campeonato da Liga Gymnasial conforme registrado no anuário:

²⁷ O Mosteiro de São Bento é um símbolo de grande importância para a cidade de São Paulo. Com mais de 400 anos de História, o Mosteiro sempre teve grande influência na cidade. O Colégio São Bento localizado na região central de São Paulo foi fundado em 15 de fevereiro de 1903, pelos Monges Beneditinos (ANNUÁRIO, 1903, p.3).

No jogo de *Foot-Ball* entre os alumnos da Liga gymnasial, coube aos de S. Bento o premio clássico no campeonato de 1909. Cabendo ao Reitor do Gymnasio de São Bento offerecer este anno o referido premio a qualquer dos grupos que sahisse vencedor, teve ele a satisfação de conferil-o aos seus próprios alumnos. Uma primorosa taça de prata que lhes foi entregue em reunião da Liga, onde se fizeram ouvir varios sócios, aos quaes foi offerecido um jantar em que reuniu a mais expansiva cordialidade (ANNUÁRIO DO GYMNASIO DE S. BENTO EM S.PAULO, 1909, p. 23).

A matéria acima nos permite hipotetizar que quem organizava o torneio de *Foot-Ball* era a Liga Gymnasial, mas a atuação dos colégios era muito forte, pois o Reitor do Colégio São Bento nesse ano teve a honra de premiar a equipe vencedora, que coincidentemente foi o colégio que ele pertencia. Como a Liga Gymnasial era um campeonato que envolvia alguns dos colégios tradicionais e elitistas de São Paulo como o Colégio São Bento, Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo, entre outros como veremos nos próximos sub-capítulos, provavelmente era de praxe que os reitores ou representantes dos colégios fizessem parte do cerimonial de entrega da premiação, á convite do “Presidente da Liga Gymnasial o Sr. Edgar Nobre de Campos” (O ESTADO DE SÃO PAULO, 1910, p.6).

Diferente dos modelos atuais de premiação onde os três primeiros lugares são premiados no final do torneio, recebendo suas medalhas e o seus troféus no local onde ocorreu a partida, naquela época, a premiação do primeiro lugar era realizada em campo, sendo que os demais colocados (especialmente o vice) eram premiados num jantar, constituindo um momento também de encontro da elite paulistana, dando um certo *glamour* e cordialidade (termo do texto) para esse processo.

A equipe do Colégio São Bento de São Paulo, que foi a campeã da Liga Gymnasial de 1909, mereceu as honras e o destaque no Annuário do colégio no mesmo ano, conforme mostra imagem abaixo.

Imagem 22: 1º Team de *Foot-ball* do Gymnasio – Vencedor da Taça do Campeonato de 1909



Fonte: Anuario do Gymnasio de S. Bento em S. Paulo, 1º Anno, 1909, p. 77. Acervo do Ginásio de São Bento de São Paulo

A imagem acima destaca os alunos do Colégio São Bento, que foram campeões da Liga Gymnasial de 1909, e a partir dela são possíveis algumas análises. Uma delas refere-se ao biótipo dos jogadores, que como podemos constatar, é bem distinto, havendo jogadores de diferentes faixas etárias, estatura e peso. A outra refere-se a postura dos jogadores na foto, pois embora esta última tenha um tom de formalidade (dado o cenário e vestimenta), também há um certo tom de informalidade, típico da descontração do jogo ou do esporte, dado que os jogadores se encontram em posições distintas de braços, tronco, cabeça, incluindo os olhares. Também há uma diferença notória entre esta foto e outras de ginastas, evidenciando-se a diferença na postura ereta, e no alinhamento do corpo de forma geral. E uma última análise refere-se ao local da foto, pois aparentemente a impressão que temos ao observar a imagem é que esse registro provavelmente pode ter sido feito em algum espaço do próprio colégio. Hipótese esta sustentada por alguns indícios:

- os alunos estão dispostos para o registro da imagem sobre um assoalho de madeira, com um cenário;

- a vestimenta dos alunos, pois aparentemente está mais apropriada para os dias de aula, por estarem vestidos com camisa, gravata e sapatos, vestimentas essas diferentes das imagens de outras equipes de *Foot-Ball* do colégio.

Por fim, os registros apontam que o *Foot-Ball* era uma prática corporal comum nos colégios de ordenação religiosa, elitizados e com predominância de influências europeias, na cidade de São Paulo, pois encontramos registros de sua prática nos seguintes colégios: Anglo Brasileiro (CALDAS, 1990, p.23), no Colégio Jesuítico São Luiz, (SANTOS NETO (2002, p.22) e no A.A. Mackenzie *College* (MACKENZIE, 1997, p.101).

No Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo, a prática da Educação Física e os Jogos Athleticos se faziam presentes conforme consta no registro abaixo da revista *Échos* (1908, p.32):

Jogos *Athleticos* – Como dantes, não foi descurado este ponto da educação physica. Frequentes e graduados exercícios musculares tornam o corpo sadio, mais robusto e mais ágil; saúde physica e bem estar moral são os preciosos resultados que se notaram no Collegio por causa da aplicação dos alumnos a jogar bem.

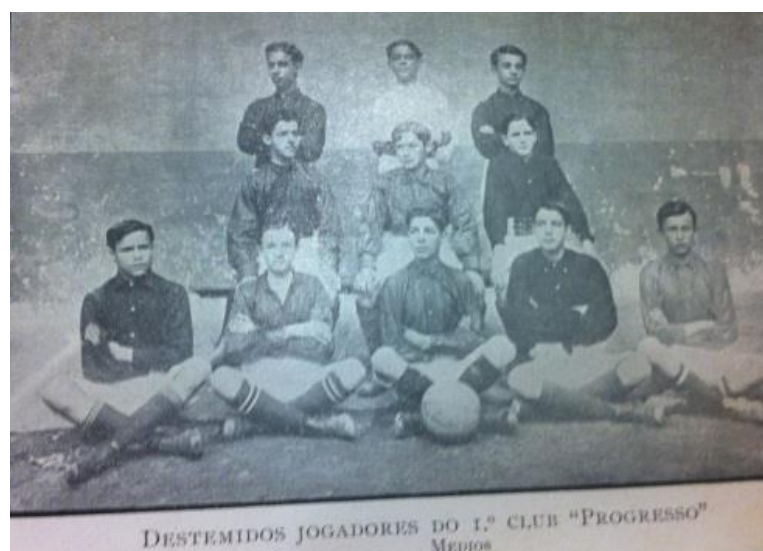
A citação acima deixa explícitas as influências Inglesas voltadas ao desenvolvimento do *Sport* no ambiente escolar, associado aos objetivos preconizado pelo movimento higienista.

Podemos observar novamente, a relação de corpos sadios que era uma consequência dos exercícios musculares desenvolvidos nas aulas de Ginástica, sendo associado a melhora da saúde física e moral, princípios esses próprios também do *Sport* defendido por Thomas Arnold nas escolas inglesas.

Para os Irmãos Maristas essa combinação dos exercícios musculares e hábitos higiênicos contribuía na melhora do desempenho dos alunos durante os jogos de *Foot-Ball*. Isso nos remete a pensar na valoração dada pelos Irmãos Maristas para a educação física, que vai ao encontro dos princípios maristas descritos no Guia das Escolas.

Dentre as práticas corporais desenvolvidas no colégio, o *Foot-Ball* tinha o seu apreço pelos Irmãos Maristas, talvez por ser um esporte que já era praticado nas escolas inglesas. Não foi possível identificar em outros registros, indícios que pudessem comprovar oficialmente o período do surgimento das equipes de *Foot-Ball* do colégio, porém, podemos hipotetizar que em 1908 já havia a primeira equipe de *Foot-Ball* do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo, conforme apontado na imagem abaixo, abrindo suspeitas de sua prática anteriormente a esta data.

Imagem 23: Destemidos Jogadores do 1º Club “Progresso” Médios - 1908



Fonte: Échos do Collegio Archidiocesano de São Paulo, Revista Periódica, nº1, 1908, p.33. Acervo do Memorial do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo

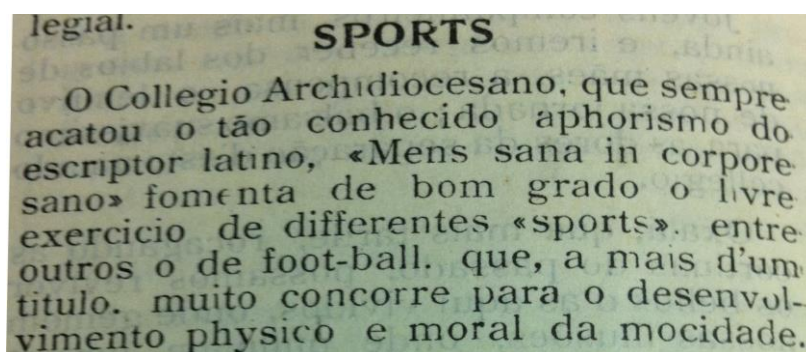
A hipótese pode ser sustentada por ter sido “em 1908 o ano em que os Irmãos Maristas assumiram oficialmente a direção do colégio Diocesano” segundo Irmão

Adorátor (2005, p.487), como já foi descrito no subcapítulo 3.4. Ou seja, independente da prática do *Foot-Ball* já estar ou não presente no colégio, de maneira informal no Recreio ou organizada nos times, antes de 1908, é fato que esta prática se legitimou em 1908, com o apoio dos Irmãos Maristas (quando assumem o colégio), dado a permissão e incentivo para a organização e treinamento dos times para competirem a liga escolar.

E também fornece sustentação a este hipótese uma nota do jornal “O Estado de São Paulo, edição de 29 de Junho de 1906, p.4” que será apresentado no capítulo 5.2, que faz menção às ligas escolares de *Foot-Ball*, incluindo os times paulistanos do Colégio Marista Arquidiocesano e do Colégio São Bento.

A imagem 23 desvela também informações relevantes quanto à prática do *Foot-Ball* regulamentado no colégio, como a composição da equipe com 11 jogadores na sua formação, sendo que um dos jogadores está vestido com o uniforme diferente dos outros jogadores, devendo ser provavelmente o goleiro. Apesar dos jogadores não apresentarem uma padronização no que diz respeito ao uniforme da equipe, nota-se que os mesmos procuram apresentar as mesmas vestimentas, ou seja, camisa social de manga longa de cor escura, meiões escuros, shorts de cor branca e as chuteiras, além da bola à frente da equipe.

Imagem 24: Nota na revista Échos sobre o *Sports* no Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo - 1912



Fonte: Échos do Collegio Archidiocesano de São Paulo, Revista Periódica, nº3, 1912, p.36. Acervo do Memorial do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo

Os Irmãos Maristas sempre fomentaram as práticas corporais no ambiente escolar, inclusive sendo reconhecidos fora deste ambiente por isso, e o *Foot-Ball* era uma dessas práticas que muito os agradavam, pois, eles entendiam que por meio deste desenvolvia-se o físico e os valores morais (preceitos que são claros nesta matéria). Como já dito anteriormente, uma influência evidente do *Sport* inglês.

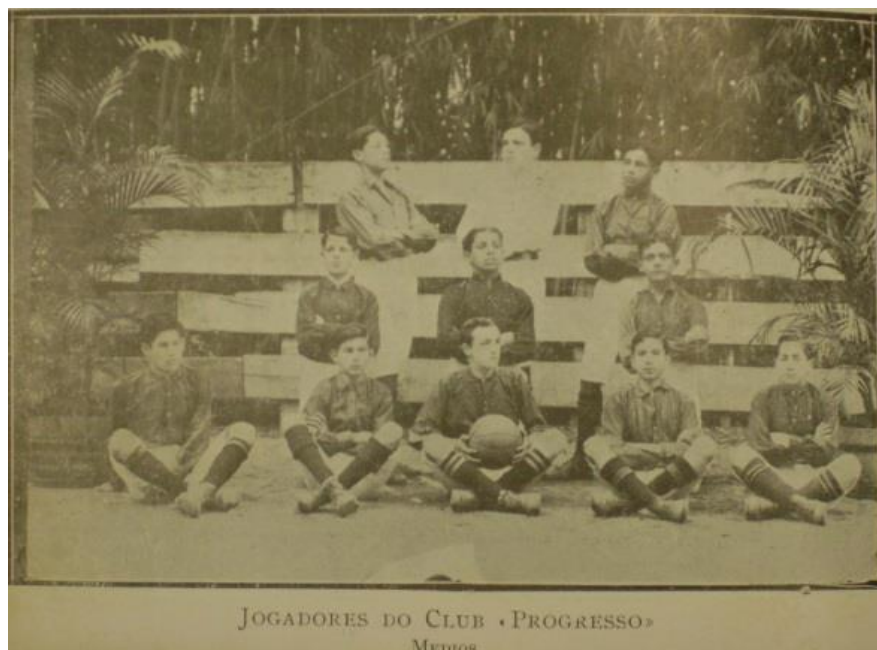
O acervo da revista *Échos* ainda nos mostrou algo interessantíssimo acerca da organização do *Foot-Ball* no interior do colégio. Como será possível apreciar nas imagens subsequentes, havia mais de um time deste esporte no colégio, sendo cada um deles pertencente a um “*club*” – terminologia também de origem inglesa, utilizada para designar uma agremiação ou associação esportiva (tema que será debatido mais adiante).

Imagens 25: Jogadores do *Club* Infantil “Esperança” – Menores - 1910



Fonte: *Échos* do Collegio Archidiocesano de São Paulo, Revista Periódica, nº2, 1910, p.32. Acervo do Memorial do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo

Imagens 26: Jogadores do *Club* “Progresso” – Médios - 1910



Fonte: Échos do Collegio Archidiocesano de São Paulo, Revista Periódica, nº2, 1910, p.32. Acervo do Memorial do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo

Imagens 27: Jogadores da Liga Gymnasial – Maiores - 1910



Fonte: Échos do Collegio Archidiocesano de São Paulo, Revista Periódica, nº2, 1910, p.32. Acervo do Memorial do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo

Dois anos após o primeiro registro fotográfico da equipe do colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo, a disposição dos jogadores nas Imagens 25, 26 e 27 permaneceram as mesmas, ou seja, 3 jogadores em pé (provavelmente sendo um deles o goleiro e dois jogadores de linha), 3 jogadores na parte intermediária da imagem e 5 jogadores sentados. E esta configuração dos jogadores nas imagens nos proporcionam algumas inferências.

Quanto à ordem na disposição dos jogadores, pode se hipotetizar uma relação com a formação da equipe, dito de outra maneira, as organizações de como os jogadores deveriam posicionar-se no campo.

Esse padrão adotado pelos alunos do colégio seguia o mesmo padrão adotado pela formação tradicional inglesa, assim como as equipes amadoras que jogavam naquela época, tornando-se um referencial adotado por equipes brasileiras no início do século XX (SANTOS NETO, 2002).

Para Mills (2005, p.42) as equipes adotavam a seguinte formação: “Goleiro, dois *full-backs* (ou defesa), três *midfielders* (sendo o do meio o famoso *centre-half*, ou comandante da equipe) e cinco *forwards* (atacantes)”.

E de acordo com Santos Neto (2002, p.81): “a formação 2-3-5, foi utilizado por muitos anos nos campeonatos entre seleções regionais, ocorridos a partir de 1901, e nos campeonatos da Liga Paulista, a partir de 1902, tendo sido abandonado apenas por volta de 1930”.

Apesar das imagens acima analisadas não nos possibilitarem afirmar que a disposição dos jogadores correspondia fidedignamente com a disposição dos jogadores em campo, notamos que ao longo dos anos outras formas de divulgações destas disposições dos jogadores foram surgindo, com o intuito de facilitar a compreensão dos leitores quando à organização da equipe em campo.

O Échos de 1912 possibilitou identificar esse formato de divulgação dos “Teams” do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo.

Imagem 28: Relação dos Teams em 1912

1.ª Team				
	Odorico			
Evaristo		Roque		
Palamone		Lima		Arnaldo
Jeronymo	Camillo	Rodolpho	Renato	Bueno.
2.ª Team				
	José Cardoso			
Eulogio		Ouvidio		
Costa	Barros	Capovilla		
Lanhoso	Medeiros	Ribeiro	Nunes	
	Paulo Machado			
3.ª Team				
	Furtado			
Alberto		Roberto		
Ataliba		Motta		Brazilino
Paula	Diniz	Sampaio	Luiz	Jovino
Nas Kalendas de Marco, para maior estímulo, o Presidente do Club formou uma liga constando dos 3 teams seguintes, cada um com seu respectivo captain:				
PALMEIRAS (Captain João Lima de Figueiredo)				
	Roberto			
	Palamone		Evaristo	
Ataliba		Lima		Sampaio
Dario	Diniz	Ribeiro	Lanhoso	Paulo

Fonte: Échos do Collegio Archidiocesano de São Paulo, Revista Periódica, nº3, 1912, p.37. Acervo do Memorial do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo

Para Ribeiro (2012) os diferentes formatos para a divulgação da escalação das equipes foram modificando-se a partir do momento que ocorria a familiarização e apropriação do esporte por parte da mídia impressa.

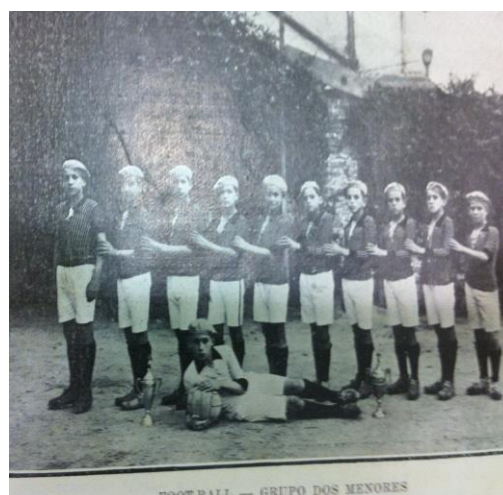
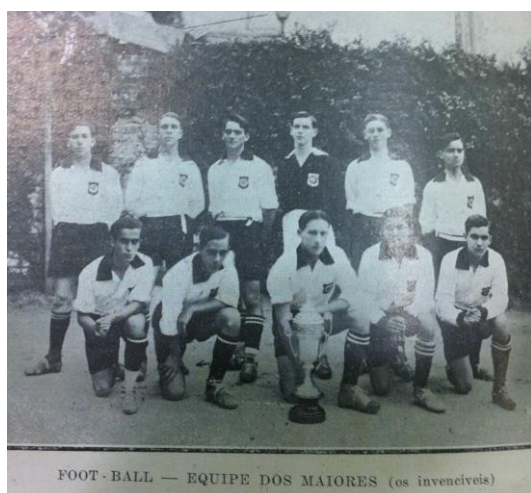
Portanto, a identificação do futebol regulamentado não ocorria somente por parte de seus praticantes, essa identificação ocorria em todas as esferas envolvidas direta ou indiretamente com o esporte. Os registros encontrados na Revista Échos não permitiram identificar os responsáveis pela diagramação dos eventos esportivos que ocorriam no colégio, entretanto nota-se a familiaridade dos Irmãos com o *Foot-Ball* ao divulgarem as escalações das equipes na revista.

O *Foot-ball* regulamentado parece ter passado a constituir a sua “identidade” no colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo, por alguns motivos:

- diversas equipes de *Foot-Ball* estavam se organizando no interior da escola e eram reconhecidas e incentivadas pelos Irmãos Maristas;
- estas equipes eram divulgadas em larga escala nos anuários dos colégios, um material nobre de registro da vida do colégio, que era consultado por diferentes profissionais e familiares dos alunos;
- a visibilidade do *Foot-Ball* estava aumentando dentro e fora do colégio, dado este número de equipes, treinos e jogos (internos e externos), colaborando também para que todos os envolvidos com os alunos passassem a apreciar estes jogos (torcendo pelo seu time).

Outras imagens colaboram para este pensar:

Imagem 29: *Foot-ball*- Equipe dos Maiores (os invencíveis) - 1930 e Imagem 30: *Foot-ball* – Grupo dos Menores - 1930



Fonte: Échos do Collegio Archidiocesano de São Paulo, Revista Periódica, nº22, 1930, p.41. Acervo do Memorial do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo

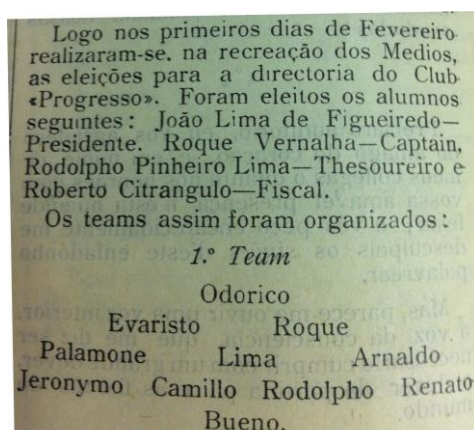
Os times existentes pertenciam aos clubes internos do colégio como nos mostram as imagens (de 25 a 29), mostrando uma relação entre o clube e a faixa etária ou série escolar, que esses alunos se encontravam:

- o “*Club Infantil Esperança*”, onde jogavam os alunos menores;
- o “*Club Progresso*”, onde jogavam os alunos médios;

Os “*Clubs*” pareciam se constituir como verdadeiros clubes internos ao colégio, que assim como outros clubes, eram entidades que congregam pessoas com interesses comuns, caracterizando dentro do colégio o “associativismo”. As eleições eram realizadas durante os recreios, onde os alunos elegiam os seus representantes de acordo com o Club que pertenciam.

Estes “*clubs*” fomentavam e incentivavam a prática do *Foot-Ball* dentro do colégio, sendo por ele subsidiados (espaço físico, materiais, técnico/professor), colaborando para a formação futura (reposição) dos alunos maiores, que aparentemente não pertenciam a nenhum “*Club*” do colégio, e eram os únicos a participarem de um campeonato externo conhecido como “Liga Gymnasial” (que será abordado nos próximos sub- capítulos).

Imagem 31: Nota na Revista Échos de 1912 sobre as eleições para a diretoria do *Club* “Progresso”.



Fonte: Échos do Collegio Archidiocesano de São Paulo, Revista Periódica, nº3, 1912, p.36. Acervo do Memorial do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo

Para Hobsbawn e Ranger (1997) o associativismo na Inglaterra, assim como a instituição dos “ex- alunos” ou “alunos antigos” era uma maneira de criar uma rede de interação que atendesse aos interesses de uma elite nacional em desenvolvimento.

De acordo com Hobsbawn e Ranger (1997, p.306):

O artifício informal básico para a estratificação de um sistema teoricamente aberto e em expansão era a escolha individual de parceiros sociais aceitáveis, o que era conseguido acima de tudo através da velha adesão aristocrática ao esporte, transformando num sistema de disputas formais contra antagonistas considerados à altura em termos sociais.

Para os autores, uma das formas de promover a segregação social nos ambientes escolares ocorria pelo associativismo, que era ocultado por trás de um sistema nominalmente aberto, que neste caso se tratava dos clubes internos do colégio, que apresentavam uma estrutura organizada, como o presidente, capitão, tesoureiro e fiscal, que eram eleitos pelos alunos do colégio em seu respectivo clube.

Hipoteticamente acredita-se que essa estrutura apresentada pelos *clubs* internos do colégio, com funções definidas do seu corpo diretivo e voltadas para o desenvolvimento do *Foot-Ball* pode ter sido influenciada pela estruturação de outros clubes fundados no início do século XIX (período da pesquisa) na cidade de São Paulo, em sua maioria possuíam times de futebol, como:

- Sport Club Germânia (depois denominado Esporte Clube Pinheiros) - fundado em 1899 (http://pt.wikipedia.org/wiki/Esporte_Clube_Pinheiros> acesso em 10/01/2013)²⁸;

- Clube Atlético Paulistano – fundado em 1900 (<http://www.paulistano.org.br/historia.html>> acesso em 10/01/2013);

²⁸ Ao analisar os aspectos históricos acerca deste clube, encontramos no seu site algumas informações interessantes para a pesquisa, como a conquista por este clube do Liga Paulista de Futebol, nos anos de 1906 e 1915, o que nos auxilia a dimensionar a prática e a organização clubística do futebol no início do século. O site ainda menciona que o clube contou em seu time com Arthur Friedenreich, o primeiro craque do futebol brasileiro.

- Clube Espéria – fundado em 1901
(<http://www.esperia.com.br/institucional/clube.asp> > acesso em 10/01/2013);

- Sport Club Corinthians – fundado em 1910
(<http://www.corinthians.com.br/site/clube/historia/> > acesso em 10/01/2013 ²⁹;

- Palestra Itália (depois denominado Sociedade Esportiva Palmeiras) – fundado em 1914
(<http://www.palmeiras.com.br/conteudo/?categoria=Nossa%20Hist%F3ria&menu=Hist%F3ria> > acesso em 10/01/2013);

- Associação Portuguesa de Esportes – fundada em 1920
(<http://www.portuguesa.com.br/fhistorico.asp> > acesso em 10/01/2013)³⁰.

Ribeiro (2012, p.95) descreveu em seu estudo sobre o futebol em Belo Horizonte e a constituição do campo esportivo (1904-1921), como era a distribuição de funções na diretoria do Sport Club em 1904:

Enquanto o cargo de Presidente mostrava-se ligado a aspectos do universo social mais amplo, a definição de *captain* da agremiação parecia estar ligada à maior competência futebolística [...] reconhecidamente mais profundo conhecedor do jogo.

²⁹ A história da fundação deste clube, narrada no site, mostra claramente a influência do futebol inglês, assim como, nos traz um dado curioso, que é a realização de uma excursão de um time inglês de futebol no Brasil, no mesmo período de sua fundação (o que poderia também ter influenciado a prática e a formação de times de *Foot-ball* não só em outros clubes, como também nos colégios):

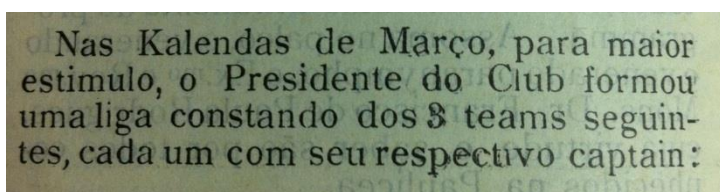
Às 20h30 do dia 1º de setembro [...] foi formada a reunião dos primeiros integrantes e sócio-fundadores do Timão, que teve seu nome inspirado na equipe inglesa Corinthian-Casuals Football Club, que fazia excursão pelo Brasil. (<http://www.corinthians.com.br/site/clube/historia/> >, acesso em 10/01/2013)

³⁰ A narrativa sobre a fundação deste clube aponta que ele foi constituído a partir da fusão de outros cinco clubes, o que corrobora com a percepção de um período fértil de formação de clubes na cidade de São Paulo:

Em 14 de agosto de 1920, surgia a **ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE ESPORTES**, através da fusão de cinco clubes já existentes: Luzíadas Futebol Club, Associação 5 de Outubro, Esporte Club Lusitano, Associação Atlética Marquês de Pombal e Portugal Marinense.
(<http://www.portuguesa.com.br/fhistorico.asp> > acesso em 10/01/2013).

Não foi possível encontrar no acervo remanescente do colégio as atas de reuniões dos Clubes de futebol interno do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo. Entretanto, os registros encontrados na Revista Échos, nos subsidiam quanto à hipótese levantada. Na imagem abaixo podemos ver o Presidente do *Club* "Progresso" exercendo suas competências:

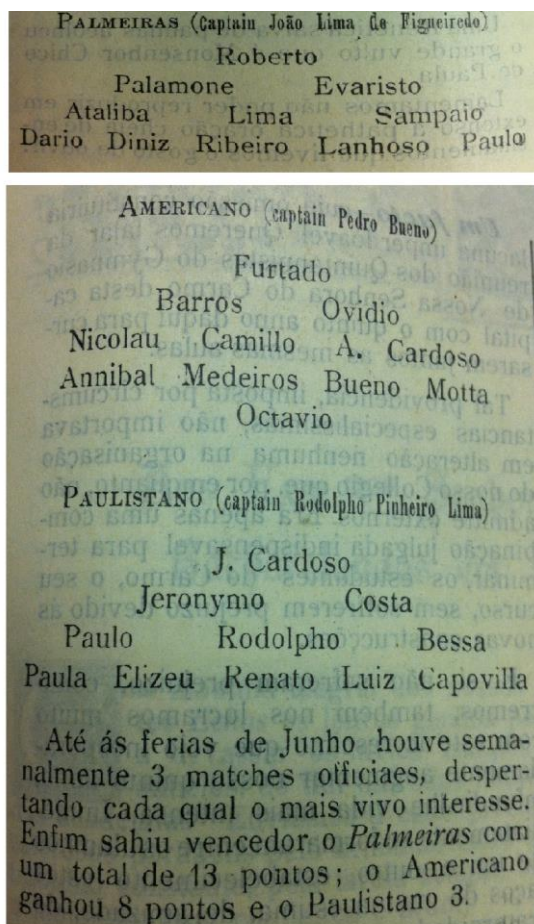
Imagem 32: Nota na Revista Échos de 1912, sobre a liga do *Club* "Progresso".



Nas Kalendas de Março, para maior estímulo, o Presidente do Club formou uma liga constando dos 3 teams seguintes, cada um com seu respectivo captain:

Fonte: Échos do Collegio Archidiocesano de São Paulo, Revista Periódica, nº3, 1912, p.36. Acervo do Memorial do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo

Imagem 33: Nota na Revista Échos de 1912 sobre as equipes da liga do *Club “Progresso”*.



Fonte: Échos do Collegio Archidiocesano de São Paulo, Revista Periódica, nº3, 1912, p.37. Acervo do Memorial do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo

Podemos observar que a liga criada pelo presidente do *Club “Progresso”* era composta por 3 equipes com seus respectivos “*Captain*”. Cabe neste momento complementarmos com algumas inferências:

Os nomes das equipes da Liga do “*Club Progresso*” eram os mesmos nomes das equipes que disputavam o Campeonato da Liga Paulista de *Foot-Ball* de 1912³¹.

³¹ A **Liga Paulista de Futebol** foi a primeira entidade a congregar as equipes de futebol do estado de São Paulo e a organizar o primeiro Campeonato Paulista. No fim do século XIX, o futebol começava a se desenvolver na capital paulista e o primeiro campeonato que se tem notícia foi disputado em 1899 pelas equipes do São Paulo Athletic Club, Associação Atlética Mackenzie College e o Hans Nobilings Team que foi o primeiro time do alemão Hans Nobiling, que depois fundaria o Sport Club Internacional (SP) e o Sport

De acordo com Ribeiro (2000, p.99) os clubes que disputaram o Campeonato Paulista de 1912 são: “S.C. *Americano*, C.A. Paulistano, A.A. Mackenzie College, S.C. Internacional, S.C. Germânia, São Paulo A.C. e C.A. Ipiranga”.

Outro dado relevante é o número de jogadores que participavam da liga do *Club* “Progresso”, totalizando 33 jogadores, onde o *Captain* também fazia parte da equipe.

Sobre os times que participavam da Liga Paulista de *Foot-Ball*, vale a ressalva de outro colégio paulistano de orientação religiosa que estimulava a prática do *Foot-ball*, tendo-a de forma tão organizada e profissional, que permitia aos seus alunos a participação não só na Liga Gymnasial, como neste campeonato organizado pela Liga: o Colégio Presbiteriano Mackenzie. Esta constatação também pode ser confirmada a partir de referenciais do sub-capítulo 6.2., mas por outras como:

O pedido de filiação da Portuguesa à Associação Paulista de Esportes Atléticos (APEA) foi deferido no dia 2 de setembro de 1920, mas como não havia mais tempo para a inscrição no campeonato daquele ano, a Portuguesa fundiu-se ao Mackenzie, já inscrito, e participaram juntos do campeonato de 1920. A Associação Atlética Mackenzie foi o primeiro clube de futebol brasileiro. *Fundada em 1898 por estudantes do Mackenzie College, era formada apenas por alunos do colégio.* A Portuguesa-Mackenzie disputou os certames pela APEA até 1922. Em 1923, a Associação Portuguesa de Esportes desligou-se do parceiro e passou a disputar jogos com sua nova denominação. Foi em 1940 que o clube recebeu o atual nome **ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE DESPORTOS**, com sede da Rua Cesário Ramalho (<http://www.portuguesa.com.br/fhistorico.asp> > acesso em 10/01/2013 - grifo nosso).

Club Germânia. Com o surgimento de outras equipes voltadas ao futebol é criada em 19 de dezembro de 1901, a *Liga Paulista de Foot-ball*, que teve como fundadores as equipes do São Paulo Athletic Club, Associação Atlética Mackenzie College, Sport Club Internacional (SP), Sport Club Germânia e o Clube Atlético Paulistano. Seu primeiro presidente foi Antônio Casemiro da Costa, que deu o nome a primeira taça a ser disputada no Brasil. Em 1912 começaram as cisões em função da discordância entre os dirigentes, alguns buscavam a popularização do futebol e outros desejavam manter a sua elitização, também havia a questão do campo de disputa, enquanto a Liga Paulista de Futebol optava pelo Parque Antártica, o Clube Atlético Paulistano queria o Velódromo de São Paulo, e neste contexto o Clube Atlético Paulistano junto com a Associação Atlética das Palmeiras se retira da liga e cria a Associação Paulista de Sports Atléticos ou simplesmente APSA, que depois passou a se chamar Associação Paulista de Esportes Atléticos. As duas entidades organizaram cada uma seu próprio Campeonato Paulista até 1917 quando a Liga Paulista de Futebol encerrou suas atividades (http://pt.wikipedia.org/wiki/Liga_Paulista_de_Futebol > acesso em 10.01.2013).

Por fim, acreditamos que indiretamente as estruturas diretivas, as equipes de futebol dos clubes que disputavam a Liga Paulista de *Foot-Ball*, a formação de clubes na cidade de São Paulo (com ênfase na prática do *Foot-Ball*) contribuíram na organização dos campeonatos internos do colégio, além da demonstração por parte dos alunos sobre os aspectos particulares das práticas atléticas da época.

A prática do *Foot-Ball* já estava consolidada no colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo no início do século XX, e essa consolidação do futebol não atingia somente os jogadores das equipes, mas boa parte dos alunos na qualidade de expectadores das partidas, conforme registrado abaixo no *Échos*, em 1913.

Imagem 34: Registro de uma partida de futebol no colégio entre Santistas e Paulistas - 1913

Como transição, advertiremos o leitor, que a terra gyra sem interrupção, e assim entretido, o levaremos, no dia 14, no ground do Collegio. Que ha?— Nada! Apenas trezentos moços agrupados em semi-circulo, todos os olhos fixos no mesmo ponto, em ancioso silencio, em soffrega expectativa. Santistas e Paulistas estão em presença e a bola não pára.

O espectáculo é imponente. Mil vezes descripto por pennas de finissimo aparo, continúa a desafiar todos os recursos do estylo e da linguistica. Por isso não nos atrevemos a querer dar alguma ideia do interesse, do ardor, do entusiasmo que provocam taes lutas.

A reflexão de que nos não podemos livrar, nós, educadores, sempre que presenciamos esses jogos é a seguinte: «Qual o meio de obter por parte delles, applicação igual, nos trabalhos escolares?».

Resultado: empate, 1 a 1. O Roque, o Domiciano, Gutenberg, Camillo... os onze emfim, defenderam valorosamente a honra do Archidiocesano

Fonte: *Échos do Collegio Archidiocesano de São Paulo*, Revista Periódica, nº5, 1913, p.54. Acervo do Memorial do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo

Neste dia, 14 de julho de 1913, ocorreu uma partida amistosa entre os alunos do colégio Santista (colégio dirigido pelos Irmãos Maristas na Cidade de Santos) e os alunos do colégio Paulistano (Marista Arquidiocesano de São Paulo).

Além do registro de uma plateia de aproximadamente 300 alunos, nota-se o cuidado de quem redigiu o texto em expressar o sentimento de expectativa, silêncio e apreensão por parte dos expectadores. Provavelmente, esse feito nos leva a refletir acerca do nível de envolvimento por parte das pessoas que acompanhavam as partidas no colégio, e não mais somente pelos seus praticantes.

A propagação do futebol não ocorria somente por parte da mídia impressa do Colégio em divulgar a organização da equipe, como já foi abordado, mas com o passar dos anos, houve o aumento da adesão pela prática do futebol na instituição conforme tabela abaixo:

TABELA 5 – Número de equipes de Futebol (por times) no Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo (1908-1930)³²

Ano do Échos	Time dos Menores	Time dos Médios	Time dos Maiores	Total
1908	-	1	-	1
1910	1	1	1	3
1911	2	1	1	4
1912	1	2	2	5
1913	1	-	1	2
1914	-	-	-	-
1915	2	1	1	4
1916	2	-	1	3
1917	2	1	1	4
1918	-	-	-	-
1919	1	1	1	3
1920	2	1	-	3
1921	-	-	-	-
1922	2	2	1	5
1923	-	2	1	3
1924	1	2	-	3
1925	-	-	-	-
1926	4	2	1	7
1927	-	-	2	2
1928	1	1	2	4
1929	-	-	-	-
1930	1	2	1	4

Estes dados oferecem a dimensão da adesão do futebol por parte dos alunos do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo.

Pela perspectiva de Hobsbawn e Ranger (1997) essa aceitação do esporte nos ambientes escolares brasileiros (onde se inseriu o *Foot-Ball*), unia a invenção de tradições sociais e políticas, ou seja, tradição social pelo fato do *Foot-Ball* constituir-se

³² Esse levantamento foi realizado pelo pesquisador de acordo com os registros dos times apresentados na Revista Échos no período entre 1908 a 1930.

um meio de identificação tanto local como nacional, e tradição política por constituir-se uma sociedade artificial.

Outro autor corrobora com Hobsbawn e Ranger, quanto à importância do esporte e do futebol no Brasil, principalmente pela identificação nacional.

Para Pagni (1997, p.58):

Essa situação se delineia durante os anos de 1910 e, principalmente, a partir dos anos de 1920 quando se começa a mostrar como que o esporte se constitui num meio que, sem desprezar as características de nossa constituição, cultural e racial – nossas “aptidões naturais”, podem conduzir, desde que se precedido anteriormente de um treinamento físico e psíquico, a um aprimoramento do caráter do “homem brasileiro”, aproximando-o dos padrões estipulados pela civilização ocidental – especialmente aqueles encontrados nos países desenvolvidos.

Lucena (2001, p.96), ressalta que: “o *Foot-Ball* era um *sport* que só podia ser praticado por pessoas da mesma educação e cultivo, pois sendo intrinsecamente violento, ele teria na boa educação um de seus requisitos básicos”.

Indiscutivelmente o *Foot-Ball*, assim como outros esportes atendiam a um propósito político e social nos ambientes escolares, e concomitante a isso atendiam aos interesses do Estado, no que diz respeito à identidade nacional, e aos programas públicos de saúde para a difusão dos hábitos e cuidados com o corpo, assemelhando suas condutas aos dos países desenvolvidos da Europa.

A melhor educação é a que proporciona ao espírito e ao organismo o maior desenvolvimento possível. Não pode o espírito bem funcionar num corpo si seus órgãos não lhe prestam o concurso de que carece. Os estudos para serem profícuos devem ser constantes e contínuos sem o que correr-se-ia o risco de estar sempre num perpetuo recomeçar. E para se poder estudar com afínco a saúde é indispensável. Si para se fazerem bons estudos a saúde é indispensável, indispensável se torna o exercício para o bom equilíbrio da economia vital (ÉCHOS, 1922, p.38).

O cenário posto sobre esse contexto nos permite refletir e entender os motivos que levaram a ginástica, a instrução militar e o futebol (que aqui representa uma modalidade

esportiva), estarem presente no colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo, assim como justificar o incentivo dado por esses Irmãos ao culto das práticas esportivas, uma vez que esta já fazia parte da cultura dos Maristas.

Outro fator que contribuiu para a propagação do futebol era a estrutura física que os alunos dispunham no colégio, os espaços destinados para o recreio ofereciam uma área propícia para a prática do futebol, como relatado no *Échos* (1912, p.21):

“Os recreios são 3 espaços e podia haver mais. [...] em todos não faltam os postes do fatidigo *Goal*”

O único registro fotográfico encontrado no acervo do Memorial do colégio que nos remete a ideia da estrutura física que os Irmãos Maristas ofereciam para os alunos do colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo, no que se refere à viabilização da prática do futebol foi encontrado no processo de equiparação de 1931³³.

³³ O processo de equiparação é um documento gerado pelo Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo em 1931, contendo informações detalhadas sobre o colégio. O objetivo do colégio ao apresentar esse relatório era atender aos pré-requisitos determinados pelo Ministério da Educação e Saúde Pública, representado pelo Departamento Nacional do Ensino para a obtenção da equiparação ao *Gymnasio Nacional* e assim obter autonomia em emitir o certificado de conclusão final de curso dos alunos do colégio.

Imagem 35: Vista Geral do Colégio e Pátios - 1931



Fonte: Processo de equiparação do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo, 1931. Acervo do Memorial do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo

Na imagem 35, observam-se os campos de *Foot-Ball* destinados aos alunos menores, alunos médios e aos alunos maiores. Apesar dessa imagem não permitir discernir com clareza, qual era o campo referente aos menores e assim sucessivamente, pode-se afirmar que esse era o local onde as equipes do colégio realizavam seus jogos. Além disso, os campos também recebiam os alunos durante os recreios escolares³⁴.

Essa imagem reforça a identidade da prática do *Foot-Ball* regulamentado no colégio. Observa-se num dos campos, que além das metas (traves), exista a linha

³⁴ Não temos nenhum apontamento acerca da prática do *Foot-ball* ou de seu treinamento pelos “clubs” nos pátios ou Ginásios internos, mas possivelmente eles poderiam ser usados em ocasiões especiais (dias de chuva, período pré-competitivo etc.), principalmente se considerarmos a quantidade de equipes que o colégio possuía para treinar. Assim como não foi encontrado no acervo pesquisado relações de parceria com outros colégios e clubes para o treinamento das equipes.

demarcatória do campo como: Área de meta do goleiro; Círculo central de início e reinício da partida e as linhas laterais.

Essa estrutura também era desfrutada por outros colégios como o São Bento, Oswaldo Cruz que eram convidados para realizarem os jogos amistosos contra o Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo.

Imagem 36: Chronica Sportiva da Revista Periódica Échos de 1916

CHRONICA SPORTIVA

Como em todas as casas de educação dignas deste nome, o Collegio Archidiocesano liga uma grande importância aos exercicios physicos de seus educandos. A sabedoria antiga tinha resumido num adagio celebre, a formula da educação physica e intellectual: «*Mens sana in corpore sano.*»

O christianismo subscreeve a este programma, e accrescenta-lhe o necessario «*animus*» para obter a educação completa. A manifestação da actividade physica dos nossos alumnos resalta dos resultados obtidos nos jogos realizados no decurso do anno, contra varias associações sportivas da capital, e nos quaes os diferentes teams do Collegio obtiveram um grande numero de victorias. Na antiga Sparta e na culta Athenas, os jogos publicos eram consagrados pelos cantos dos poetas que lhes dedicavam as melhores inspirações de sua lyra. Em nosso meio social, a vida sportiva tem tomado um grande incremento, em beneficio da mocidade.

Como é digno de compaixão o moço que, no verdor dos annos, indifferente ás grandes scenas da natureza e aos prazeres do sport, vive tristemente as longas horas dos seus lazes, num quarto isolado, engolfado em leituras muitas vezes malsãs, privado de luz, de oxygenio, de sol, entregue a melancolicos soliloquios que lhe arruinam a moralidade!

JOGOS DO «ARCHIDIOCESANO F. CLUB»

a 12 de Março . . .	{ Archid. F. C.	3 goals
	{ South-America . . .	0 " "
a 21 de Abril . . .	{ Arch. F. C.	4 goals
	{ South-America . . .	1 " "
a 2 de Maio . . .	{ Arch. F. C.	6 goals
	{ Antigos Alumnos . .	0 " "
a 3 de Maio . . .	{ Arch. F. C.	1 goal
	{ Buenos-Ayres . . .	3 " "

JOGOS DO "PROGRESSO" 1.º TEAM DOS "MEIOS"

a 16 de Julho . . .	{ Arch. F. C.	4 goals
	{ Sciencias e Letras . .	2 " "
a 7 de Setembro . .	{ Arch. F. C.	1 goal
	{ São Bento	2 " "
a 17 de Setembro . .	{ Arch. F. C.	2 goals
	{ Progresso	0 " "
a 8 de Outubro . . .	{ Arch. F. C.	5 goals
	{ Oswaldo Cruz	1 " "

PONTOS MARCADOS

Octacilio Carvalho	12 goals
João Cardoso	8 " "
José Ferraz	4 " "
Castano Germano	4 " "
Tito Carvalho	2 " "
Jorge Neves	2 " "
José Geretto	1 " "
Plinio Cardia	1 " "

FOOT-BALL ENTRE OS "MENORES"

a 26 de Março . . .	{ «Junior» do Archid. .	2 goals
	{ 2.º team Progresso . .	5 " "
a 21 de Abril . . .	{ Junior	0 goal
	{ Progresso, 2.º team . .	1 " "
a 13 de Maio . . .	{ Junior	3 goals
	{ Brastleiro	0 " "
a 15 de Maio . . .	{ Junior	4 goals
	{ A. A. Brasileira . . .	1 " "
a 17 de Setembro .	{ Junior	3 goals
	{ Medios	4 " "

1.º TEAM DO «JUNIOR»

Cintra
Ozorio — Leme
Agenor — Pedro — Dario
Christim — José — Cardoso — Lauro — Cotrim

Fonte: Échos do Collegio Archidiocesano de São Paulo, Revista Periódica, nº8, 1916, p.33. Acervo do Memorial do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo

A relevância dada à prática do futebol no Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo pelos Irmãos Maristas fez com que as notícias sobre esse esporte recebesse um destaque maior na revista Échos.

A nota acima sobre a “Chronica Sportiva” ajudou a desvelar um pouco mais o olhar dos Irmãos Maristas para esse evento esportivo, pois de fato, para eles, o *Foot-Ball* contribuía na motivação para manter os alunos animados, pois nessa época a maioria dos alunos estudava em regime de internato, ou seja, período integral, onde a dedicação aos estudos despendia uma sobrecarga emocional elevada, em espaços confinados e sem luz (indo de encontro aos preceitos higiênicos), como destacado abaixo:

Como é digno de compaixão o moço que, no verdor dos annos indifferentes as grandes scenas da natureza e aos prazeres do *sport* vive tristemente as longas horas, dos seus lazeres num quarto isolado, engolfado em leituras muitas vezes malsãs, privado de luz, oxygênio, de sol, entregue a melancolicos loliloquios que lhe arruinam a moralidade (ÉCHOS, 1916, p.33).

Outro dado interessante refere-se ao número de jogos que os times do colégio realizaram, no período de Março a Outubro. Os times jogaram 18 partidas, considerando os jogos realizados pelos times internos do próprio colégio e os jogos realizados com outras associações esportivas da capital.

Imagem 37: 1º e 2º *Team* de Foot-Ball dos Menores do Colégio de 1917



Fonte: Échos do Collegio Archidiocesano de São Paulo, Revista Periódica, nº9, 1917, p.36. Acervo do Memorial do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo

Imagem 38: *Team* dos Maiores do Colégio de 1917



Fonte: Échos do Collegio Archidiocesano de São Paulo, Revista Periódica, nº9, 1917, p.36. Acervo do Memorial do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo

Imagem 39: *Team dos Médios do Colégio de 1920*



Fonte: Échos do Collegio Archidiocesano de São Paulo, Revista Periódica, nº12, 1920, p.20. Acervo do Memorial do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo

Imagem 40: Retrospecto Geral dos Jogos de Futebol do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo em 1922

RETROSPECTO GERAL				
<i>Jogos do "Progresso" durante o anno de 1922</i>				
				Score
Progresso	vs.	S. Bento		3 × 1
Progresso	vs.	Athenas F. C.		2 × 1
Progresso	vs.	S. Bento		2 × 3
Progresso	vs.	S. Bento		2 × 1
<i>Jogos do "A. Maiores F. C." no decorrer de 1922</i>				
				Score
Maiores	vs.	Antigos		4 × 2
Maiores	vs.	Mackenzie		5 × 0
Maiores	vs.	Braz		4 × 2

Fonte: Échos do Collegio Archidiocesano de São Paulo, Revista Periódica, nº14, 1922, p.38. Acervo do Memorial do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo

Como já descrito anteriormente os jogos amistosos se faziam presentes no colégio. Porém, um detalhe na imagem acima nos chamou a atenção, que é o fato do time dos Maiores do colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo ter realizado um jogo amistoso contra os antigos alunos do mesmo colégio.

Parece que por meio do *Foot-Ball*, o colégio ajudava a manter o elo com seus ex-alunos. Podemos observar essa ligação entre alunos e ex-alunos do colégio, também em outro: registro do que foi descrito assim:

13 de Maio - Maiores F.C. 4 vs Antigos F.C. 2 – Convidados os Maiores a um jogo amistoso com os antigos colegas que ora cursam as diversas faculdades de S. Paulo, accederam ao convite, dando-se o embate no *ground* dos Médios. Apesar do pouco treinamento dos nossos, venceram aos colegas por 4 contra 2 (ÉCHOS, 1922, p.38).

Hobsbawn e Ranger (1997) acreditam que esse elo entre os alunos antigos e os alunos atuais do colégio, ou como os autores preferem identificar “construção de redes de interação”, vinha a atender aos interesses da elite tradicional em desenvolvimento.

E aí, pode-se dizer, que está a importância da instituição dos “alunos antigos”, “ex-alunos” ou “Alte-Herren”, que ora evoluía, e sem a qual não poderiam existir como tais as “redes de alunos antigos”.

Hobsbaw e Ranger (1998) ressaltam que as “redes de alunos antigos”, surgiram em 1870, na Grã-Bretanha, e nos Estados Unidos, na década de 1870. Essas redes informais criadas pelas escolas e faculdades, se fortaleciam pela continuidade familiar, pela sociabilidade empresarial e pelos clubes, tornando se mais eficazes que as instituições formais, no que se refere ao desenvolvimento da elite.

De acordo com os autores, a ideia era formar um círculo de homens cultos que de outra maneira não se conheceriam e assim demonstravam não só sua fortuna e seus vínculos entre gerações como sua influência sobre a geração mais jovem.

Por fim, Hobsbaw e Ranger (1998, p.305) definem essa rede como:

O artifício informal básico para a estratificação de um sistema teoricamente aberto e em expansão era a escolha individual de parceiros sociais aceitáveis, o que era conseguido acima de tudo através da velha aristocracia ao esporte, transformando num sistema de disputas formais contra antagonistas considerados à altura em termos sociais.

Ao debruçarmos no contexto da propagação do *Foot-Ball* no colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo, e refletirmos sobre esse cenário, verificamos novamente a influência das escolas europeias, no que diz respeito ao sistema de desenvolvimento da elite dominante por meio do esporte.

Primeiro, a mobilização dos alunos por meio dos “*Clubs*” internos de futebol, onde eram promovidas as eleições pelos associados do clube para definirem a presidência, e os demais cargos diretivos, assim como a definição do capitão da equipe.

Em seguida, a organização dos jogos amistosos internos e externos contra os outros colégios e por fim o vínculo esportivo onde esses ex- alunos poderiam estar jogando *Foot-Ball* nos Clubes que disputavam a Liga de Futebol Amadora, reforçando essa rede de interação do *Foot-Ball*, e porque não arriscar em afirmar o possível vínculo social com os alunos antigos do colégio.

Essas redes informais traspuseram os muros da escola e continuaram a se expandir com os torneios escolares.

6.2 A Liga Escolar de Futebol

Não foi possível identificar nos anuários *Échos* consultados do acervo do colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo, e nem precisar com mais profundidade nas outras fontes consultadas (como o anuário do Colégio do São Bento e o acervo do Jornal o Estado de São Paulo), dados acerca da fundação da liga escolar de *Foot-Ball*.

Optamos, portanto, em nos comprometer a trazer a tona um assunto que até esse momento, pouco apareceu nas literaturas que abordam a temática do *Foot-Ball* nesse recorte histórico, fazendo-nos refletir e hipotetizar o quanto os colégios da época puderam contribuir, indireta ou diretamente, para a propagação e a consequente massificação do futebol em São Paulo.

Os primeiros indícios sobre a existência de uma *Liga Gymnasial* de *Foot-Ball* surgiram durante o processo de levantamento dos dados sobre a prática do *Foot-Ball* no colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo, na revista *Échos* de 1910.

Imagem 41: Jogadores da Liga Gymnasial do Colégio de 1910 – Maiores



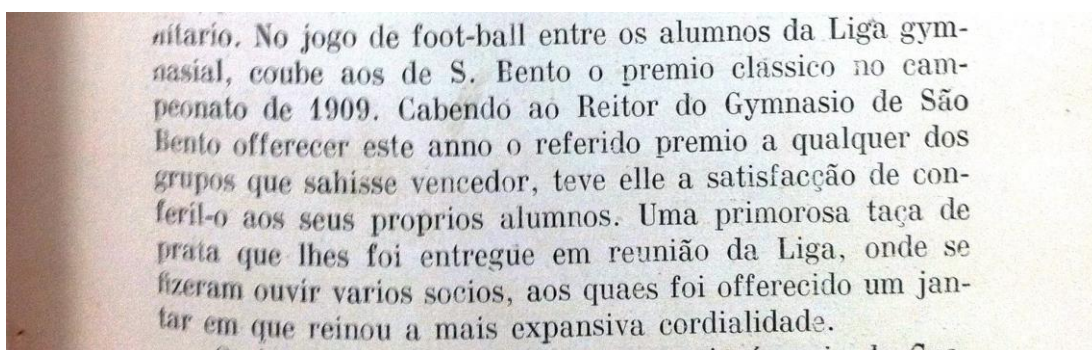
Fonte: *Échos* do Collegio Archidiocesano de São Paulo, Revista Periódica, nº2, 1910, p.32. Acervo do Memorial do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo

As informações encontradas no *Échos* não apresentavam maiores detalhes sobre essa liga, simplesmente resumiam-se a registrar a participação da equipe dos alunos Maiores do colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo no “*match*” realizado contra o colégio de São Bento na *Liga Gymnasial*.

A partir deste achado, buscou-se informações que pudessem acrescentar à pesquisa sobre a Liga Gymnasial, no acervo do Colégio de São Bento.

O primeiro registro da participação do Colégio São Bento de São Paulo está datada em 1909, conforme imagem abaixo do Anuario (1909, p.23):

Imagem 42: Conquista do campeonato de 1909 da Liga Gymnasial pelo Ginásio São Bento



Fonte: Anuario do Gymnasio de S. Bento em S. Paulo , 1º anno, 1909, p.23. Acervo do Ginásio de São Bento de São Paulo.

Imagem 43: 1º *Team de Foot-ball* do Gymnasio – Vencedor da Taça do Campeonato de 1909.



Fonte: Anuario do Gymnasio de S. Bento em S. Paulo, 1º Anno, 1909, p. 77. Acervo do Ginásio de São Bento de São Paulo

No ano de 1910 houve êxito da equipe do Colégio São Bento que participou do campeonato desta liga, obtendo o 2º lugar, ficando em 1º lugar a equipe da Escola Americana:

“No *Sport de Foot-Ball* se empenharam varias vezes os *teams* do Gymnasio, que ficou collocado em segundo lugar na Liga Gymnasial” (ANNUÁRIO, 1910, p.11).

O jornal “O Estado de São Paulo” na edição de 22 de Novembro de 1910, página 6, fez menção sobre o campeonato da Liga Gymnasial, na seção de *Foot-Ball*, conforme imagem abaixo:

Imagem 44: Notícia sobre a Liga Gymnasial de *Foot-Ball* no jornal O Estado de São Paulo, em 1910.



Fonte: O Estado de São Paulo, edição de 22 de Novembro de 1910, p.6. Acervo Estadão

A Liga Gymnasial de *Foot-Ball* era um evento prestigiado pela elite da época, como pudemos analisar no trecho acima, onde a comemoração da equipe vencedora foi realizada em uma “Rotisserie Sportman”, evento esse organizado pela própria liga, conforme nota do jornal O Estado de São Paulo (1910, p.6):

A mesa que se achava caprichosamente ornamentada com flores naturaes sentaram-se os Srs. Edgard Nobre de Campos, presidente da Liga Gymnasial, G. E. Steward; Rufus K. Lane, diretor da Escola Americana [...]. O srs. D. Pedro Eggerasth, reitor do Gymnasio de São Bento, Augusto Brant de Carvalho, presidente da A.A. das Palmeiras, excusaram-se por carta por não porem comparecer ao banquete. A série de brindes foi encerrada pelo presidente da Liga, que levantou a sua taça em honra do sr. Luiz Fonseca, estimado presidente da Liga Paulista de *Foot-ball* como supremo representante de todas as associações que cultivam em S. Paulo o salutar sport inglez.

A autoridade ligada à entidade organizadora do evento se fazia presente na figura do Sr. Edgard Nobre de Campos presidente da Liga Gymnasial, assim como os representantes das equipes homenageadas. A representatividade da Liga Gymnasial, se dava por conta da presença do presidente da Liga Paulista de *Foot-Ball*, o Sr. Luiz Fonseca, o qual o jornal faz menção como o supremo representante de todas as associações que cultivavam o futebol em São Paulo.

Os registros encontrados no Anuário (1914, p.8) do colégio São Bento, apontam para a existência da “Liga Collegial” e da “Liga Infantil”, além da Liga Gymnasial, como segue:

Conseguiram brilhante victoria no corrente anno, tanto o *Club* do Gymnasio de S. Bento, filiado à “Liga Collegial”, como o *Club* Infantil filiado a “Liga Infantil”. Concorreram à disputa do campeonato da Liga Colegial, os seguintes Clubs: São Bento, Luzitano, Anglo Brasileiro, Macedo Soares e Oswaldo Cruz.

A partir das citações anteriores, amplia-se o espectro de colégios que praticavam o *Foot-ball* na cidade de São Paulo no referido período, à ponto de se envolverem em ligas escolares. Ou seja, pressupomos de que algum modo estes colégios fomentavam a prática deste esporte, seja nos Recreios, nas aulas de Educação Física ou com equipes de treinamento (a partir dos “clubs”). E também a partir delas se amplia nossa compreensão acerca da rede de formas de organização do *Foot-Ball* no início do século XX, principalmente com a colaboração das escolas, que mais do que possuir times de diferentes faixas etárias (muitos deles organizados em “clubs” do colégio) organizavam-se para alimentar e manter vivos os jogos de mais de uma liga escolar. A existência de uma liga infantil também nos faz refletir acerca de todo um sistema que estava sendo constituído para o desenvolvimento do futebol.

A mídia impressa também acompanhava os jogos da Liga, inclusive informando os leitores dos jogos que seriam realizados como veremos abaixo:

Imagem 45: Notícia sobre a Liga Escolar no Jornal O Estado de São Paulo, em 1906.

LIGA INTER-ESCOLAR
 Realiza-se hoje ao meio-dia, no campo do S. C. Internacional, a quinta prova do campeonato inter-escolar, sendo contendores os teams do *Gymnasio Silvio de Almeida* e do *Gymnasio Diocesano*.
 Actuará como juiz o distincto footballer do S. C. Internacional sr. Leonidas.
 Os teams estão assim organizados:
Gymnasio Silvio de Almeida
 Dudú
 Dinorah—Lynneu
 Marcondes—Rodoválho—Synosio
 João—Catão—Flores—Cintra—Hermes
 |
 Arantes—Celso—Valencio—Acaçio—Cajado
 Camargo—Maneco—Jeronymo—Aridio—Dudú
 Plínio
Gymnasio Diocesano
 —No campo do Lyceu do Sagrado Coração de Jesus realisa-se hoje o primeiro match da liga collegial entre os teams do S. S. Lyceu e do S. C. São José.
 O match terá começo ao meio-dia em ponto.
 Eis a organização dos teams:
 S. C. Lyceu
 Salvo
 Flores—Dacio
 Castano—Fires—Calixto
 Hilario—Fellegrini—Rachou
 Ernesto—Harbora
 |
 Euclides—Pandolfi—Barros—Maggi—Mourn
 Ferrari—Achilles—Haroldo
 Acclino—Candido
 Helio
 S. C. São José
 —Realiza-se hoje um match-training entre o primeiro e segundo teams do Club Athletico Phoenix.

Fonte: O Estado de São Paulo, edição de 29 de Junho de 1906, p.4. Acervo Estadão

A valorização pela mídia impressa, especialmente de um jornal de grande circulação na cidade, nos causa a impressão que, ou isto era veiculado porque nestes jogos das ligas se envolviam os colégios tradicionais, cristãos e eletizados da cidade, e portanto, as pessoas de prestígio, poder político e que letrados e cultos, comprariam o jornal. E/ou porque estava se constituindo um interesse por parte dos leitores deste jornal acerca do *Foot-Ball*., tamanho impacto social que já estava tendo este esporte na sociedade paulistana no início do século XX (não só pelo movimento dos clubes, mas também das escolas).

A nota acima informa sobre a realização dos jogos da Liga Escolar, entre os *teams* do Gymnasio Sylvio de Almeida e do Gymnasio Diocesano, nos permitindo algumas inferências associações.

O Gymnasio Diocesano, o qual o jornal se refere em 1906, era administrado pelos Padres Capuchinos de Sabóia, padres estes que até 1908 administravam o colégio Diocesano (antes dos Irmãos Maristas assumirem), que mais tarde como já relatado anteriormente, ficou conhecido como Colégio Marista Arquidiocesano.

Portanto, podemos afirmar que no Colégio Diocesano também existia a prática do futebol em 1906, pelo fato de existir uma equipe do colégio participando da Liga Escolar.

Na seção de esporte (O Estado de São Paulo, edição de 29 de Junho de 1906, p.4), destacado acima, o texto do jornal informava sobre o “*Match*” (*jogo*), ressaltando os nomes dos jogadores de cada equipe e possivelmente a distribuição dos mesmos em campo, com o intuito de “facilitar a familiarização do leitor com o futebol” RIBEIRO (2012).

Ainda na mesma seção, é anunciada uma partida da Liga Collegial de futebol, entre as equipes S.S Lyceu e S.C. São José, sendo essa o primeiro jogo da Liga Collegial que será realizado no campo do Lyceu do Sagrado Coração Jesus.

E novamente a liga Infantil é mencionada, que não ficando para trás, recebia também seu apreço pela mídia impressa como destacado abaixo:

Imagem 46: Notícia sobre a Liga Infantil no jornal O Estado de São Paulo, em 1905.



Fonte: O Estado de São Paulo, edição de 10 de Junho de 1905, p.2. Acervo Estadão

Imagem 47: Notícia sobre a Liga Infantil no jornal O Estado de São Paulo, em 1914.

Liga de Foot-ball Infantil — Conforme estava annunciado, realisou-se hontem, no ground do Gymnasio Anglo-Brasileiro, o primeiro match da Liga de Foot-ball Infantil, o qual foi disputado pelos teams Macedo Soares e S. Bento. Sahiu vencedor o Macedo Soares, por 2 goals a 1. Ambos os teams foram muito applaudidos pela assistencia. Actuou como referec o dr. Fernando de Macedo Soares.

Fonte: O Estado de São Paulo, edição de 04 de Maio de 1914, p.7. Acervo Estadão

A partir da análise das datas das imagens 46 e 47, constatamos que pelo menos durante nove anos esta liga infantil existiu (1905 a 1914), propondo jogos que mereciam destaque nos anuários dos colégios e na mídia impressa. Ou seja, praticamente, por pelo menos 10 anos, se incentivou a prática e a competição de *Foot-Ball* entre as escolas paulistanas, tanto para o público infantil como juvenil.

As ligas escolares, pareciam se constituir réplicas fiéis dos campeonatos organizados pela Liga Paulista de *Foot-Ball* de São Paulo, assim como, aparentavam fomentar a prática deste esporte nos colégios paulistanos, indo ao encontro de uma tendência da época (do associativismo e da prática esportiva, principalmente da Ginástica e do *Foot-Ball*) e de um ideal da elite paulistana (de higiene, de glamour, de influência europeia, de destaque social).

As notas de jornais da seção de esportes traziam informações dos jogos da Liga Paulista de *Foot-Ball*, que participam as equipes de clubes como Clube Atlético Paulistano, Internacional, A.A. São Bento, A.A. das Palmeiras e etc. Sendo que em seguida sempre davam destaque aos jogos das ligas escolares, onde, alguns jogos eram realizados nos campos dos times que disputavam a Liga Paulista de *Foot-Ball*.

Os dados apresentados nessa pesquisa até o momento sobre essa temática pretendem ampliar nosso olhar sobre o movimento escolar e o futebol, promovendo uma reflexão sobre o quanto as equipes escolares puderam contribuir para a propagação e

consequente massificação, do futebol em São Paulo, principalmente se analisarmos os fios que tecem esta rede do futebol na cidade, como as práticas das escolas, os *clubs* internos, os jogos amistosos, a organização das ligas, os eventos e as publicações acerca desse assunto.

Vale ressaltar que o objetivo principal dessa pesquisa foi evidenciar a contribuição do colégio Marista Arquidiocesano para esse processo, entretanto, não poderíamos deixar de fazer esta análise, que se relaciona ao tema, por seu caráter inédito e também de relação ao tema.

A abordagem das ligas escolares para essa pesquisa contribuiu de forma significativa para a realização de um delineamento da trajetória do futebol nos ambientes escolares e extras escolares, dentro do recorte histórico pesquisado.

O futebol no período estudado atingiu uma representatividade social, que se iniciava nas escolas particulares, estendia-se para os clubes elitizados, que provavelmente recebia esses ex-alunos e ofereciam a possibilidade de continuarem praticando o “*Sport Bretão*” nos campeonatos organizados pela *Liga Paulista de Football*. Relações estas que foram possíveis de serem levantadas pelas fontes desta pesquisa, mas que, sem dúvida, merecem mais atenção e debruço dos pesquisadores.

CAPÍTULO 7

Descobertas e novos caminhos para Reflexão

Para finalizar este trabalho de caráter histórico, começamos a trazer à memória o trajeto histórico de nossa relação com a pesquisa e principalmente com o colégio, apontando de forma gradual e contextualizada, como as fontes foram se desvelando e se relacionando entre si, atendendo ao objetivo da pesquisa (e alguns momentos, indo além disso).

Ao adentrar pela primeira vez no “Tradicional” Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo, em meados de Setembro de 2011, houve um deslumbramento com a “grandeza” desta Instituição de Ensino. Grandeza, na magnitude do termo, espaços internos amplos, a arquitetura original do prédio de 1935, se contrastando em harmonia com as atuais. Várias quadras poliesportivas separadas de acordo com as turmas, ou seja, o espaço preferencialmente para os pequenos, médios e os grandes. A capela muito encantadora, que reforça os princípios dos Irmãos Maristas. Enfim, um espaço que nos fez voltar no tempo, e que nos inspirou para a pesquisa histórica que pretendíamos.

O contato com as fontes do colégio, cuidadosamente organizadas e mantidas, foi gradativamente nos proporcionando imergir neste passado separado por quase um século, e nos evidenciando uma relação tênue entre passado e presente.

As práticas esportivas sempre estiveram presentes na ideologia dos Maristas, como redigido no Guia das Escolas, (4ª edição, versão traduzida de 1942), documento esse que foi constituído ao longo de muito tempo de atuação pedagógica desses Irmãos ainda na França, respeitando sempre os princípios de seu Fundador Marcelino Champagnat.

Com a chegada dos Irmãos Maristas ao Brasil, e em específico em São Paulo, após assumirem a direção do Colégio Diocesano em 1908, deram início ao processo de reestruturação pedagógica no colégio, fundamentados por toda uma ideologia europeia,

que valorizava os princípios religiosos, pedagógicos e as práticas corporais durante as aulas de Educação Física e nos recreios.

Conforme apontado nesta pesquisa, no Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo, a Ginástica e a Instrução Militar se faziam presentes como práticas regulares, sendo que a primeira vinha ao encontro dos princípios do movimento higienista da época, que cultuava um corpo forte, sadio, além de incutir os hábitos higiênicos aos alunos do colégio. Já a Instrução Militar no contexto escolar, vinha atender os interesses da sociedade republicana, incutindo os valores do patriotismo e da disciplina objetivando atingir um número elevado de adolescentes e jovens para se cumprir seus propósitos: “fazer do aluno um futuro guarda nacional, um defensor da pátria” (SOUZA, 1998, p.179).

Porém, foi a partir dos momentos de lazer durante o recreio, que se deu início à prática do *Foot-Ball* no Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo. Os registros encontrados neste colégio e em outros pesquisados apontam para o *Foot-Ball* como uma prática corporal, muito comum nos colégios particulares e de ensino religioso no período dessa pesquisa.

No Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo, o esporte também recebia total apoio dos Irmãos Maristas, o que se evidenciou pela oferta de todas as condições necessárias para a prática do *Foot-Ball*, como espaço físico (3 campos, sendo um específico para o futebol), bolas, uniformes de jogo, incluindo sua menção nos anuários e nas solenidades festivas dentro e fora do colégio. E manter tudo isso, sem dúvida, era custoso para o colégio, ainda mais se lembrarmos (que alguns desses materiais eram importados da Inglaterra)

Pode-se dizer a Educação Física (manifestada por meio dos jogos e pela ginástica) faz parte da “tradição” da proposta pedagógica dos Irmãos Maristas, indo ao encontro do que apontam Hobsbawn e Ranger (1997, p.9), a “invariabilidade é uma

característica da tradição, seja ela inventada ou não”. Sendo que a prática do Foot-Ball, tornou-se um costume no Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo no período estudado.

E este incentivo foi decisivo para que a sua prática se proliferasse em seu interior, tendo como consequência sua melhor organização. Organização esta que ficou evidente a partir das fontes, nas imagens de vários times e no surgimento do associativismo interno, onde os próprios alunos elegiam seus representantes diretivos como Presidente, *Captain* entre outros, que eram responsáveis pela organização dos campeonatos internos dos *Clubs*, (“Infantil Esperança”- pequenos; “Progresso”- médios e da “Liga Gymnasial”- maiores) no colégio. Vale ressaltar que esta estruturação parece também ter sido influenciada pelo movimento clubístico que vivia a cidades de São Paulo na época, com a fundação de vários clubes, que em sua maioria tinham seu foco voltado para a prática do futebol; assim como, pela passagem de times ingleses pelo Brasil e a estruturação da Liga Paulista de *Foot-Ball*.

E, essa mobilização ou estruturação interna, por partes dos alunos, professores e gestores do colégio, contribuiu para a propagação do *Foot-ball*, num primeiro momento internamente, como foi demonstrado nesta pesquisa (principalmente na tabela 5), não só pelo número de times que o colégio teve ao longo de um período de 22 anos, mas também pela sua presença no dia a dia escolar, fazendo que demais alunos não praticantes e demais profissionais tomassem contato, e, gradativamente, se sentissem mais familiarizados com ele (dentro e fora do colégio).

E num segundo momento, colaborou com esta propagação externamente, por meio da participação dos times nos jogos das Ligas escolares, outro importante achado desta pesquisa. Ou seja, ao permitir e incentivar que seus alunos participassem dos campeonatos das ligas escolares (infantil e ginásial), o colégio, além de atender a

objetivos de ordem política, financeira e social, também colaborou para a propagação do *Foot-Ball*, pois vários pais de jogadores, a comunidade escolar, a elite envolta a estes alunos e a comunidade em geral (gradativamente), iam prestigiar com entusiasmo estes jogos (conforme nos apontaram algumas fontes). Além disso, a existência destes times e das ligas escolares fomentava todo um novo sistema esportivo em prol deste esporte, que estava se constituindo na cidade, e em todo o país, como a Liga Paulista de *Foot-Ball* do Estado de São Paulo e os times de *Foot-Ball* dos recém inaugurados clubes paulistanos (de diferentes faixas etárias).

Assim como o colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo, outros colégios particulares participavam dos campeonatos organizados pelas ligas escolares, como: o ginásio São Bento, colégio Americano, Gymnasio Anglo-Brasileiro, colégio Macedo Soares, o que vem fortalecer a hipótese inicial da pesquisa acerca da contribuição, de maneira mais ampla, dos colégios particulares paulistanos para a propagação do futebol no Brasil no início do século XX.

Os jogos da Liga Escolar tinham o mesmo prestígio social que os jogos da *Liga Paulista de Foot-Ball* que tinha a participação de clubes elitizados tradicionais da cidade de São Paulo (Clube Atlético Paulistano, *Sport Club* Germânia, *Sport Club* Internacional e o São Paulo Athletic Club). Merece destaque a participação de uma escola nesta Liga: o Mackenzie College (segundo as fontes, um colégio de influência inglesa que foi pioneiro na prática e na organização de times de *Foot-ball* na cidade).

A mídia impressa da época, como o jornal “O Estado de São Paulo” fazia menção, na seção de esporte, dos jogos que foram e seriam realizados pela Liga Escolar, assim como, notificava sobre o Jantar comemorativo para celebrar a premiação da equipe vencedora, divulgando um legítimo ritual de enaltecimento da classe burguesa e do referido esporte.

Portanto, fundamentados por todos os registros contidos nesta pesquisa, fica-nos a certeza da inestimável colaboração dos colégios particulares da cidade de São Paulo para propagação do *Foot-Ball*, no início do século XX, que conjuntamente com os clubes, deram os passos iniciais e fundamentais para a futura massificação deste esporte (mesmo que num segundo momento isso possa ser mais creditado ao papel dos clubes).

Ao mesmo tempo que fica-nos esta certeza, também nos habita o desejo de que outras pesquisas sejam realizadas com esta temática (especialmente utilizando-se os valiosos acervos dos colégios), encorajadas a partir das fontes, análises, hipóteses e perguntas que foram aqui apresentadas, abrindo assim, novas perspectivas para a historiografia do futebol, para seu presente e futuro em nosso país.

REFERÊNCIAS

ANNUARIO DO GYMNASIO DE S.BENTO EM S. PAULO (1903-1912), 1º anno, São Paulo

ARCHANJO, F. M.; SIMÕES, J. L. "Mente e corpo sadio": a Educação Física e esportes nos colégios católicos do Recife durante o Estado Novo. In: **CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA, SAÚDE E CULTURA CORPORAL**, 4., Recife, 2010, p.1 -20.

BARSOTTINI, D. **A influência francesa na estruturação da Escola de Educação Física da Polícia Militar de São Paulo (1906 -1932)**. 2011. 97f. (Mestrado em Educação Física) - Universidade São Judas Tadeu – USJT, São Paulo, 2011.

BETTI, M. **Educação Física e sociedade**. Porto Alegre: Editora Movimento, 1991.

BORGES, D. C. **"Dai-me Almas e ficai com o resto" As Práticas Escolares no Gymnasio São Joaquim de Lorena, para a formação do bom Cristão e do Honesto Cidadão (1902-1928)**. 2008. 98f. (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC SP, São Paulo, 2008.

CALDAS, W. **Pontapé inicial: memória do futebol brasileiro 1894-1933**. São Paulo: Ibrasa, 1990.

CORINTHIANS. Disponível em:<<http://www.corinthians.com.br/site/clube/historia/>> Acesso em: 10 de Jan. 2013.

CRESWELL, J. W. **Projeto de Pesquisa: Métodos Qualitativos, Quantitativos e Misto**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DA SILVA, F. C. T. Futebol: Uma Paixão Coletiva. In: (ORG.) DA SILVA, F. C. T. e DOS SANTOS, R. P. (Ed.). **Memória social dos esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional**. Rio de Janeiro: Mauad Editora: FAPERJ, v.2, 2006. p.15-32.

ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difusão Editorial, 1992.

ESPERIA. Disponível em :<<http://www.esperia.com.br/institucional/clube.asp>> Acesso em: 10 de Jan. 2013.

ESPORTE CLUBE PINHEIROS. Disponível em:
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Esporte_Clube_Pinheiros> Acesso em: 10 de Jan. 2013.

FANZINI, F. A futura paixão nacional: chega o futebol. In: PRIORE, M. e DE MELO, V. A. (Org.). **História do Esporte no Brasil: do Império aos dias atuais**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

FRISSELLI, A.; MANTOVANI, M. **Futebol: Teoria e Prática**. São Paulo: Phorte, 1999.
FURET, J. B. **Vida de São Marcelino José Bento Champagnat**. São Paulo: SIMAR, 1999.

FURET, J. B.; COLABORADORES. **Guia das Escolas para uso nas casas dos Pequenos Irmãos de Maria**. 2ª. ed. Brasília: UMBRASIL, 2009.

GALLATI, L. R. **Esporte e clube sócio-esportivo: percurso, contextos e perspectivas a partir de um estudo de caso em clube esportivo espanhol**. 2010. 305f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5ª. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2010.

GÓIS JÚNIOR, E.; SIMÕES, J. L. **História da Educação Física no Brasil**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2011.

GRUPO MARISTA. Disponível em: < <http://www.grupomarista.org.br/institucional-maristas-no-brasil/D4>> Acesso em: 28 de Jan. 2013).

HOBSBAWN, E. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HOBSBAWN, E.; RANGER, T. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

IRMÃO ADORÁTOR (Org.). **Vinte anos de Brasil**. Curitiba: Editora Universitária Champagnat, 2005.

LIGA PAULISTA DE FUTEBOL. Disponível em:

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Liga_Paulista_de_Futebol> Acesso em: 10 de Jan. 2013.

LIMA, J.; COLABORADORES. **História do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo**. Grifo Projeto Histórico e Editoriais, 2007. Disponível em: < <http://200.231.66.1:8080/griffo/site/historia.pdf> >. Acesso em: 15 jun. 2012.

LUCENA, R. DE F. **O esporte na cidade: aspectos do esforço civilizador brasileiro**. Campinas, SP: Autores Associados, chancela editorial CBCE, 2001.

MACKENZIE. **126 Anos de ensino: valores acima do tempo**. São Paulo: Prêmio, 1997.

MAGALHÃES, L. G. **Histórias do Futebol**. São Paulo: Arquivo Público do Estado, 2010.

MALLEA, J. R. The Victorian Sport Legacy. **McGill Journal of Education / Revue des sciences de l'éducation de McGill**. McGill University Canadá v. 10, n. 02, p. 183-196, 1975.

MARISTA, C. I. D. E. **Missão educativa Marista: um projeto para o nosso tempo / Comissão Interprovincial de Educação Marista (1995-1998)**. 2ª. ed. São Paulo: Simar, 2000.

MARTINS, A. D. C. **Contexto histórico e social da obra educativa de Champagnat**. Rio Grande do Sul: EDIPUCRS, 1989.

MASON, T. **Association football and English society, 1863-1915**. New Jersey: Humanities Press Inc., 1980. 350

MÁXIMO, J. Memória do Futebol Brasileiro. **Revista Estudos Avançados - Dossiê Memória**, v. 13, n. 37, p. 179-188, set./dez.1999. 1999.

MAZZONI, T. **História do Futebol no Brasil (1894-1950)**. São Paulo: Editora Leia, 1950.

MILLS, J. R. **Charles Miller: o pai do futebol brasileiro**. São Paulo: Panda Books, 2005.

MURRAY, B. **Uma história do futebol**. São Paulo: Hedra, 2000.

NUNES, I. D. M. L. **Ideal Mariano e docência: a identidade feminina da Proposta Educativa Marista**. 2006. 262f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais Aplicadas) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, UFRN / Biblioteca Setorial do CCSA, 2006.

O ESTADO DE SÃO PAULO. Disponível em: < <http://acervo.estadao.com.br/procura>>. Acesso em 25 jan. 2013.

PAGNI, P. A. A prescrição dos exercícios físicos e do esporte no Brasil (1850-1920): cuidados com o corpo, educação física e formal. In: (Org.) FERREIRA NETO, A. **Pesquisa histórica na educação física**. v.2. Vitória:UFES. Centro de Educação Física e Desportos, 1997.

PALMEIRAS. Disponível em: <<http://www.palmeiras.com.br/conteudo/?categoria=Nossa%20Hist%F3ria&menu=Hist%F3ria>> Acesso em: 10 de Jan. 2013.

PAULISTANO. Disponível em :<<http://www.paulistano.org.br/historia.html>> Acesso em: 10 de Jan. 2013.

PEREIRA, L. A. D. M. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro - 1902 - 1938**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PORTUGUESA. Disponível em: <<http://www.portuguesa.com.br/fhistorico.asp>> Acesso em: 10 de Jan. 2013.

RIBEIRO, R. **O caminho da bola - 100 anos de história da FPF 1902 a 1952**. São Paulo: CNB Comunicação e Marketing, 2000.

RIBEIRO, R.R. O futebol em Belo Horizonte e a constituição do campo esportivo (1904-1921). In: SILVA, S.R. DA; DEBORTOLI, J.A. DE O.; SILVA, T.F. DA.(Orgs). **O futebol nas Gerais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

ROSENFELD, A. O futebol no Brasil. **Argumento Revista Mensal da Cultura**., n. 4, p. 61-86, fev/1974. 1974.

SANTOS NETO, J. M. **Visão do Jogo - Primórdios do futebol no Brasil**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

SCAGLIA, A. Os jogos/brincadeiras de bola com os pés e o futebol: o início de uma profícua história sistêmica/complexa. **Movimento & Percepção**, Espírito Santo de Pinhal, 2005. Disponível em: < <http://www.unipinhal.edu.br/movimentopercepcao> >. Acesso em: 17 nov. 2011.

SHIRTS, M. G. FUTEBOL NO BRASIL ou FOOTBALL IN BRAZIL? In: MEIHY, J. C. S. B. e WITTER, J. S. (Org.). **FUTEBOL E CULTURA - Coletânea de estudos**. São Paulo: Imprensa Oficial: Arquivo do Estado, 1982.

SILVIA, E. L.; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 3ª. ed. Florianópolis: **Revista Atual** - Laboratório de Ensino à Distância da UFSC., 2001.

SOARES, A. J.; LOVISOLO, H. R. Futebol: A construção histórica do estilo nacional. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas, v. 25, n. 1, p. 129-143, set. 2003.

SOARES, C.L. **Educação física**: raízes européias e Brasil. Campinas: Ed. da Unicamp, 1994.

_____. **Imagens da educação no Corpo**: Estudo a partir da Ginástica francesa no século XIX. Campinas: Ed. da Unicamp, 1998.

SOUZA, R. F. de . **Templos de civilização: a implantação da escola primária graduada no estado de São Paulo (1890-1910)**. São Paulo, UNESP, 1998.

_____. A militarização da infância: Expressões do nacionalismo na cultura brasileira. **Cadernos Cedes**, ano XX, no 52, novembro/2000. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v20n52/a08v2052.pdf>>. Acesso em: 09 jan. 2012.

THOMAS, J. R. N., J.K.SILVERMAN, S.J. **Métodos de pesquisa em Atividade Física**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

TOLEDO, L. H. D. **No país do Futebol**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

TUBINO, M. J. G. **O esporte no Brasil, do período colonial aos nossos dias**. São Paulo: IBRASA, 1996.

TRIGO, M. **O eterno futebol**. 2ª ed. Brasília: Thesaurus, 2005.

APÊNDICE**APÊNDICE A – Carta de apresentação da Pesquisa ao Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo**

CP-PGEDF 034/11

São Paulo, 21 de setembro de 2011.

Ao
COLÉGIO MARISTA ARQUIDIOCESANO DE SÃO PAULO
A/C
SRA. RAQUEL PIRINO QUIÑAS

Prezado Sr.,

Informamos que o prof. OSMAR NOVAES FERREIRA JR. desenvolve pesquisa em nível de Mestrado no Programa de Pós Graduação *Stricto Sensu* em Educação Física da Universidade São Judas Tadeu, sob a orientação da Profa. Dra. Eliana de Toledo Ishibashi. Seu estudo versa sobre a popularização do futebol pelos colégios paulistanos no início do século XIX e será realizado por meio de uma Pesquisa Documental, constituindo-se assim na sua Dissertação de Mestrado.

Por esse motivo, solicitamos o apoio dessa conceituada instituição no que for possível a fim de subsidiar seu trabalho acadêmico, uma vez que esta teve papel fundamental na História.

Atenciosamente,

Profa. Dra. Marta Luiza de Jesus Miranda
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu*

APÊNDICE B – Carta de apresentação da Pesquisa ao Colégio de São Bento



CP-PGEDF 035/11

São Paulo, 21 de setembro de 2011.

Ao
COLÉGIO DE SÃO BENTO
A/C
SRA. ANTONIO CESAR GARCIA/Ir. JOÃO BATISTA

Prezado Sr.,

Informamos que o prof. OSMAR NOVAES FERREIRA JR. desenvolve pesquisa em nível de Mestrado no Programa de Pós Graduação *Stricto Sensu* em Educação Física da Universidade São Judas Tadeu, sob a orientação da Profa. Dra. Eliana de Toledo Ishibashi. Seu estudo versa sobre a popularização do futebol pelos colégios paulistanos no início do século XIX e será realizado por meio de uma Pesquisa Documental, constituindo-se assim na sua Dissertação de Mestrado.

Por esse motivo, solicitamos o apoio dessa conceituada instituição no que for possível a fim de subsidiar seu trabalho acadêmico, uma vez que esta teve papel fundamental na História.

Atenciosamente,

Profa. Dra. Maria Luiza de Jesus Miranda
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu*

APÊNDICE C – Solicitação de autorização para citação nominal na pesquisa – Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo

E-mail ▾

←

Mais ▾

ESCREVER

Entrada

Com estrela

Importante

Enviados

Rascunhos

[Imap]/Drafts

Deleted Messages

lixo2

Migrado

Notes

Sent Messages

Mais ▾

De: osmar novaes ferreira junior [mailto:osmarfjunior@ig.com.br]
Enviada em: quinta-feira, 8 de novembro de 2012 06:25
Para: Memorial Arquidiocesano - ABEC/UCE
Assunto: Autorização de citação nominal na pesquisa - Osmar

Bom dia, Raquel.

Minha querida, estou enviando em anexo o trecho da minha dissertação, onde cito nominalmente você e o Ricardo em dois momentos na minha obra: 1º cito você e o ricardo como responsáveis pelo Acervo do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo, essa informação procede, ou haverá a necessidade de incluir mais nomes na tabela 4; 2º Evidencio a contribuição e a importância que vocês (você e o Ricardo) tiveram na construção da obra. Esse trecho foi muito elogiado pelo Professor da Banca, que pertence a UFMG.

preciso nesse tópico que vocês me enviem um email, caso concordem, que eu os cite nominalmente.

Nesse momento se faz necessário que tenhamos tudo documentado em relação aos sujeitos envolvidos (direta ou indiretamente) na pesquisa.

Também será necessário Raquel, que você me informe quem seria a pessoa responsável na instituição (nome e cargo) para que eu envie um Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), onde o mesmo autorize que o nome e os dados encontrados referentes ao Colégio Arqui, seja divulgado e se torne público.

Hoje, estarei indo no período da tarde no acervo.

Um grande abraço

Osmar

Memorial Arquidiocesano ...

memorialarqui@marista.org.br

Fotos recentes

[Mostrar detalhes](#)

APÊNDICE D – Solicitação de autorização para citação nominal na pesquisa – Colégio São Bento

E-mail ▾

← [ícone] [ícone] [ícone] [ícone] [ícone] Mais ▾

ESCREVER

Autorização de citação nominal [ícone] Entrada x

osmar novaes ferreira junior <osmarfjunior@ig.com.br> 30 jan (8 dias atrás) ☆ [ícone]

para biblioteca ▾

Boa tarde, Cezar.
Conforme nosso contato telefônico segue anexo a tabela para vossa apreciação e confirmação dos dados nela contido.
Muito obrigado

Osmar

TABELA 4 - Colégios particulares que manifestaram interesse em participar da pesquisa.

Colégio	Responsável pelo Acervo Histórico [1] [2]
Arquidiocesano de São Paulo Colégio Marista	Sra. Raquel Quirino Pinãs / Sr. Ricardo Tomasiello Pedro
São Bento Colégio	Sr. Cesar Garcia
Dante Alighieri Colégio	Sr. Rubens Massao Taira / Sr. Marcelo Figueiredo de Menezes
Mackenzie Colégio Presbiteriano	Sra. Ingrid Ribeiro da Silva

5 pessoas

biblioteca
biblioteca@mosteiro.org.br
[ícone] ▾
[Mostrar detalhes](#)

Entrada
Com estrela
Importante
Enviados
Rascunhos
[Imap]/Drafts
Deleted Messages
lixo2
Migrado
Notes
Sent Messages
Mais ▾

APÊNDICE E – Solicitação de autorização para citação nominal na pesquisa – Colégio Dante Alighieri

E-mail ▾

← [ícone] [ícone] [ícone] Mover para a Caixa de Entrada [ícone] Mais ▾

ESCREVER

Entrada
Com estrela
Importante
Enviados
Rascunhos
[imap]/Drafts
Deleted Messages
lixo2
Migrado
Notes
Sent Messages
Mais ▾

osmar novaes ferreira junior <osmarfjunior@ig.com.br> 30 jan (8 dias atrás) ☆ ↶ ▾ 5 pessoas

para mfmenezes, marcelo.menezes ▾

Boa tarde, Marcelo

Conforme nosso contato telefonico segue anexo a tabela para vossa apreciação e confirmação dos dados nela contido.
Muito obrigado

Osmar

TABELA 4 - Colégios particulares que manifestaram interesse em participar da pesquisa.

Colégio	Responsável pelo Acervo Histórico [1] [2]
Arquidiocesano de São Paulo Colégio Marista	Sra. Raquel Quirino Pinãs / Sr. Ricardo Tomasiello Pedro
São Bento Colégio	Sr. Cesar Garcia
Dante Alighieri Colégio	Sr. Rubens Massao Taira / Sr. Marcelo Figueiredo de Menezes
Mackenzie Colégio Presbiteriano	Sra. Ingrid Ribeiro da Silva

biblioteca
biblioteca@mosteiro.org.br

Mostrar detalhes

APÊNDICE F – Solicitação de autorização para citação nominal na pesquisa – Mackenzie Colégio Presbiteriano

E-mail

ESCREVER

Entrada

Com estrela

Importante

Enviados

Rascunhos

[Imap]/Drafts

Deleted Messages

lixo2

Migrado

Notes

Sent Messages

Mais

Mover para a Caixa de Entrada

Mais

<

>

Boa tarde, Sra. Ingrid Ribeiro

Segue abaixo para vossa apreciação e futura autorização da divulgação das informações contidas referente ao Acervo histórico do Colégio Mackenzie, e o seu respectivo responsável.

Na época inicial da pesquisa estive pessoalmente falando com você. Porém, se existe algum nome que deve ser inserido como responsável na Tabela 4 (abaixo), por favor o mencione, e desde já pessoa que responda no email que autorizam a divulgação de seus nomes.

Peço a gentileza de um retorno breve.

Abs

Osmar Novaes Ferreira Junior

Mestrando do Curso de Pós Graduação da USJT

TABELA 4 - Colégios particulares que manifestaram interesse em participar da pesquisa.

Colégio	Responsável pelo Acervo Histórico ^[1] ^[2]
Arquidiocesano de São Paulo Colégio Marista	Sra. Raquel Quirino Pinãs / Sr. Ricardo Tomasiello Pedro
Ginásio de São Bento	Sr. Antonio Cesar Garcia Ir. João Baptista
Dante Alighieri Colégio	Sr. Rubens Massao Taira / Sr. Marcelo Figueiredo de Meneses
Mackenzie Colégio Presbiteriano	Sra. Ingrid Ribeiro da Silva

r.ingrid

r.ingrid@mackenzie.br

Mostrar detalhes

ANEXOS

ANEXO A – Autorização da pesquisa no Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo



CP-PGEDF 034/11

São Paulo, 21 de setembro de 2011.

Ao
COLÉGIO MARISTA ARQUIDIOCESANO DE SÃO PAULO
A/C
SRA. RAQUEL ~~PIRELLI QUEIROZ~~ **QUIRINO PINAS**

Prezado Sr.,

Informamos que o prof. OSMAR NOVAES FERREIRA JR. desenvolve pesquisa em nível de Mestrado no Programa de Pós Graduação *Stricto Sensu* em Educação Física da Universidade São Judas Tadeu, sob a orientação da Profa. Dra. Eliana de Toledo Ishibashi. Seu estudo versa sobre a popularização do futebol pelos colégios paulistanos no início do século XIX e será realizado por meio de uma Pesquisa Documental, constituindo-se assim na sua Dissertação de Mestrado.

Por esse motivo, solicitamos o apoio dessa conceituada instituição no que for possível a fim de subsidiar seu trabalho acadêmico, uma vez que esta teve papel fundamental na História.

Atenciosamente,

Profa. Dra. Maria Luiza de Jesus Miranda
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu

COLÉGIO MARISTA
ARQUIDIOCESANO DE SÃO PAULO
BIBLIOTECA

Autorizada a
Pesquisa no Acervo
do Memorial.

Universidade São Judas Tadeu - www.usjt.br - 11 2799-1677
Unidade Butantã: Av. Vital Brasil, 1000 - CEP: 05503-001 - São Paulo - SP
Unidade Mooca: Rua Taquari, 546 - CEP: 03166-000 - São Paulo - SP

Ricardo Tomasiello Pedro
Bibliotecário CRB-8/6440

ANEXO B – Autorização da pesquisa no Colégio São Bento

Autorização de pesquisa e divulgação de dados  Entrada x

 **osmar novaes ferreira junior** Boa tarde, Cesar. Por favor segue abaixo o texto informando o objetivo da min... 16:51 (19 horas atrás) ☆

 **biblioteca@mosteiro.org.br** 11:05 (1 hora atrás) ☆   [Mostrar detalhes](#)

para mim ▾

Caro Osmar,

Autorizamos a divulgação do trabalho.

Att,

Antonio Cesar Garcia
Bibliotecário
Mosteiro de São Bento - SP

de: **biblioteca@mosteiro.org.br**

para: osmar novaes ferreira junior <osmarfjunior@ig.com.br>

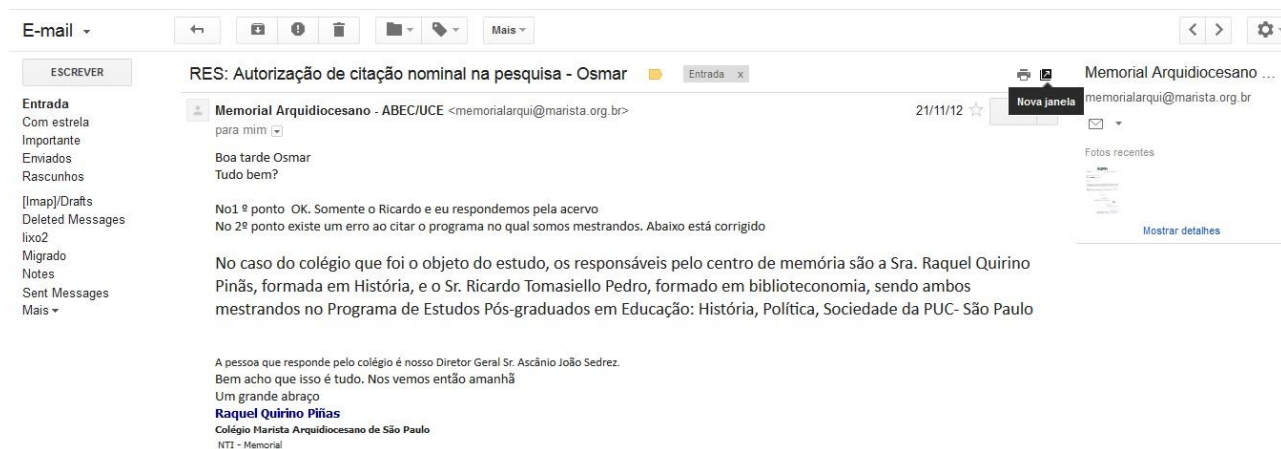
data: 6 de fevereiro de 2013 11:05

assunto: Re: Autorização de pesquisa e divulgação de dados

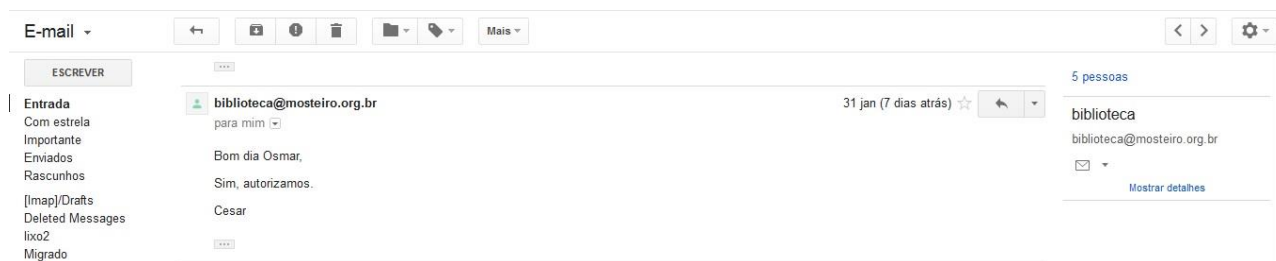
enviado por: mosteiro.org.br

 : Importante principalmente por causa da sua interação com as mensagens nesta convers

ANEXO C – Autorização para citação nominal na pesquisa – Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo



ANEXO D – Autorização para citação nominal na pesquisa – Colégio São Bento



ANEXO E – Autorização para citação nominal na pesquisa – Colégio Dante Alighieri



ANEXO F – Autorização para citação nominal na pesquisa – Centro Histórico Mackenzie

ESCREVER

Entrada
Com estrela
Importante
Enviados
Rascunhos
[imap]/Drafts
Deleted Messages
lixo2

 **Ingrid Ribeiro Souza** <ingrid.souza@mackenzie.br>
para mim ▾

7 fev ☆ ↶ ▾

Osmar, não consegui responder antes, mas preciso fazer umas considerações:
O lugar que vc veio pesquisar não foi o Colégio Presbiteriano Mackenzie, foi o Centro Histórico Mackenzie. Eu não tenho nada há ver com o colégio e nem cuido do acervo deles.
O acervo do centro Histórico é institucional.
Assim, fica mais correto vc colocar: Centro Histórico Mackenzie.
A coordenadora do espaço se chama Helen Yara Alimeyer, e eu sou historiadora responsável pela manutenção do espaço bem como o atendimento ao público. Assim, pode colocar o nome de nós duas.

3 pessoas

Ingrid Ribeiro Souza
ingrid.souza@mackenzie.br
✉ ▾
[Mostrar detalhes](#)